Diário de Lisboa

ANO 63 N.º 21 410
Março 1984
Segunda-feira

19

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

Júri de Fall River já se pronunciou

Dois dos violadores de New Bedford arriscam-se a prisão perpétua

Dois dos violadores luso-americanos de uma rapariga de 21 anos, há um ano, em New Bedford – José Vieira e Daniel Silva – foram no sábado declarados «culpados com circunstâncias agravantes», o que pode significar que venham a ser condenados, pelo tribunal de Fall River, a prisão perpétua. Não se sabe o que decidirá a Justiça no respeitante aos restantes quatro acusados do mesmo crime, e entretanto aumenta a tensão entre a comunidade portuguesa de New Bedford, que se transformou em alvo de uma violenta campanha xenófoba, motivada em parte pela ampla cobertura que a Comunicação Social tem feito do julgamento.

Pág. 7

Mário Soares à chegada a Lisboa:

É preciso corresponder aos interesses dos EUA

Mário Soares disse esta manhã no aeroporto, à chegada dos Estados Unidos, que a sua visita abriu as portas para Portugal.

O Primeiro-Ministro salientou os problemas bilaterais discutidos com os dirigentes norte-americanos, designadamente a nível económico.

Soares sublinhou que é preciso agora «corresponder aos interesses norte-americanos e realizar projectos de desenvolvimento que querem executar com capitais portugueses».

Falando sobre as conversações com dirigentes do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, o Primeiro-Ministro disse que os seus altos funcionários apreciaram o esforço de recuperação económica de Portugal, que consideram notável

A propósito da inflação em Portugal, Soares notou que os índices de Fevereiro são já animadores.

Continua na pag 20

«Uma visita que abriu muitas portas a Portugal»: foi assim que Mário Soares classificou esta manhã, já em Lisboa, a sua deslocação aos EUA.

Congresso PSD

"DL" ouve todas as tendências

Em vésperas do XI Congresso do PSD (23, 24 e 25 do corrente, em Braga), o «DL» ouviu representantes sociais-democratas de diversas sensibilidades. A série de entrevistas que fizemos, começa hoje com um depoimento de Miguel Júdice, afecto à linha Marcelo Rebelo de Sousa. Na entrevista, conduzida pelo jornalista Manuel Anta, Miguel Júdice anuncia que a sua sensibilidade só entrará para a Comissão Política do PSD «se a nossa moção vencer». E Miguel Júdice adianta: «É claro que não estamos dispostos a aplicar uma estratégia que não seja nossa».

Pág. 4

"Piratas" e "livres" da Rádio vão fazer emissão nacional

Pág. 9

Dito em nome do Governo de Bissau:

"Saúde Mariá jamais sairá da Embaixada portuguesa"

Pág. 20

UEDS não vai ao Congresso da UGT

Pág. 8

Sete Ponto Sete

ESPECIAL PRESIDENCIAIS

Os prontos a vestir e os feitos por medida

José Carlos Vasconcelos, Eduardo Prado Coelho, Marcelo Rebelo de Sousa, Helena Cidade Moura, Maria Belo e Adriano Duarte Rodrigues colaboram na edição de hoje do Sete Ponto Sete — uma edição especial de 12 páginas, quase inteiramente dedicada às eleições presidenciais de 1985. O Sete Ponto Sete faz o ponto da situação ao apresentar os candidatos «naturais» e os candidatos «fabricáveis» de que, já hoje, se fala na cena política.

Porto deslumbra Alvalade

Poucas horas antes de viajar até terras soviéticas, o F.C. Porto (comandado à distância por Pedroto e na linha lateral por António Morais, desceu a Alvalade, deu um autêntico «show» de bola, com alto mérito para o quarteto que dominou no meio-campo do reduto verde-branco: Jaime Pacheco, Sousa, Frasco e Jaime Magalhães, que tiveram numa defesa comandada pelo talento de João Pinto e pela classe de Eurico, porta mais uma vez fechada até Zé Beto. Na imagem: centro de Futre, estorvado por Frasco, depois de ultrapassados João Pinto e Lima Pereira. Mas o Sporting ficaria a zero.

Pág. 13

a opinião dos outros

Diário de Notícias

«Um pouco por circunstâncias estranhas à diplomacia portuguesa, a viagem que o Presidente da República efectuou, na semana passada, a África acabou por se revestir de um significado que ultrapassa em muito o que se esperava e visava aquando da sua preparação. Não nos referimos tanto ao sucesso das conversações havidas entre a comitiva portuguesa e os dirigentes de São Tomé, Zaire e República do Congo, designadamente neste último caso, embora também aí os resultados da viagem parecem ter sido amplamente positivos, conforme referem as notícias entretanto chegadas. Mas o que, sem sombra de dúvida, emprestou a esta visita o maior alcance e, constantemente, marcou os diversos discursos durante ela proferidos foi, sobretudo, o pano de fundo das negociações entre Pretória e dois dos Estados africanos de expressão portuguesa.

Aparentemente, trata-se apenas de uma coincidência. Portugal teve um papel importante na criação de um ambiente para o que ali se está a passar, como, aliás, recentemente referiu um representante da África do Sul em Lisboa, mas é um facto que a determinação próxima dos acontecimentos se deve quase, em exclusivo aos Governos neles envolvidos. Para sermos mais exactos, deve-se a Portugal o rápido reatar de relações com os territórios antigamente suas colónias que, por um processo mais ou menos conturbado, acederam à independência e que, desta forma, mantiveram sempre uma porta aberta para a intensificação de contactos com o mundo ocidental. (...)»

do editorial
19.3.84

o diário

«Mário Soares, definido por Reagan como o «meu muito especial amigo», usa nos EUA uma linguagem que Salazar, se houvesse atravessado o Atlântico na época de Truman e McCarthy, não ousaria empregar. Em jantar com Rockefeller oferece Portugal aos banqueiros da Wall Street; em encontro com Reagan pede-lhe que seja seu intermediário junto do Fundo Monetário Internacional; em diálogo com Weinberger diz-lhe que a USAF e a US Navy podem dispor livremente do território português.

Mota Pinto, versão actualizada de Abranhos, fala das Forças Armadas que fizeram o 25 de Abril como se elas fosem um instrumento da política do Governo. Alude à Revolução como se tivesse sido um flagelo e, em sentenças elípticas, quase admoesta os capitães pela epopeia do ano 74.

Os gestores do Banco Espírito Santo emprestam dinheiro do Povo português à família Espírito Santo para que ela desenvolva os seus negócios no Paraguai.

Três bancos nacionalizados (está mais um na fila) emprestam dinheiro aos Mellos para que eles, associados a bancos estrangeiros, possam criar em Portugal um banco privado. Mas não há dinheiro para que grandes empresas nacionalizadas paguem os salários aos seus trabalhadores. (...)

Tudo isso e muito mais está a acontecer em Portugal decorridos dez anos sobre a jornada em que as Forças Armadas e o povo, unidos, derrubaram o fascismo. (...)»

de Miguel Urbano Rodriges
19.3.84

O GLOBO

«Lucas Pires afirmou ao programa «Cartas na Mesa» da Rádio Renascença que esta altura, ao contrário do que disseram o PS e o PSD não pode ser mais oportuna para uma revisão constitucional. Afirmou ainda o presidente do CDS, que segundo o relatório recente do Banco Mundial, ascendem a 350 milhões de contos as responsabilidades do Estado em relação ao sector público.

Os dois partidos da coligação são, por sua vez, acusados por Lucas Pires de imobilismo, não querendo que nada mude. Aliás esta atitude, em desacordo com a opinião do líder centrista, é perfeitamente compreensível. O pior vai ser, porém, no dia que nos nossos bolsos só encontrarem cotão... o que já não falta muito. Depois vamos ver quem vai continuar a pagar a ruinosa exploração dos negócios estatais em que o povo foi embalado com o «slogan» revolucionário «nacionalizado nosso» e cujos prejuízos têm estado a pagar com língua de palmo».

19.3.84

O DIA

«Alguém definiu «democracia partidária estável» (i.e., aquela em que se formam sempre maiorias governantes previsíveis) como o regime das classes médias. Não o regime em que estas estão no poder, mas aquele que as mesmas apoiam, em troca de um mínimo de segurança jurídica e económica.

Historicamente as democracias electivas estabilizadas foram as que mais se afastaram da realidade e do prinúpio da dissolução partidária, aş que tenderam para a autocracia (França Gaulista) para o bipartidarismo (Grã-Bretanha e EUA) ou formas de «bipolarização» (desde que os dois pólos concordassem minimamente na manutenção do sistema). Conjugando estes dois dados, a «democrcia partidária estável» parece ser o sistema representativo onde há uma clara definição do núcleo de poder político, e em que o consenso de uma classe intermédia assegura calma social.(...)»

de Nuno Rogério
19.3.84

Dez anos depois, que significa para si o 25 de Abril?

● *Os textos concorrentes só podem ser entregues até ao fim de Março*

Regulamento

Estamos a menos de um mês do fim do prazo de recebimento de textos concorrentes – o prazo caduca, sem apelo, no último dia do corrente mês de Março. – E a altura de recordar as regras do concurso, e o modo de nele participar.

1 – Podem concorrer ao «Dez Anos Depois» todos quantos completam, no máximo, 30 anos até ao dia 25 de Abril de 1984, inclusive.

2 – Os textos concorrentes devem responder, num máximo de dez páginas dactilografadas (cada página contendo um máximo de 25 linhas) à pergunta seguinte DEA ANOS DEPOIS, O QUE SIGNIFICA PARA SI O 25 DE ABRIL?

3. – O «Diário de Lisboa» aceita, como concorrentes ao «Dez anos Depois», todos os tipos de textos – menos poesia.

4. – Um júri, cuja composição o «Diário de Lisboa» divulgará em breve, apreciará os textos concorrentes e das suas decisões não haverá apelo.

5. – O «Diário de Lisboa» atribui aos três primeiros classificados prémios de 25 000$00, 15 000$00 e 10 000$00, respectivamente. Além disso, publicará nas suas páginas os dez melhores textos concorrentes.

6. – Cada autor só pode concorrer com um texto, que enviará ao «Diário de Lisboa», Concurso Dez Anos Depois, Rua Luz Soriano 44, Lisboa. Pode entregá-lo em mão nesta morada, ou envia-lo pelo correio. Neste caso, só serão admitidos a concurso os textos em cujo envelope os correios tiverem aposto, NO MAXIMO, a data do último dia do corrente mês de Março.

7. – Os textos concorrentes têm de ser rigorosamente inéditos, e os seus autores não podem ter sido publicados EM LIVRO até à data em que caduca a entrega de textos para o concurso.

8. – Cada texto concorrente tem obrigatoriamente de ser assinado com pseudónimo. A identidade verdadeira do autor deve ser-nos confiada em envelope fechado contendo, igualmente, o pseudónimo escolhido, a morada completa do autor, uma fotocópia do seu bilhete de identidade comprovativa da idade e uma sua fotografia tipo passe.

O não cumprimento destas normas de identificação, no seu todo ou em parte, compromete sem apelo a admissão a concurso do texto enviado.

9. – Só é necessário enviar UMA CÓPIA do texto concorrente.

10. – O «Diário de Lisboa» não devolverá os textos enviados ao concurso «Dez Anos Depois», devendo os seus autores guardar originais ou cópias em seu poder.

No estrangeiro

Por acordo estabelecido entre o «Diário de Lisboa» e a secção portuguesa da Rádio France Internationale, os concorrentes residentes fora de Portugal, (em França ou em outro país europeu) podem, dentro do prazo estabelecido pelo «Diário de Lisboa», enviar os seus textos a esta estaçao emissora, que se encarregará de no-los fazer chegar. Neste caso, cada texto concorrente e a identificaçao do seu autor devem ser endereçados a Radio France Internationale, Secçao Portuguesa, Concurso «DL» «DEZ ANOS DEPOIS», Maison de la Radio, 75016 Paris

Foi há dez anos...

Perdemos uma batalha mas não perdemos a guerra

18 de Março de 1974

«A acção que desencadearam não foi inútil. Ela serviu para despertar a consciência de alguns que porventura ainda hesitassem»: era uma tomada de posição da Comissão Coordenadora do Movimento (das Forças Armadas) após o malogro do 16 de Março e uma referência concreta aos militares que tinham sido presos.

«A sua causa é a nossa, embora possamos criticar a sua impaciência» — lia-se ainda em comunicado que obteve uma divulgação muito além dos quadros de oficiais das Forças Armadas, porque o CDE tomou a seu cargo a difusão nos meios civis que lhe eram afectos.

Era 19 de Março, dois dias depois do fracasso. O reagrupamento de forças começava. Ao começo dessa madrugada, um grupo de oficiais reunia-se à luz de uma pequena lanterna no Polígono da Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas. Estiveram aí representadas as três Escolas Práticas (Cavalaria, Infantaria e Artilharia), mais Cavalaria 4 e CIAAC.

O encontro assim concretizado não traria resultados concretos muito notórios. Mas ficaria bem vincada a necessidade de nova reunião com o objectivo de coordenar esforços e evitar qualquer outra saída precipitada de uma unidade.

Os acontecimentos do 16 de Março estavam já mortos na generalidade da Imprensa. Contudo, o nosso camarada Eugénio Alves, que então escrevia no «República», publicava nessa segunda-feira, 18, uma crónica «futebolística» em que a determinada altura se afirmava: «Perdemos uma batalha mas não perdemos a guerra». O pretexto era a vitória do Sporting sobre o Futebol Clube do Porto.

«Os homens do Norte, que avançaram este fim-de-semana sobre Lisboa, sonhando com a vitória, acabaram por se retirar com as ilusões desfeitas após a derrota» — lia-se nessa crónica (traduzimos de uma reprodução feita pelo «Le Monde»).

«O adversário da capital, melhor organizado e informado (sobretudo melhor informado da sua estratégia), contando além disso com uma assistência fiel, fez abortar as intenções dos homens do Norte, mas parafraseando o que em temos dizia um comandante astucioso, eles podem afirmar: «Perdemos uma batalha mas não perdemos a guerra» — deixava Eugénio Alves como uma esperança.

A prosa teve os seus efeitos no ânimo dos militares, como o reconheceria posteriormente Otelo Saraiva de Carvalho. E isso era muito importante no próprio dia em que os jornais davam conta da despedida, em Luanda, do general Luz Cunha, onde era comandante-chefe das Forças Armadas, para vir ocupar o de CEMGFA, em substituição de Costa Gomes.

«Camaradas dos três ramos das FA: o episódio da marcha do RI5 sobre Lisboa, articulado aos acontecimentos que imediatamente o antecederam, permite-nos prosseguir o nosso Movimento com mais segurança e realismo» — lia-se no citado comunicado da Comissão Coordenadora.

Era uma porta aberta para duas outras reuniões importantes, em Paço de Arcos e na Parede. Abril estava à porta...

RV

Prémios de Reportagem "Feira Popular"

A Feira Popular de Lisboa, a exemplo do ano transacto, decidiu instituir prémios de reportagem destinados a galardoar os melhores trabalhos de reportagem, escrita e fotográfica, subordinados ao tema «Feira Popular/1984», e realizados por jornalistas profissionais.

Os trabalhos concorrentes deverão ter sido publicados em jornais ou revistas de edição periódica, entre 1 de Abril e 15 de Agosto do ano corrente.

Os montantes dos prémios de reportagem são os seguintes: **reportagem escrita**, 1.º prémio, 50 contos; 2.º, 30 contos; e 3.º, 10 contos; e **reportagem fotográfica**, 1.º prémio, 40 contos; 2.º, 20 contos; e 3.º, 5 contos.

Os trabalhos concorrentes deverão ser enviados até ao dia 31 de Agosto de 1984 para a Secretaria do Concurso «Prémios de Reportagem», Gabinete de Relações Públicas, Feira Popular de Lisboa, Avenida da República, 1600 Lisboa. Todas as informações devem ser aí recolhidas.

"Financial Times" impresso em três países

A direcção do diário britânico de negócios «Financial Times» tornou público que está a proceder a um estudo sobre a possibilidade de impressão do jornal nos Estados Unidos ao mesmo tempo que em Londres e Francfort (RFA). Os resultados do estudo deverão ser conhecidos no final do mês.

Marrocos:Imprensa estrangeira volta aos quiosques

A Imprensa estrangeira voltou aos quiosques marroquinos, depois de quase oito semanas de ausência.

Vários diários e semanários franceses, ingleses e espanhóis deixaram de ser distribuídos a 21 de Janeiro, quando as revoltas estudantis e populares atingiram o auge.

O diário francês «Le Monde», a primeira publicação a ser suspensa no país, fora a primeira publicação a reaparecer no dia 6 do corrente.

política de A a Z

O CDS e uma «nova» maioria

OS verdadeiros objectivos do CDS, nesta sua cruzada anticonstitucional, situam-se aquém e além do texto constitucional revisto. Ao «desmantelamento equilibrado» das conquistas económicas, sociais e políticas, ou ao simples «desmantelamento» do sector público, se limitam à fé de declarações recentes – os propósitos de Mota Pinto. Mas sem excessiva pressa, sem a adopção de expedientes dramáticos. A máquina legiferante intervirá quando a corrente actividade governativa não pareça suficiente ou eficiente. A «maioria coligada» existe. Existe, e ressalvada a questão do aborto brandamente despenalizado, tem-se mostrado permeável às pressões do PSD, às exigências do vice-primeiro-ministro, às necessidades exteriores e interiores (as da vida partidária) de Mota Pinto.

O CDS tem pressa. E ao desencadear a campanha de uma nova revisão constitucional propõe-se recuperar autoridade como força de oposição no conjunto da **Direita** *portuguesa e reconquistar o espaço político inclusivamente sacrificando o posicionamento oposicionista. Que nunca foram realmente Poder – lamentam-se os «centristas». Aliados do PSD, coligados com o PS, serviram o Poder, e serviram-se do Poder, mas não o exerceram.*

Na afirmação contém-se, além de a constatação de um facto político, uma indirecta crítica a Diogo Freitas do Amaral. De algum modo, pretende-se dizer que nem com Francisco Sá Carneiro, nem com Mário Soares, nem com Francisco Pinto Balsemão, Diogo Freitas do Amaral terá conseguido impor, aos governos de que fez parte, a sua marca pessoal e converter a presença do seu partido, do CDS, em factor determinante ou, pelo menos, influenciador. Em síntese: Diogo Freitas do Amaral não terá conseguido nas «alianças» e «coligações» onde se meteu, e comprometeu, os resultados que Mota Pinto vem alcançando no Governo PS-PSD.

Insinuar esta diferença é, sem dúvida, um momento da guerrilha, prudente, sinuosa, contra uma eventual candidatura do professor Freitas do Amaral. Por um lado, Francisco Lucas Pires sabe que a candidatura de Diogo Freitas do Amaral terá apoios no PSD. O CDS, uma vez que ela seja apresentada não o pode deixar de apoiar. Por outro lado, esse apoio inevitável, enleará o CDS, por arrastamento, à corrente liberal (?) do PSD e a sectores não parlamentares da **Direita**, *de uma* **Direita** *que continua a sonhar com uma «federação» cuja constituição «passará inevitavelmente pela necessidade de fracturar o anel de ferro oligárquico ocupado pelos partidos políticos... (Veja-se: «Patologia da Direita Portuguesa», artigo de Carlos Blanco de Morais, «O Dia», 9/2/1984). O autor citado concretiza o seu pensamento: «Essa ruptura terá de ser caracterizada pela criação de um novo espaço político, e as eleições presidenciais, onde pela primeira vez não haverá nem militares nem carismáticos mas apenas notáveis de partidos, constituirá um terreno óptimo para um* **pontapé de saída.**»

Um «pontapé de saída», para Francisco Lucas Pires, não poderá ser dado sem a constituição de uma «maioria parlamentar». A «porta» não será a «federação» do «Centro-Direita» e da «Direita dispersa», «porta» por onde poderia penetrar, enterrando as veleidades de «social-democracia», e, nesse ponto, de Francisco Sá Carneiro se apartando, a corrente «liberal» (?) do PSD.

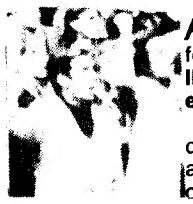
Para Francisco Lucas Pires a via é a constituição de uma «maioria parlamentar de revisão constitucional». Essa seria a via para uma nova correlação de forças e a «porta» para **uma partilha do Poder** *que não marginalisasse o CDS. As afinidades de um «atlantismo, de um europeísmo, de um anticomunismo, de um civilismo antimilitares de Abril, jogaria plenamente. Os parceiros do PSD pressionariam o PS, seriam os intermediários entre o CDS e o PS no sentido de «desmantelar» o conteúdo económico e social da Constituição. Esta nova* **campanha de revisão constitucional**, *integrava de facto, o* **o CDS** *na* **maioria constitucional** *reintroduziria o CDS na partilha do Poder real (político, administrativo, empresarial). Daí, um passo mais, e teríamos a candidatura comum para as eleições presidenciais: com candidato da Constituição revista, um candidato do «novo regime». Um candidato que reunisse os sufrágios de Francisco Lucas Pires e de Adriano Moreira, de Marcelo Rebelo de Sousa e de Alberto João Jardim.*

O presidente do Grupo Parlamentar do CDS, dr. José Luís Nogueira de Brito, confessava, na primeira quinzena de Fevereiro, a um jornalista: «No contexto decorrente das últimas eleições não há de facto, alternativas para este Governo, no sentido que ele reúne uma maioria democrática». («O Tempo», 9/2/1984). Há, portanto, que **inventar** *outra maioria: uma* **maioria de revisão constitucional**. *Formalmente, a revisão anuncia-se, e é proposta, com ataques ao PS; na realidade pretende-se que o PSD convença o PS, ou exiga do PS, a constituição da* **maioria de revisão constitucional.**

Para Francisco Lucas Pires , desde que **o discurso de oposição** *se esgota em comentários críticos cuja repercussão é abafada na Assembleia da República, a campanha de uma nova revisão constitucional oferece duplo interesse: no plano táctico, inviabilizaria a candidatura presidencial de Diogo Freitas do Amaral, ou redu-la a uma iniciativa sectorial marcadamente liberal conservadora; no plano estratégico, reconduziria o CDS a* **uma maioria,** *à partilha social doo Poder (cargos políticos, cargos administrativos, cargos empresariais).*

Como partido, o CDS pretende passar a contra-barreira do «voto útil». Pretende integrar-se na estrutura do Poder a pretexto de uma nova revisão constitucional. Dizemos: **a pretexto.** *Na realidade, o problema que o CDS enfrenta é o do regresso às posições* **de** *Governo,* **no** *Governo, que permitem as «partilhas» rendosas. E, como todas as forças políticas, também para o CDS, será em função das eleições presidenciais de 1985 que se definem a táctica e a estratégia colectiva do partido e as pessoais dos dirigentes do partido. Porque os partidos* **servem** *– na maioria dos casos – de caminho, prancha de saltos, trono, aos dirigentes partidários.*

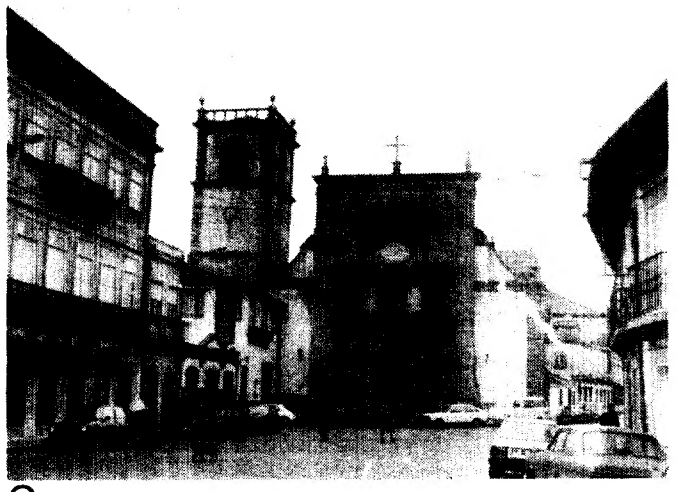
ponto a ponto



A Assembleia Distrital de Setúbal da UEDS manifestou a sua solidariedade aos **milhares de trabalhadores em luta pelo pagamento dos salários em atraso.**

Num comunicado, aquela organização considera que a situação «não é resolúvel pelo recurso, a medidas repressivas para mais quando exercidas com condenável excesso.

A Assembleia Distrital abordou a «grave situação criada pela existência de milhares de desempregados» no distrito de Setúbal e exigiu do Governo «uma actuação positiva neste domínio, nomeadamente através do relançamento da actividade das empresas públicas».



O bispo de **Viana do Castelo,** D. Armindo Lopes Coelho, louvou o amadorismo desportivo, como forma de «evitar a degradação do autêntico associativismo, que permanece ao serviço da formação global dos homens».

D. Armindo Coelho, que falava numa eucaristia comemorativa dos 86 anos do Sport Club Vianense, criticou «as negociações de desportistas» e sustentou que elas são dirigidas «por senhores e por máquinas administrativas de propaganda e de lucro».

O Conselho Nacional das Mulheres Centristas Democratas Sociais (MCDS) repudiou a decisão do Tribunal Constitucional sobre a despenalização do aborto.

Em comunicado distribuido à Imprensa, as MCDS manifestam o seu «agrado pelo facto de o CDS ter sabido assumir a liderança na Assembleia da República no combate contra a legalização do aborto» e lamentam «a ausência das suas mulheres em tão importante debate».

UM plano com vista à reestruturação da **Indústria Têxtil** sobretudo da Covilhã, vai a curto prazo ser publicado pelo Governo – afirmou o secretário de Estado da Marinha Mercante, Almeida Serra, num encontro de quadros socialistas.

A declaração foi feita no decorrer de uma sessão de esclarecimento no âmbito da federação distrital de Castelo Branco do Partido Socialista, em que participaram também João Tito de Morais e Amândio da Silva.

O projecto integrado de Trás-os-Montes e a miséria do Alto Douro

Luís de Carvalho e Oliveira

NO princípio do mundo encontraram-se um ao lado do outro um ovo e um espeto e porque eram vizinhos e ali estavam os dois tão perto um do outro, nem mesmo nas convulsões geológicas mais temíveis se afastaram. E ao longo dos séculos, dos milénios fieis a uma vizinhança que nada mais era do que vizinhança, vieram os homens de boa vontade encontrar-lhes profundas semelhanças — veja-se lá! — identidade, homogeneidade e tudo o mais necessário para com o ovo e o espeto se formar um grupo ao qual dar tratamento em comum, abrangendo-os no mesmo projecto de acções, juntando-os, em fim, para a vida e para a morte.

É o caso preciso de Trás-os-Montes e Alto Douro, um ao lado do outro, e só por isso, envolvidos no mesmo Projecto de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes.

A metáfora não é gratuita.

Efectivamente a semelhança entre o ovo e o espeto não é menor do que entre Trás-os-Montes e o Alto Douro.

Um, de solo granítico e em grande parte dominado por planalto, o outro, xistoso entalado entre terras altas de outra natureza geológica, com rio do seu natural tortuoso, escorrendo apertado entre fraguedos, hoje transformado em compridos e sucessivos lagos que vieram modificar o clima da parte ribeirinha da região, trazendo-lhe frequentíssimas neblinas, afastando o antigo calor de forno, com projecção nas culturas, essencialmente da vinha.

De qualquer forma, mantendo ainda uma certa característica de terra quente, em oposição às terras frias que dominam Trás-os-Montes.

Em função de tudo isto as produções não podem ter mais semelhança do que se encontra entre o ovo e o espeto.

Embora não estudada a região transmontana, do ponto de vista pedológico, e não completamente estudada a região do Alto Douro, basta olhar uma e outra para se concluir que não é possível cultivar, na primeira, vinha para vinho do Porto nem, na segunda, batata, milho e castanheiros, além do muito mais, próprio de planalto e terras frias, que Trás-os-Montes poderá produzir, quando estudado.

Do ponto de vista industrial, não se vê qualquer inter-relação, continuidade, semelhança ou homogeneidade entre uma e outra, até porque — deixemo-nos de «blague» — nenhuma delas tem indústria, a não ser caseira ou qualquer caso pontual, sem relações de continuidade duma região para a outra, por forma a vir a estabelecer-se um plano de desenvolvimento comum e segundo os mesmos parâmetros, a não ser no que diga respeito às infra-estruturas de saúde e ensino. Mas nem nestas há qualquer espécie de ligação entre o que possa fazer-se em Trás-os-Montes e o que possa fazer-se no Alto Douro.

Evidentemente que se podem

fazer as mesmas coisas, os mesmos saneamentos básicos, a instalação de centros de saúde, etc. numa e noutra das duas regiões, como em Trás-os-Montes e Beira Baixa ou Algarve, por exemplo.

Quer-se com isto dizer que nem neste aspecto há uma correlação justificativa da inclusão, no mesmo bloco, ao desenvolvimento das duas regiões.

E até o ensino, se for orientado no sentido técnico-agrário para satisfação das agriculturas locais, ele deve ser profundamente diferenciado, tanto quanto as culturas o são.

Mesmo no aspecto sanitário, as acções terão de ser diferentes se se verificar, apesar da construção em curso da barragem, que o Pocinho, por exemplo, em perfeito Alto Douro, tem sido uma zona sazonática que não encontra par em Trás-os-Montes. E que daí a doença tem irradiado, abrangendo extensa área ao longo do Douro pelos concelhos de Alfandega da Fé, Freixo, São João da Pesqueira.

Do ponto de vista comercial, não há notáveis trocas entre Trás-os-Montes e o Alto Douro.

Efectivamente nunhuma é mercado da outra. As suas produções canalizam-se essencialmente para as cidades, em destaque Porto e Lisboa.

Poderá dizer-se apenas que no transporte de alguma mercadoria de Trás-os-Montes são utilizadas as vias que atravessam o Alto Douro, o que se refere por bizarria dentro de tudo quanto devia constituir, e não constitui, homogeneidade para dar-lhe um tratamento comum num único projecto de desenvolvimento.

No projecto, a primeira componente é a agrícola e as agriculturas de Trás-os-Montes e Alto Douro são completamente diversas. E demais vejamos como no Projecto de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes (PDRIPM) se mete o Alto Douro.

Transcrevemos a rubrica: – «Crédito para o investimento nas explorações, a conceder aos agricultores que aderiram aos modelos de exploração propostos (modelos agro-pecuários para a motanha vales submontanos, Planalto Mirandês e Terra Quente e modelos para a instalação e reconversão de vinhedos do Douro».

Os vinhedos do Douro aparecem aqui com os modelos agro-pecuários de regiões diversíssimas.

Nada tem a ver uma coisa com a outra.

E, em consequência, diz-se mais adiante: «Com o projecto se esperam significativos acréscimos de produção de produtos essenciais tais como: «carne de bovino (peso da carcaça): 430 toneladas/ano; carne de bovino (peso vivo) 200 toneladas/ano; vitelos para engorda: 9400 cabeças/ano; leite de ovelha; 345 toneladas/ano; leite de vaca: 45 000 toneladas/ano; vinho do Porto de elevada qualidade: 100 000 hectolitros/ano.

Não há dúvida de que além, os vinhedos do Douro, aqui, o vinho do Porto, entre modelos de exploração agro-pecuária, carnes e leites, nos revelam a falta de homogeneidade geográfica do projecto, no qual é bem visível entrarem os vinhedos do Douro e o vinho do Porto à «contre-coeur».

E porquê?

A resposta é difícil sem se conhecerem integralmente os meandros. Não foram divulgadas notas explicativas da determinação da área geográfica do projecto não se sabendo, assim, porque foi nele incluída a região do Alto Douro, (estamos a seguir a publicação do Ministério da Agricultura, de Maio de 1982).

Sabe-se, todavia, que o Alto Douro é a região onde o produto agrícola dá maior margem de lucro, pelo elevado preço dos mostos para fabrico de vinho do Porto.

Sabe-se que capitais estrangeiros estão com os olhos postos no Alto Douro, tendo já efectuado grandes plantações ilegais de vinhas (como em terra conquistada!)

Sabe-se que o projecto é subsidiado por dinheiro estrangeiro, (Banco Mundial) embora se não saiba ou não seja, pelo menos, claro para já, o relacionamento entre os capitalistas estrangeiros que investem ou pretendem investir no Douro e o Banco Mundial.

Há, porém, uma certeza.

Não há banco sem capitais e conquanto não todo, o capital mais importante com que trabalham os bancos é alheio dos capitalistas.

Outra coisa para já é certa.

É que os estrangeiros lá continuam com as suas vinhas sem

Continua na pág. 6

Afirmou Almeida Santos:

Acordo Maputo-Pretória levará mais portugueses a procurarem Moçambique

Almeida Santos afirmou, ontem, em Lisboa, que o acordo entre Moçambique e a África do Sul constitui «o segundo momento da independência» daquela ex-colónia.

O ministro de Estado fez esta afirmação à sua chegada a Lisboa, vindo de Moçambique, onde assistiu à assinatura do acordo de não agressão entre aqueles dois países. Adiantou que o acordo «não é, de modo algum, ideológico, mas é um acordo com pragmatismo e realismo político».

A este propósito, referiu uma frase de Samora Machel, num comício realizado, sábado, com cerca de 100 mil moçambicanos: «Enterrámos a fonte de apoio à resistência interna, mas a água que está no cano vai demorar a evaporar».

Almeida Santos salientou que, com a assinatura deste acordo, o fluxo de portugueses para Moçambique vai acelerar, «mas apenas terá a sua expressão máxima quando a recuperação económica se começar a sentir».

O ministro de Estado disse, ainda, que apenas um governante com a estabilidade de Samora poderia ter negociado, com êxito, recíprocas cedências com a África do Sul, tendo, também, consciência de que o problema político ainda levará algum tempo a ser resolvido, após o sucesso diplomático do acordo.

O acordo Maputo-Pretória está já a dar sinais de vida, aparecendo os primeiros indícios desse passo em frente entre os dois países, nomeadamente quanto ao relançamento do movimento turístico sul-africano para Moçambique, acrescentou Almeida Santos.

No entanto – observou –, «a recuperação económica de Moçambique será muito difícil enquanto não houver paz interna».

Três países africanos numa semana

Regresso de Eanes sem declarações públicas

O Presidente Ramalho Eanes, que regressou sábado à noite a Lisboa no termo de uma viagem de uma semana que o levou a três países africanos, não prestou declarações especiais aos jornalistas, os quais, excepção para a RTP, não tiveram acesso ao PR.

O Presidente da República, acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, era esperado à saída do avião, que aterrou no aeroporto cerca das 22 horas, pelo presidente da Assembleia da República, Tito de Morais.

Ramalho Eanes visitou sucessivamente S. Tomé e Princípe, o Zaire e o Congo.

A visita de três dias que o Presidente Eanes fez ao último dos três países terminou sábado e o comunicado publicado no termo dos encontros entre os dois chefes de Estado dá conta, nomeadamente, de um convite para uma visita oficial ao nosso país dirigido ao presidente congolês, Denis Sassou Nguesso. O convite foi aceite, devendo a data da viagem ser fixada posteriormente.

Nesse comunicado, Portugal e o Congo exprimem a vontade de promover as suas relações e a conveniência de estabelecer um quadro jurídico que permita o exame, «na medida do possível e das obrigações internacionais respectivas», das relações económicas e técnicas.

Um acordo geral de cooperação e um acordo cultural, científico e técnico foi assinado, acrescenta o comunicado, que acentua particularmente a necessidade de uma aproximação entre a Europa e a África, no contexto das relações Norte-Sul.

Egipto quer reforçar relações com Portugal

O presidente Mubarak está muito interessado em reforçar as relações entre o Egipto e Portugal – disse à ANOP, no Cairo, o ministro egípcio de Estado dos Negócios Estrangeiros.

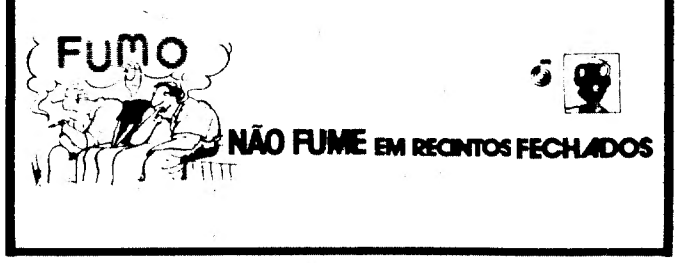
Butros Ghali referiu que o presidente Hosni Mubarak, que foi convidado para visitar oficialmente Portugal pelo Presidente da República Portuguesa, Ramalho Eanes, está a estudar uma data para se deslocar a Lisboa.

Na opinião do ministro egípcio, a visita ao Cairo em Março de 1983 do presidente Eanes foi um marco importante para o reforço das relações entre os dois países. Depois dessa visita incrementaram-se as relações comerciais, o intercâmbio cultural e turístico e a cooperação técnica.

O ministro realçou a importância da assinatura dos acordos comercial, cultural e de aviação civil assinados entre o Egipto e Portugal.

Por outro lado, Butros Ghali disse estar o governo egípcio à espera que o Primeiro-Ministro português, Mário Soares, fixe a data para a sua visita oficial ao Cairo, que poderá também incrementar os laços que unem os dois países.

Butros Ghali, que visitou oficialmente Lisboa em 1982, observou que a política externa dos dois países tem muitos pontos em comum, o que facilita o diálogo entre o Egipto e Portugal.



Congresso do PSD • Congresso do PSD • Congresso do PSD •

entrevista

José Miguel Júdice

"Só aplicaremos uma estratégia nossa"

Miguel Júdice, uma das personalidades mais destacadas da «sensibilidade» Marcelo Rebelo de Sousa, fala hoje ao «DL» do próximo Congresso do PSD. Na entrevista, Miguel Judice recusa qualquer apoio à candidatura de Mota Amaral a Belém e afirma que a sensibilidade que representa não estará presente em nenhuma Comissão Política Nacional. «Só para lá iremos se a nossa moção ganhar, não estamos dispostos a aplicar uma estratégia que não é nossa», salienta.

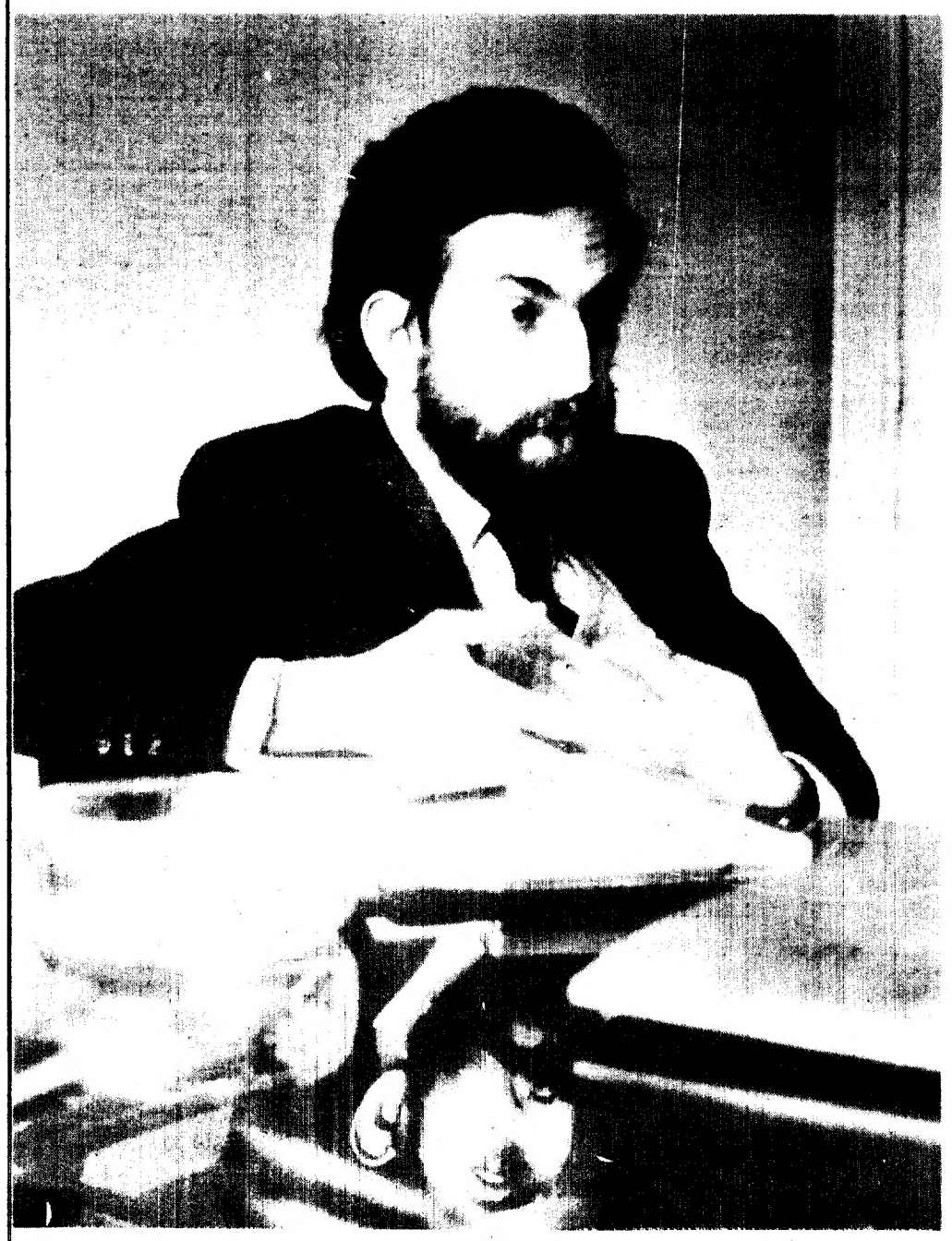
Manuel Anta

«DL» – Acusam-nos, no PSD, de representarem a extrema-direita do partido e de estarem empenhados na construção de um partido liberal...

Miguel Júdice – É bizarro que se diga isso. Não me considero um liberal e estou perfeitamente sintonizado com a essência do programa do PSD. Não queremos formar outro partido e tudo faremos para que de Braga saia o reforço do PSD e não a sua desagregação.

«DL» – Contrariamente às outras duas grandes tendências dentro do PSD, lideradas respectivamente por Mota Amaral e Mota Pinto, vocês defendem a bipolarização da sociedade portuguesa...

M.J. –... em termos políticos, a única forma do PSD ser um partido maioritário na sociedade portuguesa é a da bipolarização política se realizar entre o PSD e outro partido. Ora, como não vejo razões para que essa bipolarização se faça entre o PSD e o CDS, terei de concluir que ela tem que se fazer entre o PSD e o PC ou entre o PSD e o PS. Prefiro que essa bipolarização se faça com o PS...



Não acredito que a Igreja defina consequências políticas para questões morais. Se o fizer, fá-lo-á mal!

Mota Amaral é líder de facção

«DL» – Passemos ao Congresso. Existe uma certa sintonia entre a linha que representa e a de Mota Amaral, no que se refere à questão das presidenciais...

M.J. – Não há sintonia, ou melhor, a haver sintonia ela apenas existe na convicção comum de que há que escolher ou indicar desde já um candidato.

«DL» – Candidato civil...

M.J. – Civil, militante do PSD e disposto a celebrar um contrato político com o partido, de mudança da sociedade portuguesa.

«DL» – Mota Amaral, até agora o único candidato conhecido dentro do PSD, é civil e militante...

M.J. – Na moção de estratégia de Mota Amaral não vejo nenhuma das características que apontei, vejo apenas o nome de Mota Amaral...

«DL» — Nome que, pelos vistos, não estão dispostos a apoiar...

M.J. — Leitura adequada da nossa moção permite tirar ilações. Mesmo que Mota Amaral servisse por outros factores, deixaria de servir a partir do momento em que se transformou no líder de uma facção. Ora um líder de facção nunca poderá aspirar, no sistema político português, a ser o candidato presidencial do partido.

Não acredito que a Igreja...

«DL» — A polémica sobre a despenalização do aborto não terá constituído trunfo ideal para abrir caminho a um homem com a confiança da Igreja?...

M.J. — É óbvio que o PS tratou o assunto de aborto que forma profundamente infeliz. É também verdade que isso pode vir a ser útil para quem queira explorar a questão aborto, por razões políticas. Não acredito que a Igreja Católica defina consequências políticas para questões morais. Se o fizer, fá-lo-á mal.

«DL» — A vossa atitude é conhecida: não negociaremos no Congresso!

M.J. — Não negociaremos. Os nossos objectivos não são a curto, mas sim a médio e a longo prazo. Apenas estaremos abertos a todas as fórmulas de análises de questões que sejam vantajosas para o partido. E isso dentro de duas linhas fundamentais: clarificação da liderança política do PSD e aumento da democraticidade. Não se pode querer mais liderança e menos democraticidade nem mais democraticidade e menos liderança. Por outras palavras: não estaremos de acordo com soluções que reforcem a liderança e se esqueçam de reforçar a democraticidade. Não faremos nenhuma negociação de bastidores. Todo e qualquer acordo que hipoteticamente possamos fazer, será público e não terá rigorosamente nada a ver com a conquista de lugares. Não negociamos, é inegociável, a possibilidade de irmos integrar quaisquer listas para órgãos nacionais com quaisquer outras moções...

Não estaremos em nenhuma CPN

«DL» — Não estarão presentes em nenhuma Comissão Política Nacional?

M.J. — Não estaremos em nenhuma CPN enquanto a nossa moção não for a moção vencedora. Não iremos aplicar uma moção de estratégia que não é nossa.

«DL» — Afirma-se que vocês estão dispostos a tudo para abrir caminho à candidatura de Freitas do Amaral...

M.J. — Falso! Queremos um candidato civil e militante do PSD — fomos os primeiros a afirmar isso... —, e com as características que atrás lhe referi. O nosso medo, enquanto militantes do PSD, é que o atraso nessa decisão leve a que uma candidatura de Mário Soares, de Freitas do Amaral ou de outro candidato apoiado pelo CDS, coloque o PSD na impossibilidade de ter um candidato próprio para ganhar, o obrigue a ter que escolher entre Mário Soares e Freitas do Amaral.

«DL» — Admitamos que as características que definem para o candidato do PSD não são contempladas. Nesse caso, poderão vir a apoiar Freitas Amaral?

M.J. — Não lhe posso responder. Em primeiro lugar, porque entendemos que as nossas características fundamentais podem ser apoiadas; em segundo, porque não é possível avançar com uma previsão sem saber o que acontecerá em concreto se as nossas características não forem aceites.

Álvaro Cunhal ontem, em Beja

"Soares está a vender o país"

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, afirmou ontem à tarde em Beja que o Primeiro-Ministro, Mário Soares, «está a vender o País ao imperialismo norte-americano».

Álvaro Cunhal, que falava na sessão de encerramento da I Assembleia da Organização do Distrito de Beja do seu partido, acrescentou que Soares anda a pedir auxílio exterior «não para Portugal, mas para a sua política pessoal».

De acordo com o dirigente comunista «existem hipóteses de mudar o actual quadro partidário com a formação de um novo partido democrático».

Disse, a propósito, Álvaro Cunhal, que há «muitos milhares de socialistas e sociais-democratas que estão contra a orientação dos seus partidos e que juntos poderão vir a formar um novo partido».

No entender do secretário-geral do PCP tal partido seria, com os comunistas «uma das alternativas ao habitual panorama partidário» e «poderia dar lugar à formação de um governo democrático que respeite o povo e o País».

Sobre as presidenciais o líder comunista voltou a referir que o seu partido ainda não adiantou nenhum candidato para não precipitar os acontecimentos. «Um candidato apoiado pelo PCP deve ter a segurança e a certeza da vitória» – disse.

Relativamente à hipotética candidatura de Lurdes Pintasilgo, Álvaro Cunhal considerou que «ela merece o respeito dos comunistas, mas não se sabe se a sua candidatura está a avançar».

Invocando a Reforma Agrária, Cunhal deixou claro que os trabalhadores do Alentejo e do Ribatejo não devem senão a si próprios e à sua luta «essa conquista de Abril».

Num comentário à política laboral do Governo o secretário-geral do PCP recordou a última carga policial sobre os trabalhadores da Sorefame, considerando que ela significa que o executivo de Mário Soares «teme a luta do povo e está cada vez mais certo de que cairá antes dos quatros anos».

O sector mais dinâmico

A I Assembleia da Organização de Beja do PCP, realizada ontem nesta cidade, considerou que a Reforma Agrária «é a única e verdadeira alternativa para a agricultura do distrito e da região».

Estas e outras considerações e resoluções foram aprovadas por cerca de 400 delegados comunistas do distrito de Beja, reunidos durante todo o dia no salão dos Bombeiros locais.

Ainda no âmbito da Reforma Agrária, os comunistas exigiram «o fim da ofensiva, da entrega de terras, dos leilões e o acerto de contas entre o Estado e as UCP's-cooperativas».

Para os comunistas de Beja a Reforma Agrária continua a ser «o sector mais dinâmico e produtivo da agricultura portuguesa» e para a sua defesa e continuação consideram que «é fundamental um clima de estabilidade e confiança».

A defesa do prosseguimento do empreendimento do Alqueva foi igualmente referida durante os trabalhos, que consideraram aquele projecto como um «factor de desenvolvimento geral do distrito e da região».

Por outro lado, e ainda em relação ao Alqueva, os participantes nos trabalhos apelaram para que os comunistas «denunciem as falsas medidas sobre o avanço do projecto por parte do Governo».

O reforço do poder local democrático foi outra das linhas de acção saída deste encontro que se propôs ainda defender uma política energética voltada para uma total utilização dos recursos naturais e dinamizar o movimento cooperativo.

Durante esta I Assembleia da Organização de Beja do PCP, que decorreu sob a sigla «estruturar e alargar o partido, pela Reforma Agrária, pela Paz e por Abril», foi igualmente eleita a Comissão Distrital de Beja composta por 15 elementos.

Mota Pinto anuncia em Águeda

Legislação laboral vai ser discutida

O vice-primeiro-ministro revelou em Águeda, no sábado passado, que o Governo irá promover, dentro de poucos dias, uma discussão pública sobre «um conjunto de medidas que vão desde o seguro de desemprego à legislação que regulamente a cessação do contrato individual de trabalho».

Mota Pinto falava na Fundação Dionísio Pinheiro durante um encontro com empresários da região, antes de participar num jantar comemorativo das bodas de diamante do Ginásio Clube de Águeda. Nessa reunião foi também dito que o Governo espera obter uma redução da taxa de juro na renegociação do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). O vice-primeiro-ministro prometeu ainda aos empresários uma alteração ao actual regime de desconto dos juros à cabeça. «O Governo está em condições de encarar uma nova fase da vida económica», acrescentou Mota Pinto.

Na sua conversa com os empresários, aquele governante voltou a falar na necessidade de «o Estado exercer a sua autoridade democrática» para sublinhar que o Governo «não permitirá que se transfira para a rua o que deve ser decidido nas urnas».

Referindo-se ainda à acção do executivo, Mota Pinto afirmou, que ao actualizar as rendas de casa, o Governo «removeu um pedrgulho que se encontrava no seu caminho».

Nesta sua visita a Águeda, o vice-primeiro-ministro foi acompanhado pelos secretários de Estado das Obras Públicas e das Pescas e governador civil de Aveiro.

Homenagem de Amândio de Azevedo à segurança social particular

Na cerimónia de inauguração da sede do Porto da União das Instituições Particulares de Solidariede Social (IPSS), o ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, afirmou no sábado o reconhecimento do Governo à acção das Instituições Particulares de Segurança Social.

Num curto improviso, o titular da pasta do Trabalho comprometeu-se a apoiar, dentro do possível, a União das IPSS, e disse encontrar nela o parceiro ideal para a continuidade de um diálogo eficaz com o Governo.

Por seu lado, o presidente da União, padre Orlando Mota e Costa, historiou o processo que levou à criação do organismo que dirige e destacou que está em preparação um conjunto de acordos de cooperação entre o Governo e as instituições.

A União das IPSS tem 488 associadas e, entre outros objectivos, pretende assumir a representação e defesa dos interesses comuns das instituições, perante o Estado, os tribunais e autarquias, e fomentar o intercâmbio entre as instituições que representa.

Juiz do Tribunal Constitucional viaja para Estrasburgo

A delegeção parlamentar portuguesa ao Conselho da Europa deverá enviar hoje ao Bureau daquela organização uma lista de três nomes, donde sairá o nome do jurista português que fará parte da Comissão Europeia dos Direitos do Homem.

Jorge Campinos deverá encabeçar a lista, seguido de Barbosa de Melo, não se sabendo quem será o terceiro indigitado. Jorge Sampaio, que foi até agora membro da Comissão, não aceitou ser indicado depois daqueles dois juristas.

Normalmente o Comité de Ministos do CE nomeia para membro da Comissão, o primeiro nome apresentado.

A indicação de Jorge Campinos é insólita a vários títulos. Votada no Grupo Parlamentar do PS, impulsionada por Sottomaior Cardia, ao que parece sem se colocarem alternativas, ela irá quebrar uma tradição da Comissão de os membros serem sempre reconduzidos pelo menos uma vez.

E, por outro lado, observadores consideram estranho que seja nomeado um juiz do Tribunal Constitucional para aquela instância internacional.

Com efeito, a Comissão reúne em cinco sessões anuais, cada uma com a duração de duas semanas. O que fará com o que TC se veja amputado de um juiz durante dois meses e meio em cada ano.

Mas, para além de incompatibilidades legais que possam existir, já que o estatudo do TC proíbe os juízes de acumularem outros cargos públicos, também outros motivos de natureza ética levam alguns observadores a estranharem esta indigitação. É que a Comissão Europeia só se pronuncia depois de estarem esgotadas as hipóteses de recurso interno, que em Portugal, podem acabar no Tribunal Constitucional.

Então Campinos terá de se pronunciar na Comissão sobre matérias em que já tinha decidido, anteriormente, como juiz. Restar-lhe-á então declarar-se impedido, amputando a comissão de informações sobre a ordem jurídica portuguesa.

Jornalista de "O Globo" expulsa da Redacção

Uma jornalista do matutino «O Globo», Maria de Lurdes Quaresma foi na sexta-feira expulsa das instalações da empresa, na Rua da Quintinha, 54, em Lisboa, pelo director de Promoção acusada de fomentar a instabilidade na Redacção. José Mendonça acusa a jornalista, que antes pertenceu aos quadros de «O Dia», de ter afixado na Redacção uma convocatória para um plenário de Redacção, marcado para hoje, para tratar do problema dos salários em atraso referentes ao mês de Fevereiro, de que apenas refere a ANOP, receberam um vale no valor de cinco contos.

No plenário, que a realizar-se terá a presença de dois dirigentes do Sindicato de Jornalistas, deverá ser abordado também o problema de alguns elementos da Redacção não terem recebido ainda o subsídio de férias, o 13.º mês e os retroactivos, que, segundo referia a convocatória, remontam a Fevereiro de 1983.

de ontem para hoje

Grupo «Porta Aberta» em digressão por França

O Grupo «Porta Aberta» de Montemor-o-Novo, encontra-se em digressão por terras de França até ao final deste mês, levando no seu reportório temas tradicionais (sobretudo do Alto Alentejo), alguns originais, e de intérpretes e compositores da música popular, como José Afonso e Sérgio Godinho. O grupo tem actuado não só junto das comunidades de emigrantes portugueses, e de outras nacionalidades, como ainda em centros culturais franceses.

Traficante de armas agride guarda

Domingos Caetano da Silva, de 55 anos, o traficante de armas de Oliveira de Azeméis suspeito de na passada terça-feira ter alvejado com tiros de caçadeira quatro agentes da Polícia Judiciária de Lisboa cometeu nova «proeza», desta feita nas prisões privativas da PJ do Porto. Na manhã de sábado, quando o guarda prisional Belarmino Alves se preparava para recolher um balde que, na circunstância, servia de latrina, o comerciante pegou numa tampa e deu-lhe uma forte pancada na cabeça, que deixou o guarda a escorrer sangue até ser suturado com alguns pontos no Hospital de Santo António. A partir daí, Domingos da Silva passou a ameaçar outros guardas que ousassem entrar na sua cela chegando mesmo a exibir alguns ferros que havia retirado da cama. Só mais tarde, quando chegou um reforço de guardas da Cadeia de Custoias foi possível entrar na referida cela e proceder à limpeza habitual. Face ao estado em que ficou o guarda Belarmino e por receio rem que o detido pudesse vir a repetir a agressão, os responsáveis da Polícia Judiciária, encarregados da instrução do processo decidiram transferir o suspeito traficante de armas para a Cadeia de Custoias e proceder à sua requisição sempre que necessário.

Cádis na rota da «Sagres»

O navio-escola da Armada portuguesa «Sagres» chegou ontem a Cádis, na rota que vem fazendo por diversos países do Mundo há vários meses. A «Sagres» ficará em Cádis dois dias, em visita oficial.

Empresários contra oficinas ilegais

Os empresários de reparação automóvel reunidos em congresso num hotel do Estoril decidiram ontem pedir ao Governo a definição de normas legais de combate às oficinas clandestinas. Os empresários afirmam que «a proliferação» de tais oficinas acarreta prejuízos para as empresas legalizadas, para o consumidor e para o Estado. Depois de considerarem que a adesão à CEE obriga a inspecções periódicas do parque automóvel, os congressistas exigem do Governo a inclusão das associações representantivas do sector da reparação automóvel no processo de regulamentação, à semelhança do que se passa com a associação representativa dos consumidores. Os empresários realçaram a necessidade de alargar a todo o País o funcionamento dos cursos técnico-profissionais e profissionais recentemente criados, dada a agudização da carência de mão-de-obra especializada.

Detido em Espanha por contrabando

O português Joaquim Manuel Costas Martins, que conduzia um camião com contrabando de tabaco, foi ontem preso pela Guarda Civil espanhola nas imediações de Valladolid. A mercadoria foi avaliada em cerca de três mil contos.

Braga no Congresso de Direito Galego

A Associação Jurídica de Braga foi formalmente convidada a participar em Maio próximo no Segundo Congresso de Direito Galego, em Santiago de Compostela, revelou ontem o advogado Oliveira Braga, presidente daquela associação. O convite surgiu na sequência de um acto académico realizado sábado na Universidade do Minho, em que participaram membros de uma delegação da Academia Galega de Jurisprudência e Legislação, que se deslocaram à capital do Minho por iniciativa de juristas bracarenses. O programa do Congresso inclui sessões de estudo conjuntas que visam o conhecimento do Direito que se pratica nos dois países. De acordo com o dr. Oliveira Braga, proceder-se-á também a estudos «para melhorar a administração da Justiça nas regiões do Minho e da Galiza».

Casal de octogenários atropelado

Um casal de octogenários teve morte imediata ao ser atropelado por um camião em Amarante, no cruzamento dos Bombeiros Voluntários, onde nos últimos tempos já ocorreram vários acidentes fatais. As vítimas foram identificadas como sendo António Alves e a sua mulher Maria Margarida de Jesus, que ainda recentemente tinham comemorado as «bodas de ouro» (cinquenta anos de casados). O camião, que se dirigia do Porto para Vila Real, era conduzido por Joaquim Amável Aires Felizardo, residente em Freixeira, Matosinhos. Face à perigosidade do cruzamento, a população de Amarante exige a colocação de um semáforo no local.

Realizou-se em Coimbra

Encontro sobre Direito Comunitário

O embaixador Gaspar da Silva afirmou em Coimbra que o primeiro encontro internacional sobre Direito Europeu e Comunitário representava «uma quebra do anci-losamento da Universidade».

«Tal iniciativa transporta a Universidade para a busca de soluções de problemas concretos» — sublinhou o secretário de Estado para a Cooperação Europeia.

Gaspar da Silva presidiu à sessão de encerramento do encontro, realizada no auditório da Reitoria, em representação do Primeiro-Ministro Mário Soares.

A representante do Bureau das Comunidades nesse encontro, Rosário Almeida, salientou que o mesmo teve grande interesse para formação de quadros técnicos com vista à integração europeia.

Em nome da comissão organizadora, exclusivamente constituída por alunos de direito, falou José Américo Abrantes de Andrade.

«A monumentalidade da obra que Portugal legou ao mundo exige o reconhecimento pela Europa da determinação e vontade de vencer do nosso povo» — afirmou o estudante.

Numa alusão aos entraves que se têm deparado à entrada de Portugal na CEE, José Andrade vincou que «os portugueses souberam, de maneira exemplar, ultrapassar os desafios que lhes são lançados».

O historial das negociações com vista à adesão, e que duram já sete anos, foi feito durante os trabalhos, que se iniciaram no dia 13.

Igualmente foram enunciadas algumas das principais razões que justificam o pedido de adesão, assim como algumas das dificuldades e bloqueamentos mais importantes a resolver no decurso do processo.

Os problemas do sector agrícola, do balanço financeiro da adesão e das relações com a Espanha foram objecto de particular análise.

Festa em Lages do Pico

A nossa rede telefónica já está automatizada

PONTA DELGADA, 19 — A rede telefónica automática nacional ficou ontem completa em todo o País com a inauguração da Estação da Piedade na Ilha do Piço, Açores.

A inauguração desta estação, que representou um investimento de 14 milhões de escudos, foi presidida pelo ministro da República para os Açores, Conceição Silva, e contou com a presença do secretário de Estado das Comunicações, Raul Junqueiro.

O secretário de Estado, que chegou aos Açores na quinta-feira, esteve igualmente presente ao lançamento da primeira pedra do novo edifício dos CTT de Ponta Delgada, à abertura de uma subestação automática na mesma cidade e à inauguração das ligações telefónicas automáticas entre os Açores e as Bermudas e Canadá.

Raul Junqueiro aproveitou também a oportunidade para se encontrar com a direcção regional do seu partido (o PS), bem como com trabalhadores socialistas dos CTT.

Por causa da sua sede

MRPP contra Jorge de Brito e o ex-"comando" Jaime Neves

O PCTP/MRPP acusa Jorge de Brito de «procurar protelar e boicotar» a formalização do contrato de arrendamento do edifício onde funciona a sede do partido.

Diz o MRPP que o coronel Jaime Neves, «transformado agora em procurador dos negócios de Jorge de Brito», pretendeu recolher informações sobre a sede do partido que funciona num prédio da Travessa André Valente, «o que lhe foi firme e prontamente recusado».

O PCTP/MRPP acusa Jorge de Brito de que, «sabendo que se está em vias de regularização judicial da ocupação e da formalização do respectivo contrato de arrendamento, ao qual se obrigou em juízo, procura protelar e boicotar há largo tempo, e por todas as formas, o andamento do processo judicial».

Afiram, por outro lado, que Jorge de Brito escolheu «a via da provocação e da intimidação, para tanto encarregando como seu homem de mão o coronel Jaime Neves, experiente na sua tarefa de reprimir o povo, e em particular os comunistas».

«Não há repressão nem coronéis capazes de intimidar os marxistas-leninistas que prosseguirão sem desfalecimento a sua luta e o seu combate», diz ainda o comunicado do PCTP/MRPP.

A imagem será levada para o Vaticano

João Paulo II vai orar frente à Virgem de Fátima

O Papa João Paulo II confirmou ontem a sua intenção de consagrar o Mundo «tão dividido e tão ameaçado» à Virgem de Fátima, no próximo dia 25. Ao encerrar os exercícios espirituais da Quaresma, que se celebram no Vaticano desde o dia 11, o Sumo-Pontífice anunciou que, para o referido acto, será trazida a Roma a estátua da Virgem Maria, venerada no santuário português de Fátima.

Foi perante a mesma estátua, em Fátima, a 13 de Maio de 1982, exactamente um ano depois de sofrer um atentado, que o Papa fez uma prece semelhante, e que pretende repetir agora na cidade eterna e no âmbito do Ano Santo da Redenção.

João Paulo II anunciou ainda que o Bispo de Leiria, monsenhor Alberto Cosme do Amaral, em cuja diocese se encontra o santuário, confirmou já o transporte para Roma da imagem que até agora nunca tinha saído do seu santuário. Esta chegará ao Vaticano no dia 21.

O projecto de Trás-os-Montes

Continuação da pág. 3

licença de plantação (e plantadas em terrenos fundos, impróprios para produção de vinho do Porto), apesar da clamorosa reclamação das autarquias e dos órgãos representantes da vinicultura duriense, adegas cooperativas, etc. E já proclamaram a sua intenção de obter para tais vinhos, o benefício (direito de com os seus mostos produzir vinho do Porto).

E também é certo que proclamando-se parte da realização do Projecto de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes, a Portaria 685/82 de 9/7 assinada pelo ministro da Agricultura, Basílio Horta veio cortar o direito de plantação de vinhas para produção de vinho do Porto aos proprietários de menos de três hectares contínuos próprios ou conseguidos por ligação de vizinhos (que quimera!) e aos que tenham as suas vinhas acima de 450 metros de altitude. Uns e outros pequenos e médios proprietários.

Fora deste condicionalismo, apenas um reduzido número, no qual se incluem os maiores proprietários, com relevo para os de capital estrangeiro.

E com isto, pela transferência do direito de plantar vinhas para produção do vinho do Porto para este pequeno número serão dizimados a curto prazo, segundo o que consta, vinte e cinco mil pequenos e médios vinicultores, todos eles nacionais, é claro.

Teria sido para isto que se procurou juntar o ovo e o espeto? Ligar o Alto Douro ao projecto de desenvolvimento de Trás-os-Montes?

Para surgir imediatamente a oportunidade, como surgiu, de satisfação de interesse de uns tantos à custa de um imediato futuro macabro para umas dezenas de milhares dos que tradicionalmente produziram o vinho do Porto que ganhou fama sem necessidade de cá virem os estrangeiros com novos, aliás falsos, modelos de cultura dos vinhedos do Douro?

E a verdade é que a alteração da estrutura da propriedade resultante da portaria contraria fundamentalmente o projecto que diz (pág. 12) «na primeira fase irão visar-se as melhorias possíveis, sem alteração da estrutura fundiária». E noutra passagem «Estas acções são o mais possível ajustadas às realidades socioculturais e agro-ecológicas... Tendo fundamentalmente em atenção a tipologia do agricultor a que se destinam e a impossibilidade de, nesta fase, se proceder a arranjos fundiários por, necessariamente, conduzirem a uma maior desestificação da Região, dado que ainda não há oferta de emprego para o sector.

Com todas estas contradições, Projecto/Portaria 685/82, que pensar da honestidade ou, pelo menos, da sensatez da extensão do Projecto de Trás-os-Montes ao Alto Douro?

Faltam 700 mil fogos em Portugal

O ministro do Equipamento Social afirmou, em Olhão, que uma das acções prioritárias do Governo terá de passar pelo sector da habitação, com vista a minorar a carência de 700 mil fogos que faltam em Portugal.

Rosado Correia falava numa sessão de boas-vindas na Câmara Municipal de Olhão, no início de uma visita à vila, onde observou, em directo, diversas obras em construção, como a ampliação do porto de pesca e o pavilhão gimnodesportivo em fase de acabamentos.

A solução do problema habitacional de Portugal passa, sublinhou, pelas autarquias, por uma nova legislação de solos, por uma lei de arrendamento e pelo desbloquear de verbas para habitação social, onde, disse, «não se faz nada há mais de dois anos».

O ministro revelou que existe já uma verba desbloqueada de dez milhões de contos para habitação social, destinada às autarquias e cooperativas de habitação e uma outra de oito milhões de contos destinada ao acabamento de cerca de dez mil casas do ex-Fundo de Fomento da Habitação.

Para além da habitação, Rosado Correia disse que irá arrancar, no próximo ano, a construção da ponte sobre o Guadiana (projecto e obra a cargo de Portugal).

A ponte sobre o Guadiana faz parte de um plano que inclui a via rápida Lisboa-Vila Real de Santo António-Sevilha, com vista a uma futura ligação com os países do Norte de África, alguns do Médio Oriente e os da bacia do Mediterrâneo.

Pombal revisitado

O título dos volumes da «Editorial Estampa» onde foram reunidas as comunicações do Colóquio Internacional, realizado por ocasião do 2.º Centenário da Morte do Marquês de Pombal, é «POMBAL REVISITADO», e não «Portugal revisitado», como, por lapso, saiu na nossa edição de sábado, dia 17 de Março. Os leitores, no texto, encontraram o nome exacto dos dois importantes volumes que inserem trabalhos de especialistas nacionais e estrangeiros.

DE CARAS

ROSADO CORREIA, ministro do Equipamento Social, foi ontem homenageado por cerca de 100 militantes socialistas no decorrer de um almoço, numa iniciativa da secção do Partido Socialista de Santo Ildefonso, no Porto. De acordo com a convocatória o almoço destinava-se a homenagear a coragem do ministro durante a sua acção governativa.

ÁLVARO CUNHAL, secretário-geral do PCP, interveio durante este fim-de-semana em dois comícios realizados no Alentejo, em Avis e Beja. A Reforma Agrária e o seu significado económico e social foi a questão central das suas intervenções públicas. (Ver notícia desenvolvida nesta edição do «DL»).

EUNICE MUÑOZ volta a contracenar com Jacinto Ramos. Após «Adorável Mentiroso» e mais recentemente «Gin Game», Eunice e Jacinto voltam a encontrar-se no palco para levarem à cena as «Memórias de Sarah Bernhardt», de John Murrell, a partir da próxima quinta feira no palco do Teatro Nacional D. Maria II.

MOTA PINTO, vice-Primeiro-Ministro e ministro da Defesa, afirmou ontem em Águeda que a legislação laboral vai ser revista.

Mota Pinto falava no decorrer de um encontro com empresários da região a quem garantiu que vão ser implementadas um conjunto de medidas, do seguro de desemprego à legislação que regule a cessação dos contratos.

JOSÉ AUGUSTO SEABRA, ministro da Educação, e Eugénio Nobre, secretário de Estado das Obras Públicas, visitaram os concelhos de Lamego e Resende, onde prometeram escolas, pontes e um pavilhão gimnodesportivo. Por seu lado, os autarcas daquelas áreas deram a conhecer aos membros do Governo as múltiplas carências das suas zonas.

O caso de violação colectiva em New Bedford

Daniel Silva e José Vieira foram inculpados e podem ser condenados a prisão perpétua

Dois homens, ambos portugueses, foram reconhecidos culpados, sábado, de terem violado uma mulher de 21 anos sobre uma mesa de bilhar num bar de New Bedford (Massachusetts em Março de 1983.

O veredicto de «violação com circunstâncias agravantes» que foi dado prevê uma pena que poderá ir até prisão perpétua e expulsão. A pena não será conhecida antes de alguns dias.

Seis homens, todos portugueses dos Açores, eram, cicomo temos noticiado acusados de terem violado uma mulher, que fora comprar cigarros a um bar de New Bedford e que acabou por ficar no bar para tomar um copo. O processo desenrolou-se em duas partes, dado que os acusados se poderiam acusar uns aos outros.

Os dois homens reconhecidos culpados são Daniel Silva, 27 anos, e José Vieira, 28 anos. Os outros quatro acusados aguardam agora o veredicto do júri, que somente será conhecido no meio da semana que vem.

Este processo causou grande barulho não só na região, mas em todos os Estados Unidos, onde associações feministas se levantaram contra as declarações da defesa, que, conforme noticiámos no sábado, faziam da vítima uma acusada em potência. Antes do júri se retirar para deliberar, o advogado geral recomendou-lhe uma última vez para não «perpetuar o mito» de que são as

ppróprias vítimas de violação quem provoca os violadores, por actos ou palavras.

O julgamento de Daniel Silva e José Vieira foi seguido a par e passo pelos média norte-americanos, nomeadamente por várias cadeias de Televisão, emissoras de Rádio e Imprensa escrita.

Os dois portugueses, de 27 e 29 anos, chegaram aos Estados Unidos na década de 70 e estão actualmente desempregados.

Membros da comunidade lusa portuguesa de New Bedford não escondem o seu descontentamento pela declaração de culpabilidade emitida pelo tribunal e consideram que o caso foi empolado pelo facto de se tratar de emigrantes portugueses, vistos pelo cidadão comum norte-americano como uma espécie de «cidadãos de segunda classe».

Familiares dos dois réus protestaram ruidosamente na altura da decisão do júri e o pai de José Vieira chegou a ser expulso da sala do tribunal pela Polícia, que cumpriu ordens do juiz.

Cidadãos norte-americanos de New Bedford passaram a telefonar com frequência crescente para órgãos de Comunicação Social locais pedindo a explusão de todos os emigrantes portugueses da cidade.

Os acusados pertencem à numerosa colónia portuguesa que vive na Costa Atlântica dos Estados Unidos e que em algumas zonas, como na de New Bedford, constitui 60 por cento da população.

Depois de ouvir 21 testemunhas de acusação e nove de defesa, durante 16 dias, o júri – composto por quatro mulheres e oito homens – esteve reunido sábado durante seis horas até que emitiu a sua sentença.

Agricultores estão a perder a paciência

Fronteiras desde o Gerês a Moura estão infestadas de javalis

As zonas fronteiriças de Portugal, desde o Gerêz até Moura, estão infestadas de javalis que destroem culturas e fossam os campos como verdadeiras máquinas escavadoras. Por mais que cultivem a paciência de Job, os agricultores acabam por perdê-la e dizer «basta» às tropelias das feras.

De momento, mostram-se particularmente interessadas no extermínio dos porcos monteses, as populações do Norte dos distritos da Guarda e de Viseu onde se têm efectuado reuniões para discutir a forma de se libertarem da fera que as ataca.

Nas bacias dos rios Tejo e Távora os danos causados pelos javalis, nos últimos anos, foram de tal monta que os camponenses mostram receio de semear por não terem a certeza de colher.

Uma centena desses agricultores, de seis freguesias do concelho de Armamar, formaram, mesmo, uma associação com o fim imediato de matar quantos javalis encontrem nos seus terrenos.

Receosos da crítica dos ecologistas ou travados pela legislação, os técnicos dos Serviços Florestais não se estão a mostrar expeditos na concessão de licenças para batidas.

Enquanto adiam deferimentos, vão informando os lavradores que podem pedir indemnizações pelos prejuízos que sofram.

Só que, a par de gente sequiosa de direitos, há pessoas que preferem não usar os que têm, até para evitar aborrecimentos e gastos maiores em andanças burocráticas por vezes anedóticas.

O lenvatamento dos estragos provocados pelos animais nocivos à agricultura nem sempre é fácil.

Além disso, a ideia de que o contribuinte tem as costas largas e de que, onde todos pagam, nada é caro, repugna, ainda, a muitos dos nossos camponeses mais castiços.

Independentemente do seu grau de alfabetização, eles sabem muito de moral e, também, de ecologia.

Ninguém mais apto a estabelecer o «numerus clausus» dos javalis que podem suportar no seu meio ambiente do que os homens que, por sustentá-los nos seus campos, deviam ter nesse controlo a palavra definitiva.

Sem batidas legalmente consentidas e sem tergiversações, abre-se estímulo à caça furtiva que pode, essa sim, ser cegamente dizimadora.

Se não forem os donos das culturas, cada vez menos abundantes, a ajustar contas com os animais que lhes são nocivos e roubam o pão de seus filhos, serão os oportunistas a exterminar, com laços e outras ciladas, as ninhadas de pequenos porquinhos monteses.

Desse modo, nova injustiça se acumula sobre as muitas que já atingem os agricultores: uns comem a carne e eles ficam com o trabalho, despesas e o encargo de pagarem contribuições.

Sem alguma liberalização neste domínio das batidas até à prórpia caça miúda – coelho, lebre, pedriz – já tão afectada pelas espingardas, moléstias e falta de comida, tenderá a diminuir também pelo aumento de animais depredadores.

O desencanto dos camponeses pelas suas aldeias, devido à burocracia que os tolhe, fá-los-á aconchegar-se ao manto aburguezado das cidades, e as terras de cultivo, já por tanto lado abandonadas, irão ficando cada vez mais em pousio, com Portugal a importar cada vez mais alimentos.

Não é por seu gosto que agricultores de Armamar se vão juntar, por falta de licença para batidas aos javalis, a outros agricultores que, por motivos diferentes, se propõem realizar em Lisboa uma jornada nacional de protesto da lavoura.

Eles não são preguiçosos, o tempo convida à grande faina agrícola e a gasolina custa um dinheirão.

A mão que os impele a abandonar as suas terras é, indirectamente, a mesma que se recusa a permitir-lhes que se libertem das feras mediante uma simples assinatura.

É duvidoso que, quando regressem da capital, tragam o salvo conduto para matar javalis, mas uma coisa é certa: estes ter-se-ão infiltrado, ainda mais, nos matos deixados por roçar.

Técnicos silvicultores admitem que os javalis, tal como começa a suceder com veados e corças, provêm de Espanha, onde são espécies muito protegidas junto à raia.

«Como não precisam de passaporte são de lá e pastam cá, à custa do pobre Zé» – comentou um lavrador.

Outro lembrou a história da lendária porca de Murça, uma javarda procriadeira de dois metros que, em tempos medievais, rendeu o título de nobreza ao cavaleiro que conseguiu abatê-la e livrar os povoados do flagelo que a besta-fera representava.

65 mil, diz Portugal

Quantos somos em Espanha?

O Ministério Interior espanhol e a Secretaria de Estado da Emigração Portuguesa divergem sobre o número de portugueses que residem em Espanha. Enquanto o MI afirma que há 22 500 portugueses com residência legal em Espanha, a Secretaria de Estado de Portugal assegura que esse número é de 65 mil.

Fontes do Ministério do Interior de Espanha consultadas pela ANOP afiançam que em 31 de Dezembro de 1983, o número de portugueses residentes no País era de 22 500, classificando «exagerado» o número de sessenta e cinco mil facilitado há dias pela Secretaria de Estado de Emigração de Portugal.

«Não sabemos a que cálculos nem com que bases se podem estabelecer esses números», comentou à ANOP um porta-voz do Ministério do Interior de Espanha.

O Ministério calcula que o número de emigrantes portugueses clandestinos não vai além de dez a 15 mil, pelo que o número de portugueses em Espanha poderá situar-se à volta de 35.000 pessoas.

As autorizações de permanência provisória para períodos entre três e seis meses, durante 1983, foram 1.600, ainda segundo o Ministério do Interior, pelo que o número de portugueses o ano passado residentes, oficialmente, em Espanha, foi de vinte e um mil.

«Os portugueses em Espanha, actualmente, não causam mais problemas nem mais preocupações do que os normais, apesar do sensacionalismo com que muitas vezes são tratados alguns casos, como o da mendicidade», comentou o representante do Ministério do Interior. «Neste aspecto, não existem problemas entre as administrações de Espanha e Portugal», acrescentou.

As facilidades da abolição do passaporte entre os cidadãos dos dois países «não incrementou o número de problemas provocados pela presença de portugueses em Espanha», na opinião de meios policiais espanhóis.

Minhotos querem formar "confraria gastronómica"

VIANA DO CASTELO, 19 – O Governo deve criar um departamento especializado para coordenar o relacionamento do turismoo e da gastronomia – concluíram os inúmeros congressistas que participaram no I Congresso de Gastronomia do Alto Minho que sexta-feira e ontem decorreu nesta cidade.

Esse departamento, segundo a proposta aprovada pelos congressistas, a ser criada no âmbito da Direcção-Geral do Turismo, deverá estudar e incrementar a promoção turística baseando-se nas potencialidades da gastronomia de cada região.

Os congressistas também recomendaram a criação de uma «Confraria da Gastronomia do Minho» para defesa da autenticidade da cozinha da região, bem como a sua divulgação e promoção, nomeadamente com a publicação de um «roteiro gastronómico» do Minho.

No domínio do ensino, o Congresso sugeriu ao Ministério da Educação a sensabilização dos professores das disciplinas de Estudos Sociais e de Meio Físico para a preservação da culinária nacional como defesa do património cultural popular português.

Neste I Congresso de Gastronomia do Alto Minho participaram cerca de mil e quinhentos delegados de todo o País e da Galiza, tendo o representante da Junta de Vigo, Gomez Gil, feito na sessão de sexta-feira uma pormenorizada exposição sobre os vinhos da sua região estabelecido uma comparação entre o que se produz e bebe aí e no Norte de Portugal.

«Grundig Electrónica Portugal, LD.ª
APARTADO 34
4701 BRAGA CODEX
VENDE

1 TRANSPORTADORA DE FITA CONTÍNUA, PRÓPRIA PARA INDÚSTRIA DE CALÇADO OU CONFECÇÕES, CAPACIDADE 40 OPERÁRIOS, COMP. 42 M. LARG. FITA 0,5 M, COMANDADA À DISTÂNCIA, ALTURA E VELOCIDADE REGULÁVEL.

MARCA: «SANDT» MODELO: 7152-S

1 TORNO AUTOM. C/ 6 «ÁRVORES» *MARCA: TORNOS AS 14*

Reunião dos "dez" começa hoje em Bruxelas

Contribuição britânica condiciona cimeira

O problema do reembolso de parte das contribuições financeiras da Inglaterra para a CEE volta a estar hoje e amanhã no centro das discussões dos chefes de Estado e de Governo dos «dez». O vigésimo oitavo Conselho Europeu (que se reúne três vezes por ano) realiza-se em Bruxelas e dele depende em grande parte o futuro do Mercado Comum e da adesão de Portugal e da Espanha. Apesar de nos últimos dias terem sido feitos alguns progressos significativos na procura de um entendimento no domínio agrícola e financeiro, tudo parece estar dependente da atitude britânica face às suas contribuições orçamentais.

Os ministros da Agricultura conseguiram obter um acordo provisório no início da semana passada quanto à redução da produção de leite e ao desmantelamento gradual dos Montantes Compensatórios Monetários. No sábado, finalmente, ficaram abertas as portas para a solução das divergências relativas aos preços agrícolas para a próxima campanha.

Entretanto, embora os ministros dos Negócios Estrangeiros não tenham ultrapassado o seu desacordo sobre o aumento dos recursos próprios da Comunidade e sobre outros assuntos de natureza financeira e orçamental, os Governos francês e alemão federal conseguiram chegar a uma plataforma comum durante o dia de ontem. Roland Dumas, ministro francês encarregado dos Assuntos Europeus e os ministros alemão federal das Finanças e dos Negócios Estrangeiros encontraram-se perto de Bona durante duas horas e meia tendo debatido «intensamente» todos os problemas financeiros da Comunidade.

Segundo o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão-federal «foram atingidos progressos sensíveis e as duas partes estão confiantes num sucesso da cimeira de Bruxelas no que lhes diz respeito». De acordo com o ministro das Finanças alemão «foi obtida uma reaproximação substancial» entre Paris e Bona acerca do financiamento a longo prazo da Comunidade e no que respeita à limitação da contribuição da RFA para o orçamento de Bruxelas. O ministro sublinhou que o acordo «depende ainda dos chefes de Estado e de Governo» reunidos a partir desta tarde.

Dado o nível de entendimento a que foi possível chegar na fase preparatória da cimeira o êxito está agora nas mãos de Margareth Thatcher, afirmam os observadores comunitários. Segundo foi possível apurar os ministros francês e alemão federal conseguiram ontem chegar a uma posição comum acerca do reembolso a conceder a Londres, mas sabe-se que esse montante está ainda muito longe do pretendido por Thatcher.

Londres, recorda-se, reclama uma redução de dois terços da sua contribuição para o orçamento comunitário e sabe-se que Thatcher está disposta a bloquear os trabalhos da cimeira enquanto esta questão não for resolvida a seu contento.

A primeira-ministra britânica exigiu que na reunião de hoje e amanhã a discussão deste problema anteceda o debate sobre os aumentos dos recursos próprios da CEE.

Esta última questão é neste momento fundamental dado que a Comunidade deverá entrar em situação de rotura financeira em Julho/Agosto e que as adesões de Portugal e da Espanha não poderão ser desbloquedas sem que isso fique resolvido. Para que se possa falar de sucesso deste Conselho Europeu o acordo financeiro deverá envolver antes de mais o problema do reembolso à Inglaterra, o acréscimo da percentagem das receitas do Imposto sobre o Valor Acrescentado de cada país que entra para os cofres comunitários e a resolução do problema do financiamento até que este último acordo possa entrar em vigor.

Uma maioria de britânicos (55%) e de dinamarqueses (51%) são favoráveis à saída dos seus países do Mercado Comum, revelam várias sondagens de opinião realizadas em sete países da comunidade

O FMI está de volta

Uma delegação do Fundo Monetário Internacional (FMI) chega hoje a Lisboa para negociar com o Governo português a revisão da carta de intensões.

A carta de intensões foi negociada no Verão de 1983 e prevê a sua revisão em data próxima do fim de Março corrente.

Os primeiros contactos entre técnicos do Fundo e as autoridades portuguesas decorreram nos dois primeiros meses deste ano, tendo fontes oficiais afirmado à ANOP que se têm registado dificuldades na obtenção de consenso em aspectos fundamentais da política económica, como o nível das taxas de juro (que o Governo pretende reduzir ligeiramente).

Também não há consenso em relação à política cambial (o Executivo português considera que a desvalorização não deve ultrapassar a percentagem actual de 1 por cento ao mês) nem sobre a análise das contas das empresas públicas e as medidas tendentes à sua reestruturação.

Em declarações em Washington, o secretário de Estado português do Orçamento, Alípio Dias, revelou dia 14 que o Governo vai fazer uma lista das empresas públicas que, pelo serviço social que prestam, terão de ser subsidiadas, de modo a permitir a clarificação das suas contas.

Portucel: um milhão de toneladas

A fábrica da Portucel, em Vila Velha de Ródão, festejou no passado dia 16, com a presença do governador civil de Castelo Branco e de representantes das autarquias, a produção do primeiro milhão de toneladas de pasta crua de papel em folhas, que davam para cobrir 1152 km, quase um sexto da superfície do distrito.

Esta pasta de eucalipto produzida em 13 anos, significou, a preços de 1983, um volume de vendas anual de três milhões de contos dos quais 65% em média para exportação.

Ano excelente para bancos suíços

O último relatório sobre os resultados da União de Bancos Suíços (UBS) agora divulgado, confirma que 1983 foi «um ano excelente» para a banca helvética.

A UBS, o maior banco suíço e um dos maiores do mundo, obteve em 1983 lucros líquidos de 506 milhões de francos, cerca de 30,5 milhões de contos, o que representa um aumento de 8,3 por cento em relação a 1982.

O balanço global das actividades atingiu o maior volume de sempre, com 115 100 milhões de francos suíços.

Os meios financeiros europeus atribuem o forte aumento dos lucros da banca helvética à rapidez com que se afastou dos mercados financeiros em matéria de empréstimos a países do Terceiro Mundo, nomeadamente latino-americanos, para concentrar a actividade nas operações com países desenvolvidos.

A UBS, que propõe aos accionistas dividendos de 20 a 22 por cento, aumentou em 1983 as previsões para incobráveis, perdas e desvalorizações até 444 milhões de francos suíços, equivalente a 15 por cento do capital.

Segundo o estudo realizado por uma firma especializada, os créditos em crise dos bancos suíços na América Latina representam apenas 1,4 por cento da carteira total de empréstimos ao estrangeiro.

Força de segurança conjunta para Cahora Bassa

Moçambique e a África do Sul estudam, neste momento, a criação de uma força conjunta que assegure a protecção do complexo hidroeléctrico de Cahora-Bassa e respectiva rede de transporte de energia, indicaram de fonte oficial na Cidade do Cabo.

A eventual criação de uma força de protecção da barragem de 2000 megawatts fora evocada pelo ministro moçambicano das Questões Minerais, António Branco, no final das conversações trilaterais entre a África do Sul, Portugal e Moçambique, os três países com interesses em Cahora-Bassa.

António Branco precisou que um grupo de trabalho para assuntos de segurança, constituído em Janeiro último por Maputo e Pretória, estuda o projecto de uma força conjunta de «segurança» que assegure o fornecimento de energia eléctrica à África do Sul.

Construído entre 1969 e 1977 pelos sul-africanos e pelos portugueses, o complexo hidroeléctrico de Cahora-Bassa chegou a assegurar 10 por cento do consumo sul-africano de energia eléctrica antes de ser paralisado pelas actividades de guerrilha do movimento nacional de resistência (MNR), em luta contra o governo de Maputo.

Culminando a aproximação entre a África do Sul e Moçambique, os dois países assinaram um pacto de não-agresão e de boa vizinhança, nos termos do qual Pretória deixa de apoiar o MNR, comprometendo-se pela sua parte Maputo a não permitir que o seu território seja utilizado como abrigo dos militantes do Congresso Nacional Africano (ANC) em luta contra o «apartheid».

trabalho

Novo acordo salarial na hotelaria do Norte e Centro

Foi concluído o processo de negociação do CCT para a indústria hoteleira e similares dos distritos de Aveiro, Braga Bragança, Porto, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu, que abrange cerca de 16.000 trabalhadores – anuncia a Federação do sector.

Os aumentos salariais acordados, a vigorar a partir de 1 do corrente mês, são da ordem dos 41 por cento sobre a tabela salarial de 1982.

«Desde há mais de três anos – diz a Federação – que se encontrava em curso um processo de negociação relativo ao clausulado geral do CCT, mercê da pretensão do patronato em subverter o o direito dos trabalhadores às refeições fornecidas pelos patrões nas empresas, nunca havia sido concluído, a não ser, claro, pelos divisionistas do Sindhat/UGT, que todos os anos não se cansam de expressamente conferir aos patrões a possibilidade de retirar aos trabalhadores aquele direito, bastando para tal que se deixem enganar e se filiem naquela organização.»

Um comunicado divulgado pela Federação assinala que «o processo agora concluído, também na parte do clausulado geral, salvaguarda no texto assinado, o direito à alimentação dos trabalhadores, «coroando» de êxito a luta que há mais de três anos vem tendo lugar e que tem levado os sindicatos a não assinar quaisquer tabelas salariais em 1983».

Esta tarde

Agricultores exigem em Lisboa solução para os problemas da lavoura

Delegações de agricultores de todas as regiões do País concentram-se esta tarde, a partir das 14 e 30, junto á Presidência do Conselho de Ministros, a fim de apresentarem ao Governo as reclamações mais sentidas no sector e sensibilizar as entidades oficiais para a necessidade de iniciarem «um diálogo permanente e construtivo com a lavoura e a CNA».

Esta acção, promovida pela Confederação Nacional da Agricultura, culmina a Jornada de Reclamação e Protesto da Lavoura Portuguesa, servindo igualmente para alertar a opinião pública de norte a sul do País para «a falta de uma política agrícola definida com a participação da lavoura» e sobre «a passividade ou a indiferença do Ministério da Agricultura» perante a degradação constante nos campos, onde reina a «incerteza, a falta de confiança, as dificuldades económicas reais, e a escassez dos meios financeiros».

A concentração de hoje foi precedida de reuniões e acções de esclarecimento em várias localidades do País, as quais, de acordo com a CNA, tiveram um elevado número de adesões por parte da lavoura, e a compreensão da população em geral.

Relativamente aos aumentos verificados nos factores de produção, que considera «exagerados», a CNA considera que ela própria e a lavoura em geral devem participar «em todas as comissões, conselhos, grupos de trabalho e organismos onde se discutem e decidem assuntos» do interesse de todos os agricultores.

A CNA sublinha em comunicado que a lavoura se encontra «esmagada, arruinada e penhorada», o que torna «mais insustentável» a vida de quem tira o sustento da agricultura.

UEDS recusa convite para Congresso da UGT

O Conselho Directivo Nacional da UEDS, deliberou, na sua reunião de sábado passado, não participar, nem intervir, no próximo Congresso da UGT, previsto para finais do corrente mês.

A decisão, tomada por maioria, recusa assim o convite que aquela organização sindical tinha dirigido, exclusivamente, ao primeiro-secretário da UEDS, Lopes Cardoso, com direito a uma intervenção no decorrer dos trabalhos.

Segundo fonte da UEDS, contactada pelo «DL», a razão decisiva para a rejeição do convite feito pela central sindical afecta ao PS e PSD, residiu na sua individualização, pois foi enviado apenas ao primeiro-secretário e não ao partido, ou seja, limitada a Lopes Cardoso a eventual representação daquele partido no congresso.

Entretanto, segundo apurou o «DL» junto da mesma fonte, a Comissão Jurisdicional da UEDS vai apreciar, nos próximos dias, a situação criada ao militante José Penedos, convidado pelo secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, António Vitorino, para fazer parte do seu gabinete.

António Vitorino — recorde-se — teve de abandonar a UEDS na sequência da aceitação de um cargo no Executivo PS-PSD.

Aniversário do Sindicato da F. Pública do Sul

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores, sob o lema «10 anos de liberdade sindical na Função Pública, comemorou o seu 8.º aniversário, com uma sessão realizada no Teatro Aberto, durante a qual foi feita uma abordagem histórica da criação da estrutura sindical. Para além de uma exposição documental sobre a actividade sindical, actuaram vários artistas, entre os quais Carlos Paredes.

Medicamentos: aumentos dos preços são "escandalosos"

— considera a CGTP

Os novos preços dos medicamentos em vigor desde 1 de Março provocaram aumentos de 100 a 160 por cento no valor pago pelo doente – afirma a CGTP, que considera tal situação «insustentável e escandalosa».

O facto que se deve à redução das comparticipações do Estado decididas pelo Governo, de acordo com um comunicado da CGTP-IN, é ilustrado com um quadro que contém os preços e as comparticipações de 16 medicamentos antes e depois de 1 de Março.

Com os novos preços, diz a Intersindical, o Governo «aumenta o custo de vida, degrada a situação sanitária dos portugueses, proteje as multinacionais, arruina a indústria nacional e provoca, ainda, mais desemprego».

A CGTP afirma que, desta forma, «os utentes só aviam parte das receitas, (...) as farmácias classificam, elas próprias, os medicamentos nos escalões de «A» a «D», pois os remédios não contêm em etiqueta a nova classificação oficial» e estão criadas as condições favoráveis «ao contrabando dos medicamentos integralmente pagos pelo Estado apesar destes serem em número reduzido».

Rádios livres em Abrantes: um fenómeno sociológico de importância crescente

Encontro de rádios livres em Abrantes

Emissão nacional "desafia" o Poder

Carlos Pessoa (texto) José Tavares (foto)

Uma emissão nacional em directo, a partir de Lisboa, é o desafio que as rádios livres, reunidas no fim-de-semana em Abrantes, decidiram lançar a si mesmas, à opinião pública e ao Poder.

«Os Desafios das Rádios Locais», tema do encontro, levaram a Abrantes a quase totalidade das rádios 'marginais' que se fazem ouvir nos céus do País. Ausentes, apenas os 'radicais' da Rádio Caos e da Rádio Delírio, ambas do Porto.

Comunicar é preciso, foi insistentemente afirmado em Abrantes. No entanto, o observador menos atento corria o risco de tirar conclusões erradas do que ali se passou, se apenas confiasse nos seus sentidos.

Muitas foram as presenças, de Gaia a Coimbra, de Castelo Branco a Tomar, de Vila Nova de Ourém a Lisboa. E intensos foram os esforços para lançar pontes por cima das divergências, procurando o que une e afastando o que divide as rádios livres e locais, na diversidade das suas experiências e concepções.

Mas a hora é de «crise e confusão», como sublinharia a dada altura António Colaço, da Rádio Antena Livre, de Abrantes.

Com efeito, até agora, as rádios livres e locais têm-se revelado incapazes de encontrar os instrumentos adequados de organização e acção, face à intransigência do Poder, ao desconhecimento do problema por parte da opinião pública e à reduzida sensibilização manifestada pela maioria dos órgãos de Comunicação Social.

A recomendação final do encontro seria, a este título, eloquente.

Ao propor uma reunião da Coordenadora Nacional das Rádios Livres, a concretizar entre 15 de Abril e 15 de Maio, reconhece-se que ela é «o único órgão que congrega a maior parte das rádios conhecidas» e deve estar aberta a todas as que entretanto forem surgindo, competindo-lhe encontrar as soluções organizativas e as respostas concretas aos problemas que atravessa o movimento.

Ir mais longe

As rádios livres consideram ter chegado o momento de ir mais longe. A realização de uma emissão ncional, em directo, a partir de Lisboa, por ocasião da reunião da Coordenadora Nacional, resulta da necessidade de intensificar as formas de pressão junto do Poder, para forçar uma decisão que apenas poderá ser no sentido da liberalização das ondas.

Mas não se esgota neste esforço o trabalho e a luta das rádios livres e locais.

Os participantes insistiram na necessidade de prosseguir, ampliar e melhorar o trabalho, reforçando a ligação aos ouvintes e às populações em geral.

As experiências de Abrantes e da Rádio Popular de Gaia, por exemplo, fornecem alguns elementos de reflexão: o poder local compreendeu há muito, nestas duas regiões, a importância do trabalho das rádios livres, sobretudo voltadas para uma reflexão e acção sobre o meio em que se situam. A presença do presidente da Câmara de Abrantes no encontro não pode ter outra interpretação.

As rádios «alternativas» não ignoram, por outro lado, o seu isolamento. «Condenadas» a agirem em quadros geográficos precisos, e limitadas pela difícil circulação de ideias e informações, elas querem aprofundar o intercâmbio entre si, não circunscrito a aspectos meramente organizativos e burocráticos. Neste sentido, foi defendida a troca de programas e materiais musicais entre as várias rádios, de modo a poderem beneficiar e todas dos contactos internacionais que já existem.

Nova semente

A Imprensa deve procurar as rádios livres, ou são estas que têm de e«esburacar» os contactos com a Imprensa?

Diversas foram as respostas dadas no decorrer do encontro de Abrantes. Mas, de um modo geral, foi sublinhado o papel decisivo que caberá aos órgãos de comunicação, no sentido de «alertar a opinião pública para a demorada definição de um quadro legal».

Ainda que embrionário, o movimento constitui um fenómeno sociológico e social que não pode ser mais ignorado. Ele é, desde já, um elo importante do processo de descentralização e regionalização a levar a cabo.

Por isso mesmo, a resposta por parte do Poder tarda.

Sublinhando que não existem obstáculos sérios à atribuição de novas frequências – como de resto já foi afirmado pelo próprio secretário de Estado das Comunicações – as rádios livres exigem do Poder um gesto de «coragem política».

O projecto de proposta da Lei da Rádio, que se pretende condicionante do quadro legal a atribuir posteriormente às rádios livres e locais, quase só contemplam a RDP, como seria sublinhado por membros da Rádio Juventude, de Castelo Branco.

Neste contexto, tudo parece encaminhar, uma vez mais, para o anteprojecto de legalização, da autoria dos deputados Dinis Alves e Jaime Ramos.

A maioria das rádios livres já se pronunciou favoravelmente, na generalidade, mas não existe uma posição de conjunto, nem uma sistematização dos pontos que se considera necessário rectificar.

A criatividade e a imaginação dos «fazedores» das «novas rádios» enfrentam, agora, um novo e decisivo desafio: construir a unidade necessária de opinião já que se ousou povoar as ondas hertzianas com a semente de uma nova maneira de olhar a realidade.

Apreendidos em Tavira 58 quilos de haxixe

Uma força do Batalhão n.º 2 da Guarda Fiscal detectou dois fardos abandonados, na zona de Tavira, contendo 58,5 quilos de haxixe a que foi atribuído o valor de 44 mil contos.

Em informações fornecidas esta manhã ao «DL» pelo porta-voz daquela corporação, coronel Margarido, foram ainda referidas outras apreensões com destaque para 38 720 quilos de peixe congelado, avaliados em 9680 contos, que se encontravam num armazém frigorífico na área do Jardim do Tabaco, em Lisboa. A Guarda Fiscal apreendeu, por outro lado, em Sintra camarão congelado no valor de 540 contos.

Finalmente, em Campo Maior, foram apreendidos a um cidadão espanhol vários artigos de contrabando avaliados em um milhão e duzentos mil pesetas. A viatura em que eram transportados, e a que foi dado o valor de 500 contos, foi igualmente apreendida.

Centro Cívico de Carnaxide vai custar 380 mil contos

Os arquitectos vencedores do concurso público de estudos prévios para o projecto do Centro Cívico de Carnaxide mostraram ontem à população local os estudos e maqueta do projecto, cujo custo atinge os 380 mil contos, dos quais 250 mil caberão à iniciativa privada e os restantes 130 mil, destinados a infra-estruturas e edifícios públicos, serão comparticipados pela Câmara Municipal de Oeiras através da venda de lotes comerciais.

O futuro Centro Cívico de Carnaxide prevê a implantação de zonas para comércio e serviços, cinema, pavilhão gimnodesportivo, centro cultural, uma igreja e centro paroquial, um espaço destinado a instalações das autarquias locais, creche e centro de dia para a terceira idade, para além de uma zona verde com inserção de equipamento para animação desportiva, que não será inferior a dez por cento da área total de implantação do centro.

A freguesia de Carnaxide, cuja população ascende actualmente a cerca de 120 mil habitantes, dispõe de condições para, a médio prazo, se constituir como concelho.

pessoas & factos

Três empresas convidam 250 secretárias para jantar

Três empresas ligadas aos sectores de viagens, transportes aéreos, «rent-a-car» e hotelaria – Europcar, Uniturismo e Varig – vão homenagear com um jantar as 250 secretárias com quem maior relacionamento profissional mantiveram durante o ano de 1983.

Este convívio terá lugar no próximo dia 21, no Hotel Ritz Intercontinental. Prémios e lembranças serão sorteadas entre as presentes.

Trata-se de homenagear profissionais que muitas vezes participam em decisões importantes e são dinamizadores da actividade empresarial, mas tantas vezes esquecidas pelas empresas a quem dedicam anos das suas vidas.

"Café Creme" dinamiza o seu espaço de convívio

«Café Creme», um lugar «sui generis» no conjunto dos restaurantes de Lisboa, comemorou seis meses de existência. O saldo deste curto período de funcionamento foi afirmação de um espaço muito agradável, extremamente bem decorado, com especial apelo às cores claras, espelhos madeiras, plantas e luz natural.

Criando uma personalidade própria ao longo dos seus seis meses de vida, o «Café Creme» vai agora dinamizar o seu espaço e a versatilidade que o ambiente permite.

Para já assinale-se o «Piano-Bar», ao jeito de café-concerto, onde até às duas da madrugada se poderá cear ou tomar uma bebida, tendo a música bem escolhida como constante do ambiente.

Tap Air Portugal homenageia reformados

«A Tap Air Portugal» homenageou com um almoço nas suas instalações os trabalhadores que atingiram a reforma no final de 1983.

O almoço foi presidido pelo vogal do conselho de gerência para a área do pessoal, dr. Luís Correia Maltez, tendo estado presentes outros elementos desta transportadora, designadamente a direcção de pessoal e representantes da comissão de trabalhadores e da direcção de relações públicas.

Gastronomia alentejana no Hotel Estoril-Sol

No «Gril» do Hotel Estoril-Sol está a decorrer até ao dia 24 uma «Quinzena de Gastronomia Alentejana». Trata-se de uma iniciativa inserida no conjunto de outras similares planeadas para o «Grill» daquela prestigiosa unidade hoteleira.

A «Quinzena» de Gastronomia Alentejana» tem o apoio de um restaurante de Évora que deslocou para o Estoril elementos da sua brigada de cozinha.

Entre os pratos típicos da região, confeccionados segundo velhas tradições, inclui-se o cação frito, a favada de caça, a sopa da panela, os pezinhos de coentrada, e ainda as famosas sobremesas de pão de rala, torrão real e o apreciado queijo de Serpa.

Como vinhos destacam-se os de Reguengos, Borba, Redondo, Vidigueira e os digestivos Poejo e Fedrisco.

24 horas

SPD ganha na Baviera

A Oposição Social-Democrata (SPD) registou um nítido êxito nas principais cidades da Baviera, domingo, durante as eleições municipais, o primeiro escrutínio do género desde a vitória do chanceler Helmut Kohl nas legislativas de há um ano, constatam segunda-feira os meios políticos alemães-federais.

Evasão em grupo

Uma quinzena de prisioneiros, todos holandeses, evadiram-se na manhã de domingo da prisão de Schevningue, nos arredores de Haia, considerada como a mais bem guardada de toda a Holanda, anunciou a Polícia. Os fugitivos, entre os quais estava o autor do primeiro rapto da história da Holanda, perpetrado nos anos 70, puderam escapar-se depois de terem desarmado os guardas e de terem apanhado as chaves da prisão, especificou a Polícia. Durante a imponente caça ao homem, organizada logo após esta evasão colectiva, a Polícia recapturou três dos evadidos.

Extradição para o Ulster

As autoridades irlandesas entregaram à Polícia britânica do Ulster o suposto dirigente do Exército Nacional Irlandês de Libertação (INLA), Dominic McGlinghey «o homem mais procurado de toda a Irlanda».

Greve dos mineiros

Um dispositivo policial de uma amplidão sem precedentes foi organizado domingo à noite em várias zonas hulhíferas britânicas para impedir a acção dos piquetes de greve ilegais. As forças de Polícia patrulham nomeadamente a bacia de Nottinghamshire (centro da Inglaterra), onde os delegados sindicais recomendaram uma retomada do trabalho segunda-feira, depois do voto dos seus aderentes, 75 por cento contra a greve desencadeada há uma semana pelos mineiros do condado vizinho de Yorkshire.

Atentado em França

Dois homens foram feridos num atentado com explosivos frente às instalações de uma organização arménia, no sábado à tarde em Marselha (Sudeste de França, na costa do Mediterrâneo), anunciaram as autoridades locais.

Semana quente

O governo peruano prepara-se hoje para uma «semana quente» que culminará com a greve geral nacional do próximo dia 22, convocada pelas quatro centrais sindicais do país.

Dinheiro da CIA para Pastora

Uma fundação cristã-democrata alemã-federal (Konrad Adenauer Stiftung) que trabalha com o partido do chanceler Helmut Kohl teria «canalizado» dinheiro da CIA para o líder opositor nicaraguense, Eden Pastora – revelou a Imprensa de Bona.

Eleições no Uruguai

O comandante chefe da da Força Aérea uruguaia, general Manuel Buadas, confirmou a realização de eleições este ano no Uruguai. O general Buadas fez a afirmação durante o discurso proferido na Praça da Força Aérea em Montevideu, cuja inauguração marca mais um aniversário daquele ramo das Forças Armadas.

Atentados no Chile

Mais de trinta atentados com explosivos, visando a maior parte a rede de distribuição de electricidade, foram cometidos quase simultaneamente na noite de sexta-feira para sábado, no Chile, fazendo 6 feridos e causando importantes estragos materiais, soube-se de fonte policial.

Morrer pela terra

Setenta e dois camponeses morreram durante o ano passado no Brasil em conflitos por causa de posse de terras — revela um relatório da Comissão Pastoral da Terra publicado domingo. O estado onde se registou mais violência foi a Baía, com o assassínio de 17 trabalhadores, cinco presos ilegalmente e outros cinco expulsos das suas terras, de acordo com o relatório da Comissão (CPT).

Inundações em Moçambique

Várias centenas de pessoas encontram-se acomodadas no Pavilhão Desportivo do Ferroviário e na Pousada dos CFM-Centro, centro da Beira, vítimas das cheias provocadas pelas chuvas torrenciais que caem na cidade desde quarta-feira – anunciaram as autoridades moçambicanas.

Portos parados

A greve dos 300 000 estivadores indianos que ontem entrou no seu segundo dia, paralisa a actividade dos 10 principais portos da Índia, noticia a agência indiana PTI. O governo, que considera essa greve ilegal, decidiu fazer executar pela Marinha os trabalhos portuários essenciais.

Presidente angolano e Fidel discutem retirada de Cuba

O presidente José Eduardo dos Santos, que se encontra desde o sábado passado em Havana em «visita amistosa e de trabalho», teve com o chefe de Estado, Fidel Castro, conversações que incidiram na situação «no Cone Sul de África», anuncia um comunicado publicado ontem na imprensa cubana e citado pela AFP

A visita do presidente angolano decorre em atmosfera solene e imbuída de uma certa reserva, salientam os observadores.

A representação cubana no início das conversações esteve confiada, além de Fidel Castro, a Jorge Risquet e ao general de divisão Abelardo Colome Ibarra, ambos membros do Bureau Político do Partido Comunista de Cuba. O general de divisão Leopoldo Frias participou igualmente nas conversações.

A presença destes dois destacados responsáveis militares vem confirmar, na opinião dos observadores, que as duas partes abordaram logo de entrada o cerne na questão, ou seja, o estacionamento de 30 000 soldados cubanos em Angola.

Segundo o comunicado oficial, as conversações, iniciadas no sábado à tarde no Palácio da Revolução (sede do Conselho de Estado), escassas horas após a chegada do chefe do Estado angolano a Havana, decorreram em «ambiente amistoso e de compreensão recíproca».

Os dois interlocutores debruçaram-se sobre «diversos aspectos das relações bilaterais», procedendo a «uma análise aprofundada da situação internacional, designadamente no Cone Sul de África», acrescenta o comunicado particularmente lacónico.

O «número um» angolano chegou a Havana acompanhado de uma importante delegação que integra os ministros da Defesa e da Agricultura, respectivamente Pedro Maria Tonha (Pedalé) e Evaristo Domingos (Kimba), ambos membros do Bureau Político do MPLA-Partido do Trabalho (no poder em Luanda). Os observadores notaram, porém, a ausência de Raul Castro.

A segunda razão desta visita seria, segundo os mesmos meios, a preparação de um plano de retirada progressiva dos 30 000 soldados cubanos actualmente estacionados em Angola (o primeiro contingente chegou em 1975).

Todos os observadores em Havana notaram que o presidente angolano foi recebido, é certo, com todas as honras devidas a um chefe de Estado, mas sem entusiasmo particular, enquanto exactamente há quatro anos Cuba reservou um acolhimento caloroso ao «camarada Eduardo dos Santos».

Enquanto isto, as autoridades «recusarão» sempre a conciliação com a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), indicaram fontes autorizadas em Luanda, ontem citadas pela AFP

Os dirigentes angolanos — observam as mesmas fontes — estão dispostos a «acolher» elementos da UNITA «que desejem aderir» mas «está fora de questão reconhecer essa formação como entidade oficial de oposição». «A UNITA — acrescentam em Luanda — é um produto do estrangeiro essencialmente apoiado pela África do Sul, e sem auxílio do exterior o movimento acabará por extinguir-se».

Samora explica-se perante as massas

O presidente Samora Machel apresentou no dia 17, num comício popular no bairro de Xipamanine, Maputo, os dois textos escritos em Português e Inglês, do acordo de paz Nkomat, assinado sexta-feira com a África do Sul, escreve a ANOP.

Ao iniciar o seu discurso de cerca de 50 minutos, o líder moçambicano perguntou aos 90 mil presentes o que queriam que lhes disse. A resposta foi: Tudo.

Samora Machel começou por historiar os motivos que levaram à fundação da Frelimo até ao desencadeamento da luta armada até à presente fase.

O líder moçambicano tentou em seguida, sempre com o bom humor que o caracteriza, explicar detalhadamente o conteúdo do documento que sexta-feira subscreveu com o primeiro-ministro sul-africano.

Não fomos assinar o acordo com o Partido da África do Sul. Fomos assinar, sim, com o Governo, o Estado da África do Sul – disse Samora, para, em seguida, acrescentar que também da parte moçambicana não foi a FRELIMO que assinou o acordo, mas sim o Estado, o Governo moçambicano.

Samora Machel esclareceu que o acordo Nkomati não implica a coexistência política e ideológica entre Moçambique e África do Sul.

Num ambiente caracterizado por uma verdadeira troca de palavras entre o chefe de Estado e os presentes, Samora Machel chamou especial atenção às populações fronteiriças no sentido de cessar o velho hábito de atravessar a fronteira para pastar, caçar, cultivar e, por vezes, «fugar» para lá fixar residencência.

O dirigente moçambicano disse que está em poder das Forças Armadas um contigente de mais de 3500 bandidos armados, capturados e que confessaram que recebiam apoio da vizinha África do Sul.

Entre o período de 1982 a Outurbro de 1983, as Forças Armadas Moçambicanas causaram milhares de mortos e feridos aos rebeldes – disse.

Quase a terminar o seu discurso, que foi sempre interrompido por ovações e pela canção Kanimambo, FRELIMO (obrigado, FRELIMO), Samora Machel definiu como tarefa principal actual a limpeza aos bandidos armados e agudização da vigilância.

Anunciado na cidade da Praia

Cimeira dos "cinco" reúne-se em breve

Uma «cimeira» extraordinária dos chefes de Estado dos cinco países lusófonos de África (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) deverá reunir-se em breve. soube-se de fonte oficial na Cidade da Praia, aonde se deslocou o presidente da Guiné-Bissau – referem a ANOP e a AFP.

Anunciada pelo presidente da Guiné-Bissau, general João Bernardo Vieira, no final das conversações com o seu homólogo cabo-verdiano, Aristides Pereira, essa «cimeira», cuja data e local ainda não foram precisados, deverá testemunhar a solidariedade dos países lusófonos africanos para com Moçambique e Angola, após a decisão destes dois países de estabelecer contactos directos com a África do Sul.

Um comunicado publicado no domingo à noite no final das conversações entre os presidentes de Cabo Verde e da Guiné-Bissau exprime satisfação pela assinatura, na sexta-feira passada, do pacto de não agressão entre Moçambique e a África do Sul.

Nova ofensiva contra a Nicarágua

Cuba apelou no sábado aos países membros do grupo da Contadora (Panamá, Venezuela, México, Colômbia) para impedirem as «acções agressivas americanas» na América Central – informa a A.F.P.

O Grupo da Contadora «detém a força e beneficia do apoio internacional necessários para se opor a tal comportamento, afirma o governo cubano, num comunicado destinado a apoiar o apelo «urgente» lançado, na passada 3.ª feira, pelo governo sandinista.

No apelo, a Nicarágua tinha pedido à comunidade internacional que lhe forneça «os meios técnicos e militares» necessários para apoiar a «iminência de uma guerra em grande escala» que seria desencadeada pelos Estados Unidos, recorde-se.

Por sua vez a ANOP informa que o Exército sandinista enfrenta uma nova ofensiva armada de vários milhares de homens que penetraram em território nacional, em vários sectores da Nicarágua – segundo anunciou o responsável pela segurança do Estado Lenin Cerna.

Cerna, que se dirigia a um grupo de trabalhadores em Manágua, não especificou se houve já recontros entre as tropas sandinistas e as novas unidades infiltradas no país.

A mesma agência ANOP indica que o Exército hondurenho está a concentrar «forças militares na fronteira com a Nicarágua para defender a soberania nacional», segundo confirmação oficial das Honduras.

O porta-voz das Forças Armadas hondurenhas disse que «as guarnições do sector oeste da fronteira sul receberam reforços para fazer frente a possíveis situações difíceis».

O alto comando hondurenho afirmou que nos últimos dias se verificaram naquela zona «diversos incidentes» com soldados do exército popular sandinista, cuja gravidade é objecto de «investigações».

O parlamento hondurenho, que debateu durante três dias, num ambiente de grande tensão, uma alegada «alteração da fronteira» entre os dois países por parte do Exército nicaraguense, solicitou aos ministros da Defesa e dos Negócios Estrangeiros que adoptem todas as medidas necessárias para pôr fim às «constantes violações da fronteira pelos soldados sandinistas».

É neste contexto que o presidente Ronald Reagan dos EUA, em entreVista concedida à A.F.P., fez um apelo à França para que apoie a sua política de «luta contra as iniciativas soviética e cubana na América Central». Este apelo surge em vésperas da visita do presidente francês, François Mitterrand, a Washington.

SublinhanDo a grande coincidência dos pontos de vista franco-americanos a respeito da defesa atlântica, o presidente americano exprimiu a esperança de que as suas conversações de 22 de Março com o presidente francês permitirão atenuar os «ligeiros desacordos» entre Paris e Washington sobre a crise na América Central.

«O que nós vemos no Sul é uma prova de força conduZida por Cuba e pela União Soviética, e pronto...», declarou, a respeito desta crise.

Ponte aérea dos EU

Líbia de

Tudo indica que os EU preparam uma provocação bia, sob o pretexto de qu soviético (igual aos que a Lí a cidade sudanesa de Um agora repete, quase ponto foi montado em Fevereiro visava forçar a Líbia a inter força aérea para aí ser esm uma invasão directa do se

O esquema então montado foi desmantelado, ponto por ponto, pela própria Imprensa norte-americana e falhou rotundamente, porque a Líbia não mordeu o isco, e o próprio Egipto, face à grosseria da farsa, não se quis deixar arrastar para tal **complot.** Os célebres AWAC's ainda chegaram na altura ao Egipto, mas depressa foram de regresso ao ponto de origem. E a questão ficou assim arrumada. Neste momento, em que a situação no Líbano representa um grosseiro revés para a política norte-americana de Reagan (em transe eleitoral dentro dos EUA) no Médio Oriente, talvez os EUA pensem que uma política de «músculo» contra a Líbia, estilo «músculo anti-Granada» seja um bom meio de fazer esquecer os desaires libaneses. A política externa líbia tem sido de grande prudência, apesar dos inflamados discursos de Kadhafi, e ninguém em seu perfeito juízo poderá acreditar que a Líbia ousasse atacar um país vizinho, quando lhe basta a crítica si-

Líbano

Segunda com gue

A Conferência de Reconciliação Nacional libanesa, de Lausana, entra hoje na sua segunda semana de trabalhos, numa altura em que o único ponto de acordo que parece estar definitivamente assente entre os participantes é a convicção de que não podem regressar a Beirute de mãos a abanar, refere a AFP.

Com efeito, os compromissos fazem-se e desfazem-se de hora para hora, enquanto no terreno a situação continua a ser incerta.

Houve ascenções e quedas espectaculares na bolsa dos compromissos declarou, ontem à noite, um responsável da oposição.

Os chefes de delegação, reunidos domingo à noite sem os seus colaboradores, pela segunda vez

Nas ilhas Majnum

Os horr

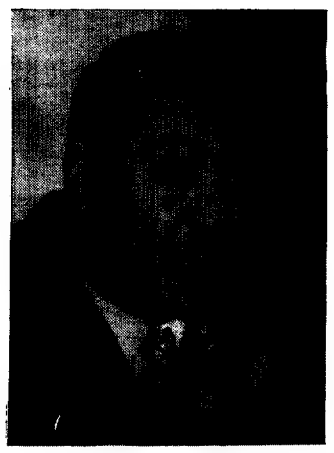
As forças iraquianas reconquistaram, pelo menos, uma parte das ilhas Majnun, vastos campos petrolíferos situados a Leste de Bassorá, onde prosseguiram ontem os combates, constataram jornalistas estrangeiros que se deslocaram ao local, segundo uma reportagem de Michel Leclerc, da AFP

Este conjunto de ilhas — na realidade línguas de terra formando uma rede de diques, no meio dos pântanos — é objecto de uma violenta batalha, que, segundo Bagdad, fez vários milhares de mortos nas fileiras iranianas, durante os últimos quinze

EUA para o Sudão

lesmente acusações de Cartum

EUA, o Sudão e o Egipto
ação contra o Estado da Lí-
e que um avião de fabrico
a Líbia possui) bombardeou
e Umdurman. O cenário de
nto por ponto, um outro que
eiro do ano passado e que
intervir no Sudão, com a sua
esmagada, e permitir depois
o s[illegible]-próprio território.



tuação do Ehade para se pre-
ocupar. As notícias sobre o
acontecimento hoje dadas
pelas agências são as que se
seguem:

O Comité Popular do Gabinete Popular das Relações Exteriores (Ministério das Relações Exteriores) Líbio publicou no sábado um comunicado desmentindo categoricamente que a Líbia esteja na origem do ataque aéreo de sexta-feira à cidade sudanesa de Umdurman – refere a AFP.

Neste comunicado, difundido pela agência líbia JANA, recebida em Paris, o Gabinete Popular Líbio declarou nomeadamente: «Agora, é hábito dos regimes a contas com uma revolução popular proferir acusações contra a Líbia todas as vezes que os seus povos aumentam a luta, porquanto a Líbia apoia a revolução e toma partido pela liberdade em todos os cantos do Mundo».

O Sudão pediu uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, destinada a estudar a agressão líbia alegadamente perpetrada na passada sexta-feira contra a cidade de Undurman ataque que levou Washington a enviar aviões-radar «AWACS» para o Egipto, como reforço, e o Cairo a decidir medidas de apoio militar – escreve AFP.

Segundo fontes governamentais americanas os «AWACS» cujo número não foi indicado, serão encaminhados para uma base aérea situada no Sul do Egipto, próximo do Sudão.

Ao decidir – tal como o fizera em Fevereiro de 1983 – enviar para o Egipto estes aviões, equipados com sistemas de detecção dispondo de um alcance de 360 km, a Admistração Reagan parece ter feito sua a tese sudanesa do bombardeamento aéreo de Undurman cidade-satélite de Cartum.

Com efeito, o governo sudanês afirma que o ataque foi levado a cabo, na última sexta-feira, por um Tupolev TU-22 de fabrico soviético, pertencente à Força Aérea Líbia, que largou cinco bombas sobre a cidade, fazendo cinco mortos, o que é desmentido por Tripoli, como acima se disse.

O presidente sudanês, marechal Gaafar Nimeiry, anunciou, por seu turno, que o Egipto, ligado ao Sudão por um tratado de defesa comum, o começara a aplicar na passada sexta-feira. As forças de defesa comum já tomaram posições para garantir a defesa dos objectivos estratégicos do Sudão, acrescenta o marechal, numa entrevista publicada hoje pelo quotidiano cairota «Al Akhbar».

O ministro egípcio da Defesa, marechal Abdel Halim Abu Ghazala, seguiu imediatamente para Cartum na passada sexta-feira, assim que o ataque foi anunciado. Esta visita foi seguida, ontem, pela do director do gabinete do presidente Mubarak, Ussama El Baz.

Por outro lado, segundo o «New York Times», que cita um alto responsável americano, os Estados Unidos e o Egipto tencionam voltar a estabelecer uma ponte aérea, para efectuar entregas urgentes de armamento ao Sudão.

As informações sobre a iminência de uma ponte aérea para o fornecimento de armas a Cartum, que precisa, nomeadamente, de sistemas avançados de defesa aérea, datam da viagem efectuada aos Estados Unidos, em princípios de Março, do vice-presidente sudanês, Omer Mohamed Tayeb. Nessa altura, o Pentágono qualificara tais informações de «prematuras».

Reagindo a estas notícias a Líbia declarou que se reserva a faculdade de utilizar um direito de legítima defesa», face àquilo que considera como «ameaças».

Arafat em Cartum

Yasser Arafat, presidente do Comité Executivo da OLP chegou no sábado a Cartum para consultas com o presidente sudanês Gaafar Nimeiry «sobre a situação na região» – informa a AFP.

Dirigindo-se aos jornalistas à chegada, Arafat condenou o ataque aéreo de sexta-feira contra a cidade sudanesa de Undurman. Qualquer agressão contra o Sudão é «uma agressão contra a nação árabe no seu todo», disse.

Brasil

Catástrofe ecológica

Uma empresa instalada nas margens do Rio São Francisco, no Nordeste do Brasil, provocou uma importante catástrofe ecológica, ao despejar nas águas do rio resíduos de um produto químico que ainda não foi possível identificar, soube-se sábado em Salvador da Baía — informa a AFP.

A toxicidade do produto destruiu com efeito, perto de 400 toneladas de peixe e privou de água potável os habitantes das margens do Rio S. Francisco, um dos últimos rios brasileiros poupados pela poluição, disse Teodomiro Mendes, presidente da Câmara Municipal de Curaza, uma das localidades atingidas.

Esta nova catástrofe ecológica emocionou profundamente os brasileiros, ainda sob o impacto recente do incêndio que causou perto de 90 vítimas em 25 de Fevereiro numa favela de Cubatão (80 km ao Sul de São Paulo), uma das cidades mais poluídas de todo o país.

O sinistro de Cubatão verificou-se após uma ruptura de um oleoduto que liga a refinaria local ao terminal petrolífero de Alemoa, no porto de Santos.

Um outro desastre ecológico, tendo por origem a utilização na floresta amazónica de desfolhantes — o Tordon 101 e o Tordon 155 — produzidos por uma empresa americana, «Dow Chemical», tinha desencadeado uma viva polémica no Brasil.

Estes herbicidas, segundo um certo número de especialistas, teriam com efeito provocado a morte de umas 50 pessoas e de vários milhares de animais.

Israel

Machismo no exército

O «machismo» domina as estruturas do Exército israelita, afirma a coronel Amira Dotan, numa entrevista publicada pelo diário israelita «Haaretz».

A comandante do corpo feminino «JEN» do exército israelita assegura que o serviço militar obrigatório de dois anos para as mulheres não alterou as mentalidades do pessoal masculino das Forças Armadas, e que a maioria das mulheres se submetem ao «machismo dominante» sem lutar pelos seus direitos.

Todas as israelitas de mais de 18 anos, que não invocam motivos religiosos para serem dispensadas das obrigações militares, cumprem dois anos de serviço nas Forças Armadas, e as mulheres representam um terço do total dos efectivos do Tsahal.

Segundo a coronel Dotan, embora existam algumas condutoras de tanques, mais de 50 por cento das mulheres cumprem o serviço militar nos serviços administrativos e apenas 10 por cento continuam no exército como contratadas depois dos dois anos de serviço obrigatório.

Uma sondagem realizada recentemente entre os soldados indica que a maioria dos militares considera que «apenas as mulheres divorciadas ou neuróticas muito feias» conseguem ter êxito profissional como oficiais do Exército.

As relações sexuais constituem também um problema para as «mulheres soldados», declarou a comandante do JEN. Embora a convivência entre homens e mulheres seja proibida no interior das bases militares, o Exército distribui gratuitamente contraceptivos aos efectivos femininos.

As mulheres que engravidam durante o serviço militar podem optar por abortar, mas são posteriormente expulsas das Forças Armadas.

a semana de conferência
erra em pano de fundo

no mesmo dia, para examinarem um projecto de documento de síntese proposto pelo presidente Amin Gemayel, acabavam de suspender a sua reunião, depois de um quarto de hora de discussões, com vista a procederem a consultas a dois ou a três, com a presença do observador sírio, o vice-presidente Abdel Halim Khaddam.

Segundo um responsável da delegação presidencial, o problema principal é o da «desconfessionalização» da vida política libanesa — reclamada pelo chefe do movimento chiita «Amal», Nabih Berri, e pelo presidente do Partido Socialista progressista, Walid Jumblatt — e a repartição, pelas seis principais comunidades libanesas, de altos cargos do Estado ainda por criar, a saber, dois postos de vice-primeiro-ministro, um segundo posto de vice-presidente da Assembleia Nacional e um posto de presidente de um futuro Conselho Económico e Social.

Em contrapartida, no que diz respeito às questões do regresso à normalidade da vida no Líbano, do princípio da descentralização administrativa e da reorganização do exército, o consenso obtido desde a passada quinta-feira continua garantido, pelo menos aparentemente.

Longe de Lausana, no Líbano, o tiroteio que opôs ontem o exército libanês às milícias chiitas, na linha de demarcação entre os sectores Leste e Ocidental de Beirute, bem como nos arredores Sul da capital, fez oito feridos, indica um balanço parcial publicado hoje — diz a AFP.

Desde a abertura, no passado dia 12, da Conferência de Reconciliação Nacional libanesa de Lausana, os confrontos em Beirute e seus arredores fizeram 38 mortos e mais de cem feridos, segundo as informações recolhidas de várias fontes, na capital.

Recorda-se que a Conferência de Lausana proclamara um cessar-fogo no Líbano no dia 13 de Março.

Os duelos de artilharia em Beirute e seus subúrbios, que tinham diminuido de intensidade domingo à noite, recomeçaram hoje de manhã, esporadicamente.

Os combates prosseguiram durante a noite sobre a linha de demarcação que separa as partes Leste e Oeste da capital, obrigando a população a passar a noite nos abrigos.

Paralelamente, registavam-se violentos recontros no domingo às 6.00 h locais (4.00 tmG) entre o exército libanês e as milícias antigovernamentais, no eixo rodoviário de Ras-El-Nabeh, durante uns trinta minutos.

Por outro lado, aviões militares não identificados sobrevoaram Beirute na madrugada de Domingo, segundo a rádio oficial libanesa.

Mondale recupera
Hart perde fôlego

A luta entre os três candidatos à investidura pelo Partido Democrata à eleição presidencial vai atingir o paroxismo na próxima terça-feira na «primária» do Illinois, grande Estado industrial do Midwest, onde as rivalidades no interior do partido são particularmente vivas.

Depois da «super terça-feira» que lhe permitiu sair de uma posição muito delicada, o antigo vice-presidente, Walter Mondale, conseguiu levar a bom termo uma excelente operação no «Super-Sábado», vencendo largamente duas das quatro pequenas assembleias do Arkansas (Sul dos EUA), e sobretudo no Michigan, Estado vizinho do Illinois.

Pelo contrário, o senador do Colorado, Gary Hart, conheceu o seu pior dia desde a vitória surpresa em New Hampshire, há cerca de três semanas. Não conseguiu, no sábado, uma única vitória, o que pode ser interpretado como a perda de fôlego da sua campanha.

As outras duas consultas que decorreram no sábado no Sul – Mississipi e Carolina do Sul – tiveram resultados mais taco a taco. Mondale chegou à frente no Mississipi com 30 por cento dos votos e apenas 2 por cento de avanço em relação a Jesse Jackson. Quanto a este último, obteve um excelente resultado na Carolina do Sul, seu Estado natal, onde ultrapassou, com cerca de 25 por cento dos votos, os seus dois rivais.

No domingo, Mondale venceu em Porto Rico, onde concorrera sozinho.

A indecisão de numerosos eleitores democratas ficou, porém, ilustrada nos dois estados sulistas, onde um número importante de votos se voltaram para delegados não comprometidos, mais de metade na Carolina do Sul e perto de um terço no Missipi.

n

rores da guerra do Golfo

dias.

Jornalistas estrangeiros, entre os quais se contava o enviado especial da «AFP», puderam visitar ontem, pela primeira vez, dois pontos da frente — que não foram precisados com exactidão pelos militares iraquianos, mas que se situam provavelmente no Sul das ilhas. Os militares de Bagdad também não quiseram indicar qual a parte precisa do sector que controlam directamente.

A zona das ilhas visitada pelos jornalistas foi reconquistada há vários dias pelos iraquianos: ao pé de uma dúzia de grandes armazéns, antigo campo de base dos petroleiros, próximo de um «derrick» abandonado, os cadáveres de soldados iranianos já estavam em decomposição, sob um sol escaldante.

Alguns quilómetros adiante, na linha da frente, mais cadáveres de soldados iranianos — «que tinham chegado de noite e por barco», segundo um alto oficial iraquiano — apodreciam no pântano, à beira do arame farpado.

Durante toda a visita, domingo à tarde, os jornalistas puderam ouvir duelos de artilharia e disparos de armas automáticas, que decorriam a poucos quilómetros de distância, num campo desértico e uniformemente plano.

Os iraquianos constituiram, ao longo de toda a frente, uma linha de defesa que se estende por vários quilómetros de profundidade, atravessada por filas ininterruptas de casamatas e de fortins.

No tocante às armas químicas, as agências informam que Teerão voltou a acusar Bagdad da utilizaçãao dessas armas. Segundo a AFP, as autoridades iraquianas convidaram um grupo de jornalistas estrangeiros a visitar esta manhã um complexo industrial de Akashat, a 280 quilómetros da capital iraquiana, onde, segundo os iranianos, são fabricadas as alegadas armas químicas pretensamente utilizadas no conflito.

O já referido jornalista da AFP, Leclerc, refere, por sua vez, que um general iraquiano, Abdel Rachid, visitado pelos jornalistas no seu QG, interrogado acerca de armas químicas disse que não hesitaria em utilizá-las (essas ou quaisquer outras) se o inimigo penetrasse naquela zona. No entanto — acrescentou — nem dispõe de tais armas nem o Alto Comando de Bagdad nunca lhe ordenou ou forneceu armas dessa qualidade.

DESPORTO

ponta esquerda

Leixões: calma na embarcação

O presidente da assembleia geral do Leixões manifestou a sua **«total compreensão, solidariedade e apoio»** com a demissão em bloco dos órgãos de gestão do clube matosinhense. Narciso de Miranda, (que é também presidente da Câmara Municipal de Matosinhos) refere, em comunicado, que **«ao ter conhecimento dos argumentos evocados pelo presidente da direcção e demais elementos do executivo do Leixões, solicitou aos mesmos que se mantivessem em funções»**.

Um pequeno número de sócios leixonenses rejeitou uma decisão da assembleia geral do passado dia 20 de Janeiro, em que foi aprovado o pagamento de um bilhete suplementar, sempre que a equipa principal do clube da Cruz de Pau jogasse no Estádio do Mar, até final do campeonato da 2.ª divisão (Zona Norte).

Esta recusa aconteceu já nos jogos Leixões-Académico de Viseu e Leixões-Valonguense.

«Atendendo à grave crise económica que o prestigioso clube vive, numa altura em que decorrem, em bom ritmo, obras de equipamento e bancada e considerando ainda que estes factos originaram uma situação de manifesto desrespeito pelas decisões dos órgãos de gestão do Leixões», o presidente da assembleia geral do clube afirma (no referido comunicado) que **«se os factos lamentáveis ocorridos se voltarem a repetir serão tomadas, por este órgão, atitudes drásticas. Num momento tão decisivo como este, a irreflexão, o nervosismo e atitudes radicais nada resolverão. Só o bom senso, a tolerância, a compreensão e o espírito de clubismo poderão contribuir para ultrapassar este impasse»**, concluiu Narciso de Miranda.

Zagalo "chicoteado"

Os dirigentes do futebol saudita despediram o treinador nacional, o brasileiro Mário Zagalo, por razões de maus resultados do onze saudita no Torneio do Golfo, que decorre actualmente em Mascate (Sultanato de Oman). A decisão saudita decorreu após o jogo com o Iraque, no qual a Arábia Saudita foi batida por 4-0. A Arábia Saudita ocupa o penúltimo lugar da classificação, sendo igualmente batida pelo Qatar (2-1) e obtendo o seu único sucesso frente ao Oman (3-1) que é o «lanterna vermelha».

Zagalo, treinador da selecção brasileira durante cinco anos, e um dos obreiros da subida do futebol brasileiro ao primeiro plano mundial, treinava os sauditas desde 1981.

Foi já substituído por Khalil Zayani, treinador do clube saudita Al Ettifaq, vencedor este ano do Campeonato do Golfo dos Clubes Campeões.

Togo: selecção dissolvida

O Togo dissolveu a sua selecção nacional de futebol e a Federação, após os maus resultados obtidos na Taça de África em futebol, efectuada na Costa do Marfim. O Togo, um dos 32 membros da Liga Africana de Futebol, perdeu com a Costa do Marfim (3-0), Camarões (4-1) e empatou (0-0) com o Egipto, ficando afastado das meias-finais da Taça de África.

Ameaça de bomba trava ténis

O Palácio dos Desportos de Ahoy, onde recorria a final do torneio de ténis de Roterdão, (Holanda) foi evacuado devido a uma ameaça telefónica de bomba. Segundo o autor do telefonema anónimo, a bomba explodiria ontem às 13h de Lisboa.

A polícia revistou o Pavilhão dos Desportos de Roterdão, mas não encontrou qualquer saco contendo explosivos, conforme havia anunciado o autor do telefonema. A partida entre o norte-americano Jimmy Connors e o checoslovaco Ivan Lendl, que disputavam o 2.°. «set» da final, decorria há cerca de 45 minutos quando foi recebido o telefonema anónimo na esquadra local da polícia. O autor do telefonema disse falar em nome de uma organização anticapitalista, que protestava daquela forma contra a presença, no Torneio de Roterdão, do sul-africano Kevin Curren.

Na altura em que a polícia decidiu interromper a partida, pedindo depois aos espectadores para abandonarem o Palácia dos Desportos de Ahoy, o checoslovaco Ivan Lendl já havia ganho o primeiro «set», por 6-0, e vencia o 2.° , por 1-0.

A final do torneio foi definitivamente interrompida. Jimmy Connnors não tinha objecções à continuação da partida,, mas Ivan Lendl invocou a necessidade de viajar para os Estados-Unidos, para adiar a disputa da final para uma data posterior ao Torneio de Wimbledon.

Luto no atletismo

O norte-americano Kenneth Carpenter, antigo campeão olímpico do lançamento do disco (nos Jogos de Berlim de 1936), faleceu vítima de um cancro no pulmão com 70 anos de idade. Carpenter tinha estabelecido um novo recorde em Berlim no lançamento de disco, atirando-o a 50,48 metros.

Nacional de futebol

Definitivo: Sporting perde última corrida para o trono

Fazendo um grande espectáculo, o FC Porto manteve as suas pretensões ao título, ao vencer com um tento de Gomes oSporting, em Alvalade, na 22.ª jornada do campeonato. O Benfica, que «goleou» (sábado) o Farense (7-2), no Estádio de São Luís, continua com um ponto de vantagem sobre o FC Porto Em vésperas da 2.ª «mão» dos quartos-de-final das Taças Europeias de Clubes de Futebol, Benfica e FC Porto obtiveram excelentes resultados.

Vidal Pinheiro: Brito salva um ataque salgueirista.

No Benfica, o atirador Nené com três golos «marcados, passou a liderar a tabela dos goleadores. Outros marcadores em Faro: Manniche (2), Stromberg e Chalana, mais os algarvios Mário Wilson (de grande penalidade) e Rogério.

O campeonato dos últimos manteve o Espinho como «lanterna vermelha», am perder em casa com o Vitória de Setúbal (0-1) golo de Freire. O clube sadino subiu ao 5.° lugar da tabela, em igualdade de pontos com o Braga, face à surpreendente derrota em casa dos vimaranenses diante do Portimonense, 0-2.

Se o campeonato ganhou novo interesse com a derrota do Benfica no domingo, passado,no Porto e agora a vitória do clube das Antas, em Alvalade, a luta pelo 4.° lugar (com direito à Europa na 4.ª feira) está complicada: Braga, Setúbal, Guimarães, Boavista e Portimonense mantéem um torneio de cada vez mais difícil prognóstico.

Sábado, em Penafiel, o clube local vencia o Braga, na própria baliza e Joaquim Rocha). por concludentes 2-0, (tentos de Nelito) enquanto as esperanças de recuperação do Estoril sofriam novo revez no Porto, onde perdeu, 0-1, com o Boavista, mercê do golo de Reinaldo.

A maior surpresa da jornada aconteceu em Guimarães, onde o clube local foi derrotado pelo Portimonense, por 0-2, golos de Rui Águas e Norton de Matos, um em cada metade do encontro. O Salgueiros, também não fioi além do empate em casa, frente ao Rio Ave, que conseguiu igualar na 2.ª parte dm encontro. Remataes certeiros de Penteado e Carlos Manuel.

O Varzim venceu, com maiores dificuldades do que o previsto o Águeda, por 2-1, com golos de André e Folha, o primeiro de grande penalidade, na 1.ª metade. O tento aguedense pertenceu a Valério.

História

Desfechos desta ronda (22) do nacional da 1.ª divisão: Sporting-FC Porto, 0-1; V. Guimarães-Portimonense, 0-2; Espinho-V. Setúbal, 0-1; Varzim-Águeda, 2-1; Salgueiros-R. Ave, 1-1; Farense-Benfica, 2-7; Penafiel-Braga, 2-0 e Boavista-Estoril, 1-0.

Marcadores

Nené (Benfica) é o novo «líder» dos marcadores do campeonato de futebol da 1.ª divisão, após ter assinado (sábado) três do tentos da vitórioa, por 7-2, do Benfica em Faro. Classificação dos melhores goleadores: 1.° Nené (Benfica), 15; 2.° Jordão (Sporting) e Dia-

Continua na pág. 13

Bessa: pontapé de canto marcado primorosamente por João Alves e recolha certeira por Reinaldo, que faz o golo com a coxa. Valentim Loureiro e Henrique Calisto aliviam o peito com o magro tento que bateu estorilistas.

TOTOBOLA
jogue connosco

Concurso n.° 11

Farense-Benfica	2
Sporting-FC Porto	2
Penafiel-Sp. Braga	1
Varzim-Águeda	1
Boavista-Estoril	1
Salgueiros-Rio Ave	X
Espinho-V. Setúbal	2
V. Guimarães-Portimonense	2
Acad. Viseu-Vizela	1
Valdevez-Leixões	1
Bene. C. Branco-Académico	1
R. Amadora-Olhanense	1
Marítimo-Belenenses	1

Cada prémio: 24819732$00

Totobola: previsão

O concurso número 11 do Totobola terá entre 20 e 30 totalistas, segundo as previsões divulgadas pelas Apostas Mútuas Desportivas. Com 12 resultados certos prevêem-se de 1200 a 1500 apostas.

TOTOBOLA
a chave

Concurso n.° 12

Benfica-Penafiel	1
FC Porto-Farense	1
Portimonense-Sporting	1
Sp. Braga-Varzim	1
Águeda-Boavista	x
Estoril-Salgueiros	x
Rio Ave-Espinho	1
V. Setúbal-V Guimarães	1
S. Martinho-Chaves	2
Covilhã-Alcobaça	x
U. Leiria-Torriense	x
Barreirense-Amora	1
Olhanense-Marítimo	x

Casos.

Byrne-Porto

Quem gera monstros aborta escândalos

A habilidosa lei que os congressistas da bola indigena fizeram aprovar (em declarada afronta à ética desportiva) permitindo a contagem dos jogos de reserva para «apagar» castigos por irregularidades cometidas nos encontros da categoria principal, começa a surtir efeitos contrários ao espírito que orientou os **doutos legisladores.** Aí temos o G.D. Estoril Praia e o FC do Porto com o cutelo do Conselho de Disciplina da FPF apontado para lhes cortar pontos conquistados no campo. É o Estoril Praia a contas com **indevida utilização** de David Byrne no jogo em que impuseram surpreendente empate ao Benfica no seu palco e os portistas que terão feito alinhar João Pinto em Torres Vedras em condições de **suspenso.** Dois casos que atestam as lacunas da anacrónica lei, cozinhada sem o tempero da necessária sensatez.

É o tiro a sair pela culatra, já que as interpretações das partes envolvidas não são coincidentes, fazendo ressaltar a leviandade, as insuficiências e demais efeitos duma regra inspirada no erro. Por um lado, o regulamento determina que **o jogador a quem na mesma época foram exibidos três cartões amarelos, em jogos diferentes, será punido com um jogo e ficará automaticamente suspenso...** Ora, se a lei expressa com clareza que o jogador é punido com um jogo, parece-nos que a **suspensão automática** cessa quando realizado o encontro imediato e, que quer o Estoril, quer o Porto, aproveitaram para o realizar na categoria **criada para o efeito.** Sugere-nos, portanto, haver razão para os dirigentes dos clubes visados pela «bomba» caída no seio futebolístico se sentirem desencantados, alarmados e surpreendidos.

O presidente estorilista Júlio Graça limita-se a afirmar que **o Carnaval já passou,** enquanto Pinto da Costa, escutado, ontem por nós (em Alvalade) diria: **a minha única declaração sobre esse assunto é apenas esta: estou muito contente por ver os clubes de Lisboa a pretenderem derrotar o FC do Porto na secretaria, porque no campo já viram que não o conseguem. Julgo que os autores desta acusação carecem de sentido de originalidade. É tudo, porque me nego a perder tempo com questões que não o justificam.**

Quisemos registar o depoimento do esclarecido secretário-técnico portista, o nosso velho e firme camarada Luís César. **O regulamento não deixa dúvidas. Ao 3.° cartão, o jogador é suspenso até realização do próximo jogo: e, porque o FC do Porto quando foi a Torres Vedras já havia actuado, João Pinto alinhou ali legalmente. Estranho é dois dias após o encontro com o Torreense, já os dirigentes daquele clube denunciarem a suposta ilegalidade à Federação. Estamos calmos, porque não infringimos os regulamentos.**

Dois casos para os juristas resolverem, e oxalá se apressem, para evitar o avolumar do escândalo. Dois casos que talvez impliquem a revisão de uma lei que existe para fomento da indisciplina.

Alves Henriques

Marítimo ultrapassa o Belenenses

Dois golos de Ademar (aos 43 e 85 minutos) deram a vitória ao Marítimo sobre o Belenenses (2-1) em jogo da 22.ª jornada do campeonato da 2.ª divisão disputado no Estádio dos Barreiros (Funchal). O tento solitário do Belenenses foi obtido por Djão quando eram decorridos 81 minutos de jogo.

Partida muito disputada, com ambas as equipas a empregarem-se a fundo e a proporcionar um excelente encontro de futebol. Como lhe competia, o Marítimo actuou deliberadamente ao ataque e obrigou os visitantes a remeterem-se a uma toada defensiva, mantendo apenas na frente dois avançados (Djão e Joel). A vitória do Marítimo nunca esteve em causa já que dominou durante os 90 minutos e, não fora a excelente actuação do guardião Justino, o resultado teria sido mais desnivelado. A turma de Belém evidenciou um certo nervosismo e algum atabalhoamento, não conseguindo sacudir a pressão imposta pelo seu adversário.

Apenas entre os 75 e os 85 minutos se viu uma certa tentativa por parte dos «azuis» para jogar mais ao ataque, porque o seu técnico resolveu alargar a frente de ataque com as entradas de Carraça e Vital para os lugares de Edmilson e de Jaime. Foi o melhor período do Belenenses e aquele em que conseguiu obter o tento da igualdade.

O êxito assenta bem ao Marítimo, mas o Belenenses dificultou-a bastante, tendo em Justino o seu melhor elemento que, inclusive, defendeu uma grande penalidade.

Sob a arbitragem de Marques Pires (Setúbal) as equipas alinharam:

Marítimo: Quim;Hilário, Quim Manuel, Leonardo e Arnaldo Carvalho; Marinho, Camacho e Paulo Campos; Duarte, Ademar (Clóvis aos 88) e Paulo Campos.

Belenenses: Justino; Pereirinha, José António, Quaresma, e Hélder; Jaime (Vital 56) Edilson Carraça 67), Dudu e Ruben; Joel e Djão.

O árbitro mostrou o cartão amarelo a Ademar e a Dudu (aos 59 minutos) tendo este último visto novo amarelo (aos 88) o que lhe valeu a expulsão.

DESPORTO

Nené: um grande espectáculo em Faro

Futebol nacional

Continua na pág. 12

mantino (Benfica), 13; 4.º M. Fernandes (Sporting), 12; 5.º José Rafael (Farense) e Gomes (FC Porto), 11; 7.º N'Habola (Boavista), Jorge Silva (Boavista) e Folha (Varzim), 9; 10.º César (Águeda) e 11.º Manicche (Benfica), 8; 12.º Eldon (Guimarães) e André (Varzim), 7.

Divisão 2

Resultados na 2.ª divisão, Zona Norte: Gil Vicente - P. Ferreira, 1-0; Famalicão - Fafe, 1-0; Ac. Viseu - Vizela, 2-0; Lixa -Feirense, 1-1; Valonguense -Tirsense, 1-0; Valdevez - Leixões, 1-0; Sanjoanense - S. Martinho, 4-0; e Chaves - Riopele, 5-0. Classificação: 1.º Vizela, 29 pontos; 2.º Leixões, 28; 3.ºs Sanjoanense e Chaves, 27; 5.º P. Ferreira, 25; 6.º Famalicão, 23; 7.º G. Vicente, 22; 8.ºs Feirense e Lixa, 21; 10.º Riopele, 20; 11.ºs Tirsense, Ac. Viseu e Valonguense, 19; 14.ºs Fafe e Valdevez, 18; e 16.º S. Martinho, 16 pontos.

Zona Centro: Peniche - Covilhã, 2-1; Alcobaça-Naval, 4-0; Elvas - U. Tomar, 2-0; U. Coimbra - Guarda, 2-0; Anadia - Rio Maior, 2-0; Beira Mar - U. Leiria, 2-0; Torreense - Caldas, 0-0; Benfica C. Branco - Académico, 2-1. Classificação: 1.º Académico, 32 pontos; 2.º Alcobaça, 29; 3.ºs Peniche e U. Coimbra, 28; 5.º Torreense e Elvas, 26; 7.º Covilhã, 25; 8.º Guarda, 23; 9.º Benfica C. Branco, 22; 10.º Beira Mar, 20; 11.ºs U. Leiria e Caldas, 18; 13.º U. Tomar, 17; 14.º Anadia, 15; 15.º Naval, 13; e 16.º R. Maior, 12 pontos.

Zona Sul: Silves - Esp. Lagos, 1-0; Nacional - Barreirense, 3-1; Sesimbra - U. Madeira, 1-0; Lusitano - Cova da Piedade, 1-2; Olivais e Moscavide - Odivelas, 0-1; E. Amadora - Olhanense, 2-0; Marítimo - Belenenses, 2-1; e Amora - Sacavenense, 1-1; Classificação: 1.ºs Marítimo e Belenenses, 31 pontos; 3.º Nacional, 30; 4.º Olhanense, 27; 5.º U. Madeira, 26; 6.º E. Amadora, 24; 7.º Sesimbra, 23; 8.º Amora, 20; 9.ºs Barreirense, C. Piedade e Odivelas, 19; 12.º Silves, 18; 13.ºs Lusitano e Olivais e Moscavide, 17; 15.º Sacavenense, 16; e 16.º Esperança de Lagos, 15 pontos.

Divisão 3

Nomes e números na 3.ª Divisão, Série A: Mirandela - Limianos, 4-0; Valenciano - Taipas, 0-0; Feamunde - Prado, 6-1; Aves - Ponte da Barca, 6-1; Mogadourense - Felgueiras, 2-0; Moreirense - Cerveira, 5-0; Merelinense - Bragança, 1-1; e Vianense - Monção, 0-0. Líder: Aves, 32 pontos. Série B: Vilanovense - Régua, 2-2; Ermesinde -Cesarense, 3-0; Leça - Esmoriz, 2-2; Amarante - U. Lamas, 4-0; Lourosa - Marco, 4-0; Valadares - José Alves, 0-0; Ovarense -Paivense, 2-1; Lamego - Paredes, 2-2. Líder: Lourosa, 28 pontos. Série C: Marialvas - Estarreja, 0-4; Poiares - S. Romão, 2-1; Santacombadense - O. Bairro, 1-1; Mealhada - Mangualde, 1-0; Gouveia - Viseu e Benfica, 2-0; Sourense - Lusitano de Voldemoinhos, 4-1; e Tortosendo - Tondela, 2-4. Líder: Estarreja, 29 pontos. Série D: Marinhais - Acains, 2-1; Marrazes - Alferrarede, 0-0; Marinhense - Niza e Benfica, 5-0; U. Santarém - Estrela de Portalegre, 1-1; Portalegrense - Marinha, 4-0; Alpalhoense - Nazarenos, 0-1; Bombarralense - Atouguiense, 0-1; e S. Bernardino -Almeirim, 2-4. Líder: Estrela de Portalegre, 36 pontos. Série E: Casa Pia - Cacém, 0-0; Montijo -Lusitânia, 0-0; Almada - Olivais, 1-1; Águia Sport - Oriental, 1-0; Atlético - Campomaiorense, 3-1; Tires - Bucelenses, 2-1; Sintrense - Santa Clara, 3-3; e Vialonga - Samora Correia, 1-1. Líder: Montijo, 33 pontos. Série F: Alvorense - Torralta, 0-1; Comércio e Indústria - Vasco da Gama, 3-0; Paio Pires - Beja, 0-0; Estrela V. Novas - Juventude, 6-2; Canaviais - Seixal, 1-1; Moitense - Lusitano de Vila Real, 1-1; Quimigal - Campinense, 2-1; e Quarteirense - Trafaria, 3-0. Líder: Torralta, 33 pontos.

Juniores

Resultados dos jógos da 4.ª jornada da segunda fase do «Nacional» de juniores de futebol na **Zona Norte:** V. Guimarães - U. Coimbra, 4-2 e **Zona Sul:** V. Setúbal - Sporting, 0-3; Torralta -

Continua na pág. 14

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1.º **BENFICA**	**22**	**19**	**2**	**1**	**64-16**	**40**
2.º FC Porto	22	18	3	1	37- 3	39
3.º Sporting	22	14	3	5	40-18	31
4.º Braga	22	9	6	7	23-24	24
5.º V. Setúbal	22	9	6	7	30-20	24
6.º V. Guimarães	22	10	2	10	27-31	22
7.º Boavista	22	8	6	8	27-26	22
8.º Portimonense	22	8	5	9	23-21	21
9.º Rio Ave	22	8	4	10	24-28	20
10.º Varzim	22	7	6	9	22-27	20
11.º Penafiel	22	7	4	11	16-33	18
12.º Águeda	22	7	3	12	22-39	17
13.º Farense	22	4	8	10	23-33	16
14.º Salgueiros	22	4	7	11	16-31	15
15.º Estoril	22	3	8	11	14-34	14
16.º Espinho	22	2	5	15	7-31	9

Próxima jornada: FC Porto-Farense (2-0 na 1.ª v.); Benfica-Penafiel (3-0); Braga-Varzim (0-2); Águeda-Boavista (1-4); Estoril-Salgueiros (2-6); Rio Ave-Espinho (3-2); V. Setúbal-V. Guimarães (4-3) e Portimonense-Sporting (0-3).

Alvalade: Sporting,0-Porto,1

"Leões": nem garras, nem dentes, nem juba

Se alguma dúvida existisse sobre o valor actual das melhores formações clubistas cá do burgo, a ronda 22 dissiparia o nevoeiro, com o rotundo sucesso benfiquista em piso farense e o modo (brilhante, impante de orgulho e pleno de classe) com que o FC Porto desceu até Alvalade, reduzindo o Sporting a quase total e passivo espectador, se descontarmos um tiro de muito longe muito mal calibrado por Jordão (na recolha de um centro em fora de jogo de Manuel Fernandes) e na muito alta cabeçada de Futre, os dois únicos momentos que, em 90 minutos, deixaram de amarfanhar nos seus lugares os mais indefectíveis adeptos do leão, verdadeiramente perplexos com a carência da sua turma em vários sectores, muito especialmente (ao que sugere) por deficiente ou adequado comando supremo.

Zé Beto: defesa tranquila, protegido por Lima Pereira e João Pinto. Futre e Mário Jorge dão o tom do inconformismo.

Entre os **vipes** estava toda a gente importante: de Melo Egídio a Firmino Miguel, Valentim Loureiro e Lito Gomes de Almeida, Leonardo Ribeiro de Almeida e Manuel Alegre, diplomatas de países africanos e o Benfica em peso (juiz dr. Adriano Afonso, Domingos Claudino, Fernando Neves) até o ainda recente sportinguista Festas trocava impressões com o técnico Toni. Nas bancadas, a «juventude leonina» fazia ondular ao vento enormes bandeiras, enquanto os estandartes portistas enquadravam a «força azul», vinda de Gaia. Mas a luta de gargantas durou poucochinho: logo os portistas ganharam tal ascendente sobre o relvado que os leõezinhos, viola no saco, ficaram siderados com o desplante daquele quarteto de ouro (Jaime Pacheco, Sousa, Frasco, Jaime Magalhães) que, secundado por uma retaguarda onde cintilava João Pinto entre mestres de igual quilate, era cavalgada sobre tudo e todos, mais parecendo que estava no palco das Antas que em terreno dum emblema contrário, ainda mais adverso a partir do instante em que a clivagem entre as directivas se tornou facto aberrante e censurável.

●

Verdade que o Sporting, por isto ou aquilo, não tinha ao dispor de Venglos a totalidade das melhores unidades: Oliveira e Lito (toda a gente sabe) dão um balanço ao meio-campo que (certamente) não ficaria, como ontem, totalmente submerso à vontade indómita dos nortenhos. Mas isso não explica aquela franciscana pobreza que culminou com a abdicação perante o tento de Gomes, permitiu que o europeu «Bota de Ouro» falhasse um remate que não perderá nunca mais na sua carreira e que um centro (primoroso) de Vermelhinho encontrasse desatentos três colegas que se tinham isolado perante Katzirz, com a defesa caseira a olhar para o boneco. Se a tudo isto juntarmos que o Sporting sofreu uma dúzia de «cantos» e o Porto apenas cedeu um (mesmo no derradeiro minuto do espectáculo) fica tudo dito.

●

De facto, foi espantosa a facilidade com que o solar de Alvalade foi devassado pela legião das Antas, que sempre teve todas as rédeas da festa na sua mão, jamais se afastando de uma personalidade categórica, firme, vertical, tão luxuosa que (realmente) só pode encontrar concorrência no Benfica, o que justifica estarem apenas dois símbolos na luta europeia e no duelo para o trono cá da loja, com toda a demais concorrência vendo passar os comboios, ora dize-tu, ora direi-eu.

●

Inacreditavelmente, aquele búlgaro (às vezes luso) que é Kostov, ainda não estava a plateia completamente sentada e, de meias em baixo, mãos nas ancas, já não podia com uma gata pelo rabo, o que sugeria estar bastante prolongada a sua lua-de-mel pelas nossas bandas. E, incrivelmente, Venglos não o mandou estirar-se para o berço em tempo oportuno: quando o fez, lembrou-se de associá-lo a Venâncio, que era (ao lado de Gabriel e Zezinho) a única parede que protegia da avalancha um Katzirz que a mais não é obrigado porque nem consegue afastar da memória outros antecessores na baliza verde-branca nem possui atributos que o imponham (em grande) ao espectador habituado a ver em acção guarda-redes da mais alta estirpe.

●

A saída de Venâncio foi (pois) mais um erro de Venglos, o técnico que permitiu que, durante largo espaço temporal, perante uma plateia embasbacada, três suplentes (Jasson, Carlos Xavier e Fernando Cruz) totalmente dissociados do espectáculo, na maioria das vezes até de costas para o relvado, estivessem na lateral dando uns toques sobre um pedaço de terreno como se aquilo fosse pelada do INATEL, ou pior ainda, brincadeira de meninos sem compromissos fundamentais com o negócio-futebol. A certa altura, Venglos lá deu pela falta dos rapazes do banco: já era tarde para mostrar que continua um comandante. Respeitado e atento. Incrível em mestre que nos habituámos a admirar.

●

O Porto jogou com dilatada frente de ataque, bolas sobre bolas preparadas para o disparo fatal: apenas aconteceu que Gomes, saído de prolongada lesão, esteve apenas a 25 por cento, mesmo assim chegando e sobrando para resolver o pequeno problema leonino, tal a confusão que baralhava completamente um Sporting sem rei nem roque, cada qual a tocar o que sabe e muitos (até) esquecidos que residem no plano cimeiro da respeitabilidade cá deste sítio. De nada valeu a costumada «viagem» do presidente João Rocha, que, ao intervalo, gosta de ir botar palavra aos seus rapazes, em momento que deveria pertencer exclusivamente ao técnico, salvo o respeito que poderemos ter por outras tácticas mais refinadas. O Sporting nem com essa injecção verbal melhorou coisa que se visse.

●

Para os autênticos sportinguistas, foi mau de mais para ser verdadeiro este continuar de tristeza vinda mais a lume perante o Vizela: se houver ainda uma réstea de coragem e de audácia, impõe-se a imediata entrada de juniores com óptimas provas dadas e que não devem confinar o horizonte a uma cedência para rodagem em paragens diferentes. O Sporting tem obrigação de, além de fazer melhores espectáculos, jogar de acordo com os seus pergaminhos e com a indiscutível categoria de alguns membros do seu «plantel», ainda que se torne urgente despachar da loja um punhado de moços que, pelos vistos, não interessa nem ao «team» do menino Jesus.

●

Por seu lado, o Porto vai até à URSS com toda a nossa mais incondicional confiança, senhor e dono de uma outorga de esperança que é fruto da sua excelente forma actual, de um departamento bem estruturado, de uma chefia técnica impecável, de um bloco de jogadores onde aqueles centuriões do meio do reino lembram (salvo qualquer passageiro entusiasmo) a esbelteza e o talento do quadrunvirato **canarinho** que ofuscou toda a directa concorrência no mundial em terras de Espanha.

Em suma, depois do Benfica e do Sporting, venha o senhor que se segue. **Leões** que nem sequer acreditam nas suas potencialidades foram (apenas) papinha na boca de **azuis-brancos** em vésperas de exame de classe superior, onde (estamos calculando) não vão encontrar bonbons com o sabor dos lisboetas.

Neves de Sousa

Portistas (Lima Pereira, João Pinto e Rodolfo) num círculo de ferro a Futre.

Com uma magnífica arbitragem do setubalense Raul Nazaré (que esteve acompanhado por António Jorge e Lopes Galrinho) actuaram:

SPORTING: Katzirz; Gabriel, Venâncio (64) Zezinho e Mário Jorge; Kostov (64), Virgílio, Romeu e Futre; Manuel Fernandes e Jordão.

PORTO: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luís; Jaime Magalhães, Frasco, Jaime Pacheco e Sousa; Gomes (Rodolfo, 70) e Vermelhinho (Walsh, 86).

Golo por Gomes (11 minutos). Cartão amarelo para Frasco e Carlos Xavier, que, respectivamente, aos 74 e 81, viram o cartão vermelho, tudo por cargas irregulares.

DESPORTO

Paulo Ferreira (Sporting-/Raposeira) e a turma do Lousa-/Trinaranjus venceram as provas ontem organizadas pela Associação de Ciclismo do Sul

Placard

Xadrez: grande prémio

A vitória do português Fernando Alves sobre o número dois alemão federal, Lothar Schmid, foi a sensação da 2.ª jornada do Grande Prémio Internacional TAP, em xadrez. Resultados: Paulo Felizes - Vichichi (Itália), 0-1; António Fernandes - João Leonardo, 1-0; José Pinheiro -António Antunes, 0-1; João Cordovil - Pedro Sousa, 1-0; João Abrantes - Silva Pereira, 0-1; Joaquim Durão - Alexandre Reis, 1-0; João Palma - António Fróis, 0-1; Alberto Fernandes - Amílcar Miranda, 1-0; Marcos Duran (Espanha) - Miguel Paiva, 0-1; Vasco Santos - Humberto Barreto, 0-1; António Moura – Arlindo Oliveira, 1-0; João Cadilon - Vitor Morais, 0-1; António Horta - Carlos Carneiro, 1-0; João Coutinho - Tomás Almeida, 0-1 e João Sousa – João Madeira, 1-0. Neste torneio, que se desenrola até sábado (em oito jornadas) participam 168 jogadores, dos quais 15 estrangeiros.

Xadrez: torneio de candidatos

O soviético Vassili Smislov pediu um adiamento da 5.ª partida da final do torneio de candidatos ao título de campeão mundial de xadrez.

O regulamento autoriza dois adiamentos a cada participante na final do torneio.

Elas

As soviéticas Lídia Semenova e Irina Levitina acordaram no empate ao 40.º lance da 4.ª partida da final do torneio de candidatas ao título de campeã mundial de xadrez. Levitina (que vence por 3,5 a 1,5 pontos) é a favorita para disputar o título com a sua compatriota Maia Chibuadanidze, actual campeã do Mundo.

Ciclismo: Moser vence

O italiano Francesco Moser ganhou a «clássica» Milão - São Remo, em ciclismo, disputada na distância de 294 quilómetros. Na 72.ª edição da prova, participaram 237 ciclistas, entre os quais sete campeões mundiais: Kuiper, Moser, Knetermann, Raas, Hinault, Saronni e Lemond.

Colectividades

Vitória de Guimarães: eleições

A lista encabeçada por António Pimenta Machado ganhou as eleições para os órgãos directivos do Vitória de Guimarães. A lista A, liderada por António Pimenta Machado (que assim inicia o seu 3.º mandato como presidente da direcção do clube) totalizou 1953 votos, contra 836 da lista B, encabeçada por Armindo Pimenta Machado. Registaram-se ainda cinco votos nulos, num total de 2794 votantes dos 6500 sócios com direito a voto.

Marcha: 50 quilómetros

Novo máximo para José Pinto

José Pinto (do Belenenses) estabeleceu em Espanha um novo recorde português dos 50 quilómetros Marcha, ao cobrir a distância no tempo de 4.01.27. José Pinto, que obteve a 5.ª posição na prova a contar para os campeonatos de Espanha, disputada em Vilanova (arredores de Barcelona), já era o detentor do recorde português desta especialidade, com o tempo de 4.03.47. Participaram nesta prova dois outros atletas portugueses, que se estrearam em competições internacionais e, pelos tempos alcançados, colocaram-se entre os três melhores de sempre. Um dos atletas, Carlos Albano (Casa do Pessoal das Minas de Urgeiriça), obteve a 18.ª posição, com o tempo de 4.38.29, enquanto José Tavares (Clube de Futebol de Santa Iria) se classificou no 19.º lugar, com 4.39.35. Entretanto, o júnior Jorge Esteves (Belenenses) participou na prova dos 20 quilómetros, mas desistiu. Paula Gracioso (Olivais Sul) obteve o 23.º posto na prova feminina dos 10 quilómetros, com o tempo de 57.14, tendo ficado a escassos 17 segundos do recorde português desta especialidade.

Futebol sem fronteiras

Continuação da pág 13

Marinhense, 3-0 e Benfica - Naval, 2-0 (sábado). Classificação: **Zona Norte:** «1.º Braga, 3 pontos; 2.º U. Coimbra e V. Guimarães, 2; e 4.º Repesenses, 1. Boavista e FC Porto participam na prova mas tem os seus jogos adiados.

Zona Sul: 1.º Benfica, 7 pontos; 2.º Sporting, 6; 3.º Torralta, 5; 4.º V. Setúbal e Marinhense , 3 e 6.º Naval, 0. A Federação Portuguesa de Futebol convocou os seguintes jogadores com vista ao Bélgica - Portugal, a realizar no dia 28, 2.º «mão» da fase preliminar, do «Europeu» de juniores: Sérgio Eugénio, Germano, Litos, Futre e Ferrinho (Sporting); Caetano (Boavista); Paulo Renato, Samuel e Mendes (Benfica); Mito e Júlio Sérgio (F. C. Porto); Jorge Paixão (Amora); Seca (Torralta); e Carvalhal (Sporting de Braga). A concentração está marcada para amanhã às 22 horas, no Hotel Fénix.

Turbulência

O brasileiro Mundinho rescindiu com o Desportivo de Chaves entrando em negociações com o Marítimo. O Estoril (dispensado Luís Fernando) volta novamente ao mercado brasileiro recrutando Luisinho. Borota deixa o Boavista, a caminho do Coventry (Inglaterra). O vizelense Pita (e, provavelmente, o colega de Quim) assina esta semana contrato com o Benfica. O sportinguista Gabriel garante que o FC Porto ainda lhe deve **«muito dinheiro»**. O Académico de Viseu continua em fase de dispensas: depois de Jacinto e Fernando tocou a vez de Edy.

Ainda do Benfica: Veloso renova por três épocas e mantém-se o interesse de Eriksson pelo sueco Nilsson. Lá por Guimarães é que o futuro de Stessl parece sombrio...

URSS

O Chakhtior Donetsk, que na 4.ª feira defronta o FC Porto em jogo da «Taça dos Vencedores de Taças», empatou (1-1) com o Zhalgiris, em encontro da 2.ª jornada do campeonato soviético. O Torpedo de Moscovo isolou-se no comando da classificação, com quatro pontos, ao bater o SKA Rostov (2-1).

Espanha

O Atlético de Bilbau, ao vencer o Gijon (1-0), isolou-se no comando do campeonato espanhol de futebol da 1.ª divisão. A equipa basca beneficiou ainda dos empates que o Real Madrid cedeu no campo do Osasuna e que o Barcelona consentiu no Nou Camp. Resultados da 28.ª jornada: Saragoça-Cadiz, 1-2; Salamanca-Real Sociedad, 1-1; Barcelona-Valência, 0-0; At. Madrid-Málaga, 3-1; Sevilha--Bétis, 2-1; 2-1; Osauna-Real Madrid, 1-1; Maiorca-Valladolid, 1-1; At. Bilbau-Gijon, 1-0 e Múrcia-Espanhol, 2-0.

Classificação:

Atlético Bilbau, 40 pontos; Real Madrid, 39; Barcelona Atlético Madrid, 36; Real Sociedad, 31; Bétis, 30; Saragoça, 29; Múrcia, 28; Valência, Espanhol, Sevilha e Gijon, 27; Málaga e Osasuna, 26; Valladolid, 21; Maiorca, 20; Salamanca, 18 e Cadiz 16.

Itália

A Juventus, apesar de ter sido vencida pelo Verona (2-1) mantém-se à frente da classificação do campeonato italiano, cumpridas oito jornadas da 2.ª volta. Resultados da jornada: Catânia - Fiorentina, 0-2; Torino - Ascoli, 0-0; Pisa - Napoli, 1-1; Milan - Inter, 0-0; Génova -Sampdoria, 0-0; Avellino - Lazio, 3-0; Roma - Udinese, 4-1 e Verona - Juventus, 2-1. Classificação: 1. Juventus, 33 pontos; 2. Roma, 31; 3. Fiorentina, 30; 4. Torino, 29; 5. Verona, 28; 6. Inter, 27; 7. Udinese, 25; 8. Milan, 24; 9. Sampdoria e Ascoli, 23; 11. Avellino, 19; 12. Pisa, 18; 13. Lazio e Napoli, 17; 15. Génova, 14 e 16. Catânia, 10.

Inglaterra

O Manchester United, ascendeu ao 1.º lugar da classificação geral do campeonato inglês de futebol, ao vencer o Arsenal, por 4-0. O Manchester beneficiou ainda da derrota sofrida pelo Liverpool (0-2) frente ao Southampton. Outros resultados: Aston Villa - Nottingham, Forest, 1-0; Everton - Ipswich, 1-0; Leicester - West Ham, 4-1; Notts County - Coventry, 2-1; Stoke City -Birmingham, 2-1; Tottenham - West Bromwich, 0-1; Watford - Queens Park, 1-0 e Wolverhampton - Sunderland, 0-0. Classificação actual: 1. Manchester United, 64 pontos; 2. Liverpool, 63; 3. Nottingham, 56; 4. Southamptom, 55; 5. West Ham, 54; 6. Queens Park, 50; 7. Luton e Aston Villa, 45; 9 Watford e Tottenham, 44; 11. Norwich, 43; 12. Arsenal, 42; 13. Coventry e Everton, 40; 15. Birmingham, 39; 16. Leicester e Sunderland, 38; 18. West Bromwich, 36; 19. Stoke City, 35; 20. Ipswich, 32; 21. Notts County, 28; 22. Wolverhampton, 24.

Porto a caminho de Donetsk: Bobó no lugar de Frasco

Num «charter» da «Aeroflot», o FC Porto partiu pelas três horas da madrugada de hoje, de Pedras Rubras, rumo à União Soviética, onde vai defrontar os «mineiros» do Shaktior Donetsk. A comitiva portista, fará uma escala em Kiev, estando a sua chegada a Donetsk prevista para as 15 horas de Lisboa.

Em dúvida até ao fim da noite de ontem, devido às contusões sofridas no jogo de Alvalade, Jaime Pacheco e Eurico acabaram por seguir viagem, já que o dr. Domingos Gomes considerou que, quer a contusão na base do perónio esquerdo de Jaime Pacheco, quer a contusão na coxa da perna esquerda, de Eurico, são recuperáveis, até 4.ª feira, dia do encontro com os soviéticos. Dos jogadores que defrontaram o Sporting, só não seguiu viagem Frasco que foi expulso no jogo da 1.ª mão (3-2), quando registou o segundo «amarelo». No seu lugar, seguiu Bobó, uma das promessas da equipa «azul e branca» que, em alguns jogos do campeonato, já justificou a sua chamada.

A comitiva portista é chefiada por Jorge Nuno Pinto da Costa (presidente da direcção) e dela fazem parte o dirigente Fernando Vasconcelos (chefe do Departamento de Futebol) e Luís César (secretário), o técnico António Morais, o dr. Domingos Gomes, o roupeiro Agostinho Guedes e os seguintes jogadores: Zé Beto, João Pinto, Lima Pereira, Eurico, Inácio, Rodolfo, Eduardo Luís, Jaime Pacheco, Sousa, Gomes, Vermelhinho, Barradas, Jaime Magalhães, Walsh, Jacques, Teixeirinha, Quinito e Bobó. De referir que, no mesmo avião, seguiram ainda viagem algumas dezenas de adeptos portistas, que aproveitaram as condições especiais para juntarem o útil ao agradável: conhecer novas paragens e assistir a um encontro que promete grandes emoções.

As forças ocultas

«Na 2.ª parte, não mostrámos a força que o FC do Porto mostrou, mas todos sabemos de onde vêm essas forças e a nossa equipa tinha a força natural».

Autor da citação: Fernando Martins, no decurso da Assembleia Geral da passada semana onde foi distinguido (e bem) com o mais alto galardão do seu clube. O «desabafo» do presidente benfiquista mereceu este comentário do seu colega (Jorge Nuno Pinto da Costa) do Futebol Clube do Porto. **Consideramos que essa alegação do sr. Fernando Martins irá merecer serena análise dos dirigentes do meu clube. Iremos tomar uma posição com a firmeza necessária e o «acusador» saberá assumir a responsabilidade de tal afirmação.**

Convenhamos que começam a surgir casos excessivos nos «subterrâneos do futebol» o que, a nosso ver, não abona o desportivismo também exigível nos gabinetes. **A. H.**

Alvalade: «leões» sem problemas perante o Paço de Arcos

Nacional de Hóquei em Patins

Porto e Sporting comandam

O Sporting venceu ontem, por 9-7, o Paço de Arcos, em jogo que completou a 20.ª jornada do Campeonato de Hóquei em Patins da 1.ª Divisão. Outros resultados da ronda:

Sporting de Tomar-Amadora, 4-2; Belenenses-Benfica, 5-8; Oeiras-Alenquer, 7-2; Famalicense-Sanjoanense, 7-9; Oliveirense-Juventude de Viana, 2-1; Carvalhos-Sesimbra, 4-6 e FC Porto-Parede, 10-4.

Classificação actual:

1.º FC Porto, 57 pontos; 2.º Sporting, 53; 3.º Sanjoanense, 49; 4.º Juventude de Viana e Benfica, 47; 6.º Belenenses, 43; 7.º Oliveirense, 42; 8.º Sesimbra, 40; 9.ºs Sporting de Tomar e Paço de Arcos, 38; 11.º Académica da Amadora, 36; 12.º Associação de Oeiras, 35; 13.º Famalicense, 34; 14.º Parede, 29; 15.º Carvalhos, 28; 16.º Alenquer, 24.

Nacional de basquetebol

Meninas do CIF rejuvenescidas

Terminadas as provas nacionais da 1.ª e da 2.ª divisões masculinas de basquetebol em que duas equipas de Lisboa (Queluz e Belenenses) foram campeãs, só a competição feminina da 1.ª divisão prosseguiu (ontem) no que à fase final diz respeito porque, entretanto, continuam a disputar-se as fases de apuramento da 3.ª divisão, juniores e juvnis. É quase certo que a região de Lisboa vai conquistar mais um título: o da 1.ª divisão feminina.

O CIF, «crónico» campeão que a época passada foi destronado pelo Algés, concluiu a 1.ª «volta» totalmente vitorioso, tendo batido ontem o seu mais temível opositor (Algés), embora apenas pela diferença de um «cesto». A perspectiva é de que será o jogo da 2.ª volta entre as cifistas e a turma de Dafundo que decidirá o título deste ano, tão acentuada é a sua superioridade em relação às outras quatro equipas.

Resultados dos jogos de sábado e de ontem: Olivais - CDUL, 54-67; Independente do Porto -Académico do Porto, 52-53; CIF - CDUL, 63-48; Olivais - Algés, 66-72 e CIF - Algés, 49-47.

Terminou a fase nortenha do «nacional» de juvenis, em que o Vasco da Gama e o Ginásio Figueirense ficaram apurados para a «poule» final sendo, por agora, desconhecidos os finalistas da Zona Sul.

Nacional de andebol

Sporting batido nas Antas

No jogo de andebol com maior interesse classificativo, disputado ontem, o «clássico» F.C. Porto-Sporting resultou na vitória dos portistas. Realizaram-se, neste fim-de-semana, os jogos da 8.ª e 9.ª jornadas da divisão de honra de andebol de sete, depois das quais ficou absolutamente cravado um fosso entre os quatro primeiros (Belenenses, Benfica, Sporting e F.C. Porto) e os quatro quintos, tendo aqueles assegurado o apuramento à «poule» final. Poderão subsistir ainda algumas dúvidas entre portistas, na compita com a Académica de S. Mamede (que, ontem, empatou em casa com o Caramão) e a Sanjoanense, mas será de referir que as turmas mamedense e sanjoanense terão que se deslocar às Antas, jogos em que o F.C. do Porto terá que garantir a sua qualificação.

Resultados de sábado: belenenses-Sanjoanense, 29-18, Benfica-Desp. Portugal, 37-17; S. Mamede-Sporting, 22-24, e F.C. do Porto-Caramão, 25-20.

Ontem: Belenenses-Desp. Portugal, 36-26; Benfica-Sanjoanense, 32-19; S. Mamede--Caramão, 33-33 e F.C. do Porto-Sporting, 23-21. Classificação: 1. Belenenses, 26 pontos; 2. Benfica, 24; 3 Sporting, 23; 4. F.C. do Porto, 19; 5. Sanjoanense, 15; 6. Académica de S. Mamede, 14; 7. Caramão, 13, e 8. Desp. Portugal, 10 (todos com 9 jogos).

Portugal é 5.º latino

Portugal classificou-se em 5.º lugar, entre os sete países que disputaram a 12.ª edição da «Taça Latina» em natação, que decorreu em Mérida (México), com a 7.ª vitória da Itália, que somou 285 pontos, seguida da Espanha (215), México (189), Bbrasil (188), Portugal (150), Porto Rico (105) e Cuba (50). A última jornada, proporcionou três medalhas de bronze a atletas portugueses.

João Santos foi 3.º nos 200 metros mariposa, com 2.06,83, na final ganha pelo italiano Paolo Revelli em 2.02,95. Alexandra Silva foi a 3.ª nos 800 metros, com o tempo de 9.06,75, contra os 9.01,11 da vencedora, a italiana Carla Lassi. Rui Borges ganhou a medalha de bronze dos 1500 metros, que percorreu em 16.21,54, enquanto o vencedor (o italiano Stefano Grandi) os nadou em 16.00,92.

A próxima edição da «Taça Latina poderá vir a realizar-se no Porto Rico, mas a decisão apenas será tomada na assembleia da Federação Internacional de Natação (FINA), em Londres.

840 milhões de analfabetos no mundo

Correio da Unesco dedicado à alfabetização

«A Alfabetização à escala das culturas» é o tema que ocupa, por inteiro, o número de Fevereiro do **Correio da Unesco,** uma revista editada mensalmente em 27 línguas, portuguesa incluída, e cuja qualidade nunca é de mais realçar.

Vários são os trabalhos que este número do «Correio da Unesco» nos oferece: Amadou-Mahtar M'Bow assina um artigo intitulado «Um imperativo moral»; Marcos Guerra, um nordestino brasileiro especialista em questões de alfabetização, escreve sobre «As raízes culturais da alfabetização»; Marcel de Clerk, um belga com uma longa carreira de educador ao serviço da Unesco, é o autor de um trabalho sobre «O meio e a vontade»; Adama Quane, linguista do Mali, debruça-se sobre «Os guardiões do saber»; Herbert Gintis, norte-americano professor de economia da educação e de economia política na Universidade de Massachusetts, fala da «Economia Política da Alfabetização; Ali Mamadache, argelino ao serviço da Unesco, escreve um interessantíssimo artigo sobre «Os analfabetos do **quarto mundo**»; Sonia Abadir Ramzi, uma egípcia que é professora da Universidade de Argel informa-nos sobre «O duplo exílio» e Paulo Freire, o célebre pedagogo brasileiro escreve sobre «O Mundo e a Palavra».

Além de todos estes trabalhos o número de Fevereiro do «Correio da Unesco» traz ainda uma espécie de apanhado do que se está a fazer em vários pontos do globo no capítulo da alfabetização. Que é muito, por um lado, mas muito pouco quando se tem uma noção da situação existente neste mundo que é o nosso. Como diz Amadou Mahtar M'Bow: «A erradicação do analfabetismo constitui para a comunidade internacional um imperativo moral. As razões são evidentes. Basta referir o número de iletrados, estimado em 1980 em cerca de **824 milhões,** isto é, 29 por cento da população adulta, um número que aumenta constantemente ainda que a taxa de alfabetização diminua lentamente. Se a tendência actual persistir, haverá **900 milhões** de analfabetos no final do século».

Claro: analfabetismo — lembra ainda M'Bow — está, geralmente, estreitamente associado à pobreza.

Mulheres do CDS contra psiquiatra Nuno Miguel

Em comunicado emitido após o I Conselho Nacional das Mulheres Centristas Democratas Sociais, aquela estrutura do CDS manifesta a sua preocupação «sobre o que se está a veicular em matéria de educação sexual da juventude», nomeadamente nos programas da TV «onde intervem o dr.º Nuno Miguel». O ponto 4.º do comunicado final sublinha ainda que foi enviada uma comunicação ao ministro da Educação e um alerta aos pais e educadores.

A reunião daquela estrutura centrista debateu, ainda, a questão da legalização da interrupção voluntária da gravidez. O comunicado adianta a «repulsa pela decisão do Tribunal Constitucional» considerada numa decisão de vínculo partidário «e que nega os dados da ciência sobre esta matéria».

As mulheres centristas abordaram também o papel das mulheres na defesa civil, considerando que «sendo a defesa da Pátria um dever de todos os cidadãos» a mulher pode integrar-se na carreira militar, em regime de voluntariado.

A questão do desemprego entre as mulheres suscitou ao I Conselho Nacional do MCDS críticas «à experiência socialista que o País tem estado a sofrer», e a reafirmação de que o CDS se apresenta como uma «alternativa de esperança para todos os portugueses».

Uma aventura de Valerian... e Laureline

METRO CHATELET, DIRECÇÃO CASSIOPEIA

Mezieres Christin — **32**

Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA

Dez anos depois, que significa para si o 25 de Abril?

Se completa, no máximo, 30 anos até ao próximo dia 25 de Abril você pode concorrer ao «Dez Anos Depois», escrevendo-nos, até ao fim de Março, uma resposta a esta pergunta. O «DL» atribui prémios de 25 000$00, 15 000$00 e 10 000$00 respectivamente ao primeiro, segundo e terceiro melhores textos. Leia nesta edição o regulamento do «Dez Anos Depois»!

crítica de teatro

Espectáculo "ad hoc" na Comuna

A MAMÃ É FRESCA! ESTÁ NO FRIGORÍFICO PARA FICAR COM AS CARNES MAIS RIJINHAS, de Francisco Nicholson Encenação e interpretação Francisco Nicholson e António Feio. Estreia: Comuna 1.3.84.

No programa (cinquentas) bem humorado, nicholsiano, estampa-se um teste a que vou aqui responder, sem fazer caso das respostas nele sugeridas.

1.º – **Diga de cor o título da peça a que vai assistir...**

Resp : Confesso que nao fui capaz de decorar o nome da peça «A mamã é fresca!... Está no frigorífico para ficar com as carnes mais rijinhas».

Que raio só me lembro do título daquela peça que vi há anos: «Oh papá, pobre papá, a mamã meteu-te no armário e eu estou tão triste...»

2.º – **Moliére que lhe sugere?**

Resp: Não, não estou de acordo com uma das vossas sugestoes: «moliéres há muitos, mãe há só uma». Acontece precisamente o contrário: «mães há muitas, Molière há so um». O que vem nas histórias do teatro, nome de cidadão francês do século XVII, comediante, actor, empresário, encenador, se assim lhe poderemos chamar, as peças dele ainda hoje são representadas. Não há o perigo que aconteça o mesmo com a «Mamã...» Daqui a um ano (isto é que é ser amigo!) já ninguém se lembra dela.

3.º – **«AMEFENPFFCACMR» é uma sigla qu quer dizer...**

Resp.: Antao Meus Ermãos Fritam-nos Ensaboam-nos Nesta Famigerada Pilantrice Fadista C'agente Atura Com Muito Respeitinho.

4.º – **Se tivesse que optar entre ser mamã ou frigorífico que escolheria?**

Resp: Escolheria tripas à moda do Porto (servem-se quentes como o Álvaro de Campos sabia).

5.º – **Você acha que a função social do teatro é...**

Resp.: Socializar a graça em vez de desgraçar mar (i) otamente o socialismo Isto e que vai uma desgraça...

6.º – **Diariamente, quantas vezes você diz «actual conjuntura», «gerador» e «implementar»?**

Resp : Depende da forma como a actual conjuntura implementar o gerador ou de como o gerador implementar a actual conjuntura ou...

7.º – **Se uma situação não é líquida...**

Resp : É líquido que se uma situação não é líquida está liquidada, isto e, a como está o uísque de contrabando?

8.º – **O que é para si um café-concerto?**

Resp É um café sem conserto...

9.º **O o que é que você aprecia mais numa boca de cena?**

Resp : O resto.

10.º – **Quando ouve rir você...**

Resp. Viro-me para outro lado. Devo estar a sonhar

Saudades da revista

Saudoso da revista, Nicholson arranjou um cúmplice, por sinal também adoquiano,o Antonio Feio, e foram ali à Praça de Espanha dar um pouco à língua e à perna.

Num cenário pelintra (não subsidiado), suficiente para dar a «casa portuguesa» q.b. pedida pelo texto, os dois intérpretes vão chuchando com a vida, com o dia-a-dia, com a porca da política, com o Sherlock Holmes-/Watson (amorudos), talvez, em vez do Marlowe, e até connosco, espectadores (e é muito bem feito)

Com uma boa piada ali, uma boa despiada acolá, uns travestis para fazer original, muitos chouriços para encher, e especialmente bons trabalhos de actores (ambos), o tempo vai passando e quando se dá por isso, são horas der p'ra cama que amanha é dia de levantar cedo. Podia ter mais piada? Pois podia. Podia ser mais original? Pois podia. Podia ceder menos ao fácil e ter mais imaginação? Pois podia. Mas é assim, que lhe havemos de fazer?

ADMITIMOS / SETÚBAL MANHÃ E (OU) TARDE

Firma vai seleccionar novos elementos para os seus dois sectores em aberto. Damos preferência a quem tenha alguns conhecimentos de inglês. Marque entrevista pelo Tel. 33131 de Setúbal, só terça-feira.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

Acção Especial de Venda de Penhor

Proc. 6250
3.ª Secção

Pelo Juízo de Direito desta Comarca de Lisboa, Tribunal do 5.º Juízo Cível, 3.ª Secção Processo n.º 6250/82, correm éditos de VINTE DIAS contados da segunda e última publicação do presente anúncio citando os credores desconhecidos dos réus, Carlos Manuel Magro Vieira e mulher, Florbela Anjo Domingues Bolsa Vieira, residentes no Bairro dos Canaviais, Rua L, n.º 10 – Évora, para no prazo de DEZ DIAS, posteriores àqueles créditos, deduzirem os seus direitos na Execução movida pelo Banco Pinto & Sotto Mayor, EP., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados (quatro chocadeiras incubadoras).

Lisboa, 20 de Outubro de 1983
O Juiz de Direito,
(Ilegível)
O Escrivão adjunto,
(Ilegível)

«D.L.» – 19/3/84 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

3.º Juízo Cível

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e ultima publicação do anúncio citando os réus para no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: pagar à autora a quantia de FF 14 300, acrescida de juros à taxa de 15% desde 11.2.982 até 23.5.983 no montante de FF 2 776,50 e à taxa de 23% desde 24.5.983 até integral pagamento, de que já se venceram FF 438,50, divida resultante de diversos serviços rodoviários que a A. prestou à R.

Acção sumária n.º 2554, 2.ª secção. Autor TRANSPOORTS INTERNATIONAUX JOSEPH VALLS. Réu TRANSITEX – Transportes e Comércio, Lda., com última residência conhecida na Rua da Conceição, 17-2.º Fte., 1100 Lisboa.

Lisboa, 27 de Fevereuri de 1984
O Juiz de Direito,
a) Alfredo Carlos André dos Santos
O Escrivão Adjunto,
a) Manuel Augusto Monteiro João

ANDARES S/ENTRADA INICIAL

Podendo habitar já. Em Alverca e Carregado. Programa pagamento a combinar. Reservas. Tel. 326184

AOS CONSTRUTORES

Odivelas e Alverca, Lotes prontos a construir 8 fogos sem elevador, e torres 50 fogos. Pagamento total ou parcial através de letras ou permuta. Tel. 326184

MORADIAS — PALMELA

5800 c. Requintadas 7 assoalhadas, salão com lareira, 3 casas de banho, garagem e jardim. Vendem-se em acabamentos como se encontram para compradores escolherem cores e materiais finais. Tel. 326184

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO ARREMATAÇÃO

2.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 26 de Março de 1984, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp - 5 - 4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Teor — Centro de Estudos e Organização Científica do Trabalho SARL, com sede na Av.ª Casal Ribeiro - 18 s/lojas 1.º 2.º Lisboa, no processo executivo n.º 2317/82, instaurado por dívida a Imposto Multas e Custas.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Package de utilização múltipla para gestão de pessoal com soft ware gravado em bandas magnéticas e com análise e programação devidamente documentada a que foi atribuido o valor de 2.500.000$00.

Verba n.º 2 — Package de utilização múltipla designada por cotização com soft ware em bandas magnéticas e com análise e programação devidamente documentada a que se atribui o valor de 500.000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 12 de Março de 1984
O JUIZ DE DIREITO
Manuel Luís Macaísta Malheiros
O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
Carlos Manuel Almeida Alvelos

«DL»-19/3/1984

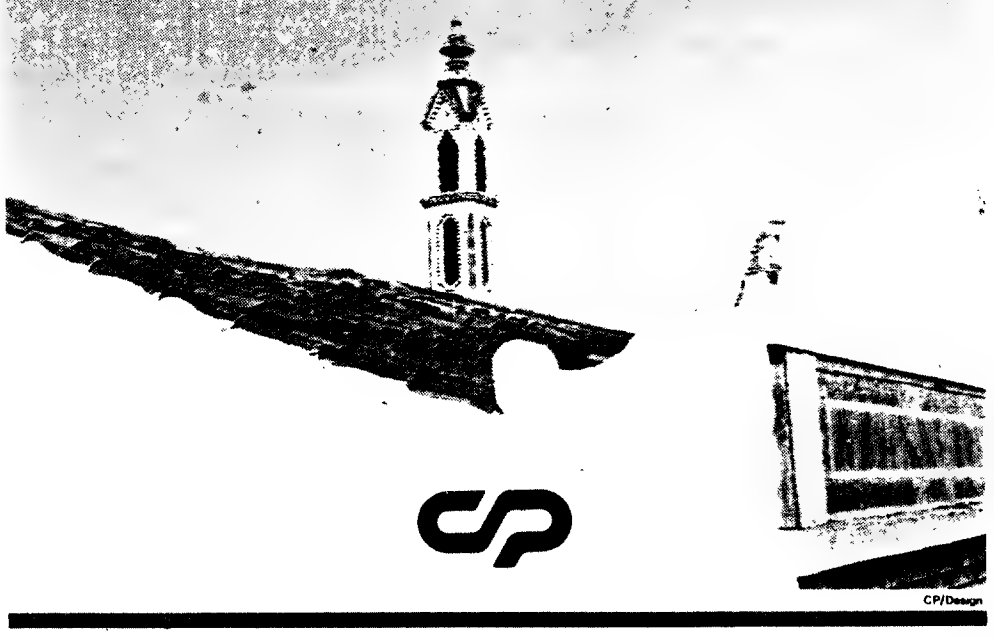
COMPRAM-SE

Prédio-Andares-Quinta-Palacete, mesmo hipotecados. Pagamento com permuta entregando lotes prontos a construir, Odivelas-Alverca. Tel. 326184

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 ás 12 h. e das 14 ás 18 h.
Av. Almirante Reis 173 1º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

A PRIMAVERA NO ALGARVE
de 15 de Março a 15 de Maio
BILHETE DE IDA E VOLTA
REDUÇÃO DE 50%
Informe-se na Estação mais próxima ou nas Agências de Viagens
Acções Comerciais de Promoção 84



CP/Design

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que pela primeira secção do décimo terceiro Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa correm uns Autos de Contrato Individual de Trabalho em que é Autor ABÍLIO DE JESUS DIAS, residente na Rua da Quintinha n.º 62-1.º Dt.º em Lisboa e Ré SOCIEDADE METALÚRGICA DAS FONTAINHAS, LD.ª, cuja última morada conhecida foi na Rua das Fontainhas, n.º 84 em Lisboa e registado sob o número de ordem duzentos e cinquenta e um de setenta e sete e nales consta a fls 68 e 68 v.º a Sentença condenatória da Ré, a qual deverá pagar ao Autor acima identificado, as quantias de esc. 106 812$00 e ainda os vencimentos que se mostrarem, em Execução de Sentença serem devidos até à presente data.

PARA CONSTAR se passou o presente edital e outros de igual teor que vão ser publicados onde a lei expressamente determina.

Lisboa e Tribunal do Trabalho aos vinte e quatro de Fevereiro de mil novecentos e quatro

O JUIZ DE DIREITO,
Artur Manuel Ventura de Carvalho

A ESCRITURÁRIA,
Maria Fernanda de Matos Figueiredo Oliveira

D L. – 19/3/84 — 1.ª Publicação

RN RODOVIARIA NACIONAL

APROVEITE AS NOSSAS CONDIÇÕES

TEMOS PARA LHE OFERECER!

- AUTOCARROS CONFORTÁVEIS
- MOTORISTAS EXPERIENTES

PARA FINS DE SEMANA, VISITAS DE ESTUDO OU ITINERÁRIOS À SUA ESCOLHA

- BADAJOZ
- SERRA DA ESTRELA
- ALGARVE - Amendoeiras em flor
- FÁTIMA E GRUTAS
- E OUTROS...

PENSAMOS EM SI!... VISITE-NOS

RN

Av. Casal Ribeiro, 18-B 5.º Piso
Lisboa
Telef. 570656 / 570550

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

E a luta continua, perdão, a festa continua...

«Buck Rogers no século XXV», santo Deus, que bodega! Uma daquelas americanices que, no fim, nos deixam com remorsos de sermos telespectadores.

A ficção científica é uma fraude, assim entendida. A tentação da coboiada é a suprema doença infantil dos americanos.

No século XXV, praticamente a única mudança é que já não existe a sanduiche de queijo – meu Deus, que catástrofe! Quanto ao mais, continua o dinheiro, o contrabando, o suborno, a motivação do lucro – ou seja: a sociedade americana pode estar tranquila: os seus valores são eternos. Até o racismo. **Não tenho dinheiro** – diz aquela personagem – **sou um engenheiro negro...** Até o medo: **Não colaboro. Tenho medo de perder o emprego.** Até a chantagem: **Se não, mato-te a família toda.** Até o comércio, levado ao absurdo: **Não te importes com a Terra. Podes comprar outro planeta...**

Pra ser tudo igual, só faltou o Reagan. Lagarto, lagarto!

Esqueci-me de dizer que, no século XXV, depois de uma guerra atómica, a capital da Terra era a... Nova Chicago!

O episódio passa da categoria de bodega à categoria de crime.

Nazismo made in USA

A série dedicada à família Kennedy deu-nos uma imagem real da sociedade americana.

Passo além do maior ou menor rigor da situação política, eis-nos defrontados com uma situação de carácter nazi: a perseguição aos negros lembrava as cenas terroristas que, nos anos trinta, nos vinham da Alemanha.

Mas muitos jovens americanos brancos lutavam ao lado dos negros. Então assistíamos à violência fascista principalmente voltada contra os jovens brancos progressistas!

A segregação, o racismo continuam nos Estados Unidos. A miséria, o desemprego, a repressão abatem-se principalmente contra as minorias. Direitos humanos, estão a ver?

Quanto ao mais, quanto às mortes do presidente Kennedy, do irmão e de Luther King, elas aparecem já no horizonte. Desenham-se os perfis dos criminosos.

Algo de novo no mundo infantil

Da bagunça geral que reina na televisão rompe de súbito, como todos os relâmpagos, alguma coisa que vale a pena, o fenómeno acontece na programação infantil e divide-se em duas partes.

A primeira chama-se «O jornalismo». António Santos é o «pivot» deste Telejornal (salvo seja) dedicado às crianças. O prazer de conviver com o mundo infantil como que o transfigura: a voz torna-se mais coloquial, mais branda, a expressão mais tranquila, mais natural. Não se deixou vencer pela responsabilidade da tarefa, soube encontrar o comportamento exacto: entra no jogo sem infantilismos que as mais das vezes não passam de paternalismos, disfarçados, e sem paternalismos que não passam de infantalismos importantizados.

O boneco «Elias» possui todas as condições para se popularizar no universo das crianças. Algo, porém, ali, funciona mal. A voz tem um registo muito alto, é **maior** que o boneco, é uma voz que **agride** a audiência. Quanto mais a voz se elevar, mais notório será o desfasamento com os movimentos dos lábios, operação aliás difícil! O «Elias» merece que este problema seja devidamente encarados pelos responsáveis do «Jornalinho».

«Gostosuras e travessuras» é uma rubrica aos domingos, orientada por Manuel Luís Goucha, o jovem pantagruel da moda. O seu livro «Em banho manel» foi um dos grandes êxitos de livraria da temporada. Pelos seus conhecimentos na matéria, pela sua cultura, pelas suas qualidades de actor, pela sua facilidade de expressão, esta rubrica de culinária dedicada às crianças apresenta-se com muitos e bons trunfos.

Mas a primeira emissão não resultou. Os batidos não foram capazes de dinamizar o programa. Nem a presença de Vasco Granja (tão importante noutras rubricas onde pode considerar-se um caso notável de popularidade) ajudou muito. Pelo contrário. Ela veio estabelecer um clima de controvérsia que resvalou para a confusão. O que, numa emissão infantil, não é aconselhável.

Manuel Luís terá de tratar assuntos sérios a brincar. A graça, a imaginação, o teatro, digamos, não são incompatíveis com o rigor do ovo estrelado ou com a arte das belas sanduíches.

Um programa teimoso

«Tudo em família» vem pelos próprios americanos desaconselhado em determinadas circunstâncias. A RTP dispensa-se de traduzir o aviso. Não procede bem.

Mas que teria dado aos responsáveis da televisão portuguesa para ir ao sótão buscar este nojo, esta ameaça generalizada? Que vantagem há em obrigar os domingos a vomitar antes de ir para a cama? Quem é que na RTP assume a responsabilidade desta decisão?

As mesmas palavras se aplicam aos «Três Dukes», esta com a agravante de se encontrar ao alcance das crianças, atraídas pelo programa de Júlio Isidro.

Programa onde aconteceram muitas coisas boas. Relembrarei uma: a presença do jornalista Cáceres Monteiro e dos repórteres fotográficos Eduardo Gageiro, Carlos Gil e Joaquim Lobo, com uma inesquecível colecção de trabalhos da sua autoria. «A Festa Continua» **descobriu** o valor telegénico da fotografia, como bem o demonstra a colaboração semanal de Carlos Gil! Um mérito mais a acrescentar aos muitos de um programa que teima em estar vivo e digno.

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Ser ou não ser" *De Alan Johnson*

João Bénard da Costa escreveu certa vez sobre **Ser ou não ser** de Lubitsch uma frase que, por qualquer razão nunca esqueci e que era mais ou menos isto: «Quem já conhecer o argumento continua a rir com o filme». Quer dizer, o filme de Lubitsch é muito mais que uma história de sucessivos embustes. É ele mesmo um jogo em que o próprio espectador é, às vezes, enganado e não apenas mero usufrutuário do engano dos outros. E isso origina que essa sátira ao nazismo (provavelmente a mais profundamente demolidora que o cinema produziu) o desmonte pelo seu lado mais espectacular, pela representação que de si próprio dava. Ao confundir a representação «real» com a representação «representada», Lubitsch corrói essa fachada marcial e transforma o aparato cenográfico nazi num cenário risível e medíocre.

Ora bem: se isto é assim com Lubitsch, deixa de ser verdade com Mel Brooks (que é o verdadeiro responsável pelo **remake** de **Ser ou não ser** que agora nos ocupa, sendo a realização de Alan Johnson num mero trabalho assalariado). Neste **Ser ou não ser** não há qualquer subtileza no misturar de representações, o espectador sabe sempre o que está a ver, nunca se engana, nenhuma surpresa o espera. O que ele julga que está a acontecer está mesmo a acontecer. Remetido para o seu lugar de espectador não se lhe dá outra posição senão a de rir com os enganos dos outros. Aliás rir de Hitler, hoje, nem sequer é coisa relevante, o nazismo é fenómeno cuja espectacularidade foi remetida para a fancaria. Brooks nem se preocupa em tornar os alemães sinistros e tudo se passa levemente e sem choques.

Não há assim, qualquer semelhança entre o filme de Lubitsch e o de Brooks. O primeiro é genial, este faz apenas rir.

E faz rir porque o argumento original é, de facto, tão notável que mesmo reduzido à sua letra ainda resiste. **Ser ou não ser** é, por isso, hora e meia bem humorada, um filme incomensuravelmente menos tonto que o que se tornou norma nos mais recentes trabalhos de Brooks, algo visível onde Anne Brancroft e Charles Durning conseguem sair da mediania, enfim, uma fita interessante e sem pretensões.

Uma vez assente que o filme de Lubitsch está fora de qualquer confronto, o espectador ri-se e não se sente estupidificar. O que já não é mau de todo.

FICHA:

Título original: «To be or not to be»

Realização: Alan Johnson (USA-1983)

Argumento: Thomas Meehan e Ronny Graham, baseado no filme homónimo realizado por Ernst Lubitsch com argumento de Edwin Justus Meyer sobre a história de Melchior Lengyel.

Fotografia: Gerald Hirschfeld

Cenários: Terence Marsh **(production designer),** J. Dennis Washington **(art director),** John Franco Jr. **(set decorator).**

Música: John Morris

Montagem: Alan Balsam.

Produção: Mel Brooks

Interpretação: Mel Brooks **(Frederick Bronski),** Anne Bancroft **(Anna Bronski),** Tim Matheson **(ten. André Sobinski),** Charles Durning **(cor. Erhardt),** José Ferrer **(prof. Siletski),** etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes.

Cinemas: Hollywood-sala 2, Las Vegas-sala 2 e Vox

Classificação: Para maiores de 12 anos

"Ser ou não ser" em disco

Como os personagens centrais de **Ser ou não ser** são actores de teatro musicado, natural é que os vários números musicais que o filme inclui encontrassem o espaço de um disco para os acolher. Acontece que a zona estritamente musical de **Ser ou não ser** não continha material suficiente para se constituir em álbum e daí que o disco, ora editado em Portugal, também inclua excertos do diálogo e mesmo um tema («To be or not to be», interpretado por Mel Brooks) que não faz parte da banda sonora do filme mas apenas foi nele inspirado.

Ignoro se a inclusão de diálogos é do agrado ou não do público em geral mas a verdade é que, para os cinéfilos (para quem o disco é um apêndice, uma memória guardada do filme), esse facto é particularmente atractivo porque mergulha quem o ouve num espaço que sempre remete para o filme e nunca dele se autonomiza.

Quanto aos temas propriamente musicais (se descontarmos o acrescentado «To be or not be», de uma vulgaridade total) eles são construídos ao jeito dos anos 30/40 (a época em que é suposto situar-se a acção do filme) e, seja por um mecanismo revivalista, seja por uma sedução própria, têm as características suficientes para cativar o auditor.

Não sendo este disco uma edição marcante na área da música de filmes, creio que o facto de ele ter uma especificidade cinematográfica notória permite concluir que as editoras começam a investir junto de um público cinéfilo (e não apenas melómano) que é o único a quem uma gravação como esta pode interessar. E se isso é um risco económico, a verdade é que tal facto não pode deixar de alegrar aqueles que se vinham lamentando por a oferta discográfica ligada ao cinema ser tão escassa no nosso país.

A menos que eu esteja a tomar a nuvem por Juno, parece-me que as coisas, nesse campo, estão a mudar.

FICHA: «To be or not to by — Soundtrak», Island 10.200006.33, ed. portuguesa DACAPO (1984).

J. L. R.

Hoje

Apresentado por Carlos Cruz, realiza-se, esta noite, na RTP-1, a primeira sessão do concurso «Um, Dois, Três»

Das **13.35** às **17.30** **Ciclo Preparatório TV**
18.02 **Notícias**
18.05 **Grão a Grão**
18.35 **Tele-regiões**
19.00 **«A Balada de Hill Street»** – 2.º episódio: «Ba-Bing, Ba-Bing».
20.00 **Telejornal**
20.30 **Telenovela** – «O Bem Amado» (1.º episódio).
21.20 **Concurso «Um, Dois, Três»** – coordenação e apresentação: Carlos Cruz. Realização: Bento Pinto de França. Director musical: maestro José Calvário. Cenografia: António Casimiro.
23.20 **Últimas Notícias**

Na RTP-2 exibe-se o 112.º episódio da telenovela «Gabriela»

19.32 **Notícias**
19.40 **Folclore** – Rancho Folclórico de Gouveia.
20.10 **Voar**
20.45 **Animação/2**
21.20 **Jornal da Noite**
21.45 **Telenovela** – «Gabriela» (112.º episódio).
22.30 **... Da Música** – 2.º Concurso Internacional de Canto Maria Callas, em Roma. Transmissão da gala dos finalistas do 1.º Concurso Internacional de Canto Maria Callas, realizado em Roma, no passado mês de Novembro.

Amanhã

Das **13.35** às **17.30**: Ciclo Preparatório TV; **18.00**: Notícias; **18.15**: Grão a Grão; **18.30**: Tele-regiões; **18.50**: Bem Dizer, Bem Escrever; **19.20**: Três Tons; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Telenovela – «O Bem Amado» (2.º episódio); **21.20**: «Reilly, o Rei dos Espiões» – 2.º episódio; **22.30**: Programa da Direcção de Informação; **23.35**: Últimas Notícias.

19.30: Notícias; **19.45**: Portugal Romano; **20.10**: Adágio; **20.35**: D'Hoje pr'Amanhã; **21.25**: Jornal da Noite; **21.55**: «Gabriela»; **22.35**: «A Balada de Hill Street» – 2.º episódio (repetição).

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

Concurso «Um, Dois, Três» (21.20)

«Gabriela» (21.45)

21.15
UM, DOIS, TRÊS
Aranca hoje o concurso - passatempo «Um, Dois, Três», réplica imaginativa do seu homónimo espanhol, que, dado o seu êxito, contagiou a Europa quase inteira.
Com a apresentação e responsabilidade integral de Carlos Cruz, «Um, Dois, Três» é ummisto de concurso e de passatempo, em que as variações são múltiplas e as surpresas (alma do «negócio») se sucedem a um ritmo imprevisível.
Coreografia: Barry Scray e Patrick Hurde.
Produção: Isabel Fragata, Fernando Simas e Luís Fialho Rico.
Realização: Bento Pinta França.
Um programa de Carlos Cruz.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada Telef. 2112871

roteiro cultural

Exosições

É hoje inaugurada na Galeria de Arte do Casino do Estoril uma exposição de desenhos da autoria de Lima **de Freitas.** A mostra integra 70 dos 100 originais das ilustrações para o livro «Tesouros da Poesia Portuguesa», uma antologia que reúne 340 poemas de 142 autores em 400 páginas, organizada pelo poeta António Manuel Couto Viana e prefaciada por aquele artista plástico.

José Manuel continua a expôr pintura na Sociedade Nacional de Belas-Artes, à R. Barata Salgueiro, 36, em Lisboa. A mostra consta de 30 quadros, na sua maioria sobre vários aspectos da cidade de Lisboa.

Integrada nas I Jornadas Luso-Brasileiras do Património, prossegue nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, a **Exposição sobre o Património Luso-Brasileiro.** A mostra é constituída por cerca de 130 painéis de alguns milhares de fotografias de documentos arquitectónicos do património do Brasil e Portugal, incluindo Açores e Madeira.

Hoje, a última oportunidade de ver no Espaço Clube Cinquenta uma exposição de desenhos de **Eduardo Nery** — das 15 às 20 horas.

Nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian continua patente ao público uma exposição de **tecido contemporâneo polaco** constituída por um total de 60 tapeçarias, representando cerca de 20 artistas polacos do nosso tempo.

Uma exposição de pintura e objectos de **Isabel Laginhas** continua patente ao público na Galeria Diagonal, ao Hotel Cidadela, em Cascais.

Na Galeria Diário de Notícias, ao Largo do Chiado em Lisboa, continua presente ao público uma exposição de escultura de desenho de **João Fragoso.**

Na Galeria Municipal da Amadora está presente ao público uma **mostra colectiva de Artes Plásticas** que integra trabalhos de Isabel Sabino, Matilde Marçal, Margarida Tengarrinha, Isabel Laginhas, Sofia Areal, Marília Viegas, Glória Helena, Barbara Lessing Pacheco, Maria Irene Ribeiro, Maria Felizol, Teresa Dias Coelho, Emília Nadal Dorita Castel-Branco.

Está desde hoje patente ao público na Galeria Dois, a Av. da Boavista, no Porto, uma exposição de pinturas do artista **Carlos Lança. Na Galeria Módulo, também no Porto, continua presente ao público uma mostra de pinturas e gravuras** de Catarina Castel-Branco.

Integrada na Semana Ecológica, uma organização do Cine-Clube de Viseu é hoje inaugurada uma **exposição fotográfica e documental.** A mostra tem lugar na sede do Cine-Clube de Viseu.

Na Galeria Gilde, em Guimarães, é hoje inaugurada uma exposição de pinturas de **Nadir Afonso.**

No Palácio de D. Manuel, em Évora, estão patentes ao público óleos de **António Guimarães-Guima,** em mais uma organização da Câmara Municipal daquela cidade.

«Nascimento» de Mafalda Osório

Teatro

Integrado na Semana Transmontana, o **Teatro de Ensino Transmontano** apresenta esta noite, em Almada, «A Mui Proveitosa História de El-Rei D. Satuário V e do Sapateiro Meias Solas», uma peça baseada em contos da tradição oral portuguesa da autoria de Pires Cabral, com música de Adérito Silveira e encenação de David Carvalho.

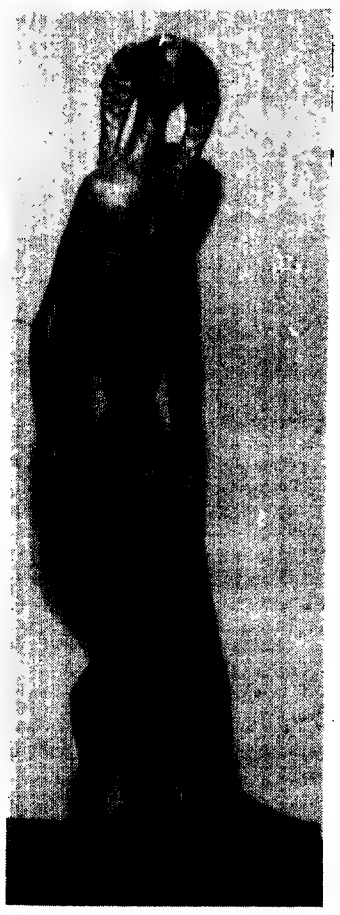
A **Oficina do Grotesco** apresenta esta noite no Teatro da Barraca, ao Largo do Rato em Lisboa, a peça «Não há crise».

No Salão das Furnas, à R. Raul Carapinha, em Lisboa, o **Teatro de Animação** estreia hoje a peça «Abanico Espantoquê». A função, para maiores de 6 anos, decorre a partir das 16 horas.

Esta tarde, pelas 17 horas, no Centro Cultural de Volta do Vale, o **Grupo Semente Camarnal** apresenta teatro infantil com a peça «Bom dia Sr. Joaquim» integrada no II Ciclo de Teatro para a Juventude, numa organização da Câmara Municipal de Coruche.

Esta tarde, pelas 16 horas, na casa de Cultura de Torres Novas, o **Grupo de Teatro Corda-Queimada** apresenta teatro para a infância. Será levada à cena a peça «O sonho do papão, lagarto, lagartão...»

Em Viana do Castelo inicia-se hoje o **II Encontro de Grupo de Amadores de Teatro** do Distrito de Viana do Castelo. Integrado no encontro tem esta noite lugar um espectáculo.



Uma escultura de Dario Boaventura

Música

Esta noite, pelas 21h30m, na Sociedade Filarmónica Verdi, à R. do Arco do Carvalhão, em Campo de Ourique, tem lugar mais um concerto do **Orfeão da Câmara Municipal de Lisboa.**

No Hot Clube de Portugal, na Praça da Alegria, em Lisboa, apresenta-se em sessões às 22h30m e às 0h30m o **trio de Jeff Marx,** com o próprio no saxofone — tenor, Carlos Barreto no contrabaixo e Carlos Vieira na bateria.

Cinema

Na sala dr. Félix Ribeiro, da Cinemateca Nacional, inicia-se hoje um ciclo dedicado à obra de **Pierre Kast.**

«Le Bernier Milliardaire» de René Clair é o filme que preenche mais uma sessão de cinema francês no AR.CO.

Colóquio

Termina hoje, no Teatro do Século, à R. do Século, em Lisboa, a semana de lançamento da peça «O GRAAL» de Luís Figueiredo Tomé. Esta tarde, a partir das 18 horas, será conferente o autor de «O GRAAL», que abordará o tema «A aventura da palavra escrita».

Curso

Numa iniciativa do Departamento de Cultura e Acção Social da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, em colaboração com a Junta de Freguesia de Alverca, é hoje iniciado um curso de cerâmica orientado por **Inácio Matsinhe.** O curso decorrerá nas instalações da futura Casa da Cultura em Alverca.

Auto*Expresso* diariamente

Auto*Acompanhado*

Lisboa - Porto - **Lisboa**
Guarda - **Porto** - Guarda
Castelo Branco - Lisboa - **Castelo Branco**
Guarda - **Lisboa** - Guarda
Faro Lisboa **Faro***
Faro - **Porto** - Faro*

Informações Telefónicas
87 75 09 das 9.00 h às 18.00 h
(c/ int. 13.00 h - 14.00 h)

* só se efectua no verão

Caminhos de Ferro Portugueses

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	94$80	100$80
ALEMANHA FED (marco)	49$90	51$00
ÁUSTRIA (xelim)	7$00	7$20
BÉLGICA (franco)	2$270	2$470
BRASIL (cruzeiro)	$060	$110
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	202$85	204$85
(notas de 5 a 1000)	103$35	105$35
DINAMARCA (coroa)	13$65	14$05
ESPANHA (peseta)	$826	$946
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	130$65	132$65
(notas de 5 a 1000)	131$15	133$15
FINLÂNDIA (marka)	23$05	23$65
FRANÇA (franco)	16$15	16$85
HOLANDA (florim)	44$15	45$15
INGLATERRA (libra)	189$25	193$25
IRLANDA (libra)	153$15	157$15
ITÁLIA (lira)	$073	$083
JAPÃO (iene)	$550	$585
NORUEGA (coroa)	17$30	17$80
SUÉCIA (coroa)	16$75	17$35
SUÍÇA (franco)	60$45	61$55
VENEZUELA (bolivar)	8$20	9$20

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Música portuguesa; **16.30**: Música espanhola e latino-americana; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: O espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite. Noticiários intercalares às **16.00, 17.00, 18.00, 21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

17.00: Música portuguesa; **18.05**: Música sinfónica; **19.00**: Terra viva, planeta azul; **19.30**: Intérpretes portugueses; **20.10**: «Catulli Carmina», cantata, de Carl Orff; **20.48**: Um poema sinfónico; **21.00**: O canto e os seus intérpretes; **22.00**: Tempo de bailado; **22.35**: Valsas n.os 3, 8, 12, 13, 1 e 2, de Chopin; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Programa do Sport Lisboa e Benfica; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Quando o telefone toca (2 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Desporto; **23.00**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Ondas lusianas; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Country music; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Horizonte; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Ouvir e pensar; **22.00**: Hora de música; **23.00**: Diário 23; **23.40**: Bola branca (3.ª edição); **23.55**: Meditando.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; **22.57**: Boa noite; **23.00**: A cor do som; **01.00**: As superestrelas do FM.

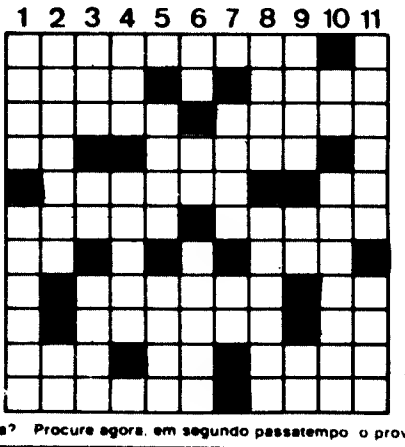
Rede Sul de FM

21.00: Paju; **21.30**: Pentagrama. Noticiários a todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 988



HORIZONTAIS:

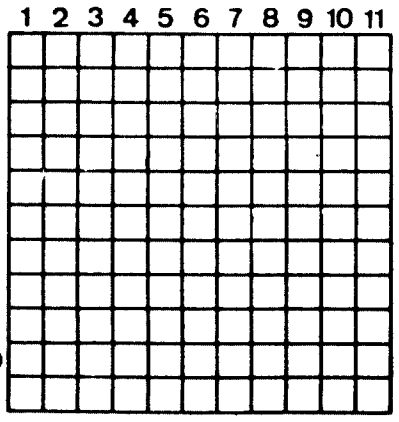
1 Desses massagens a. (India). Artigo definido.
2 Exercício. Tempo do verbo ser Filtrar.
3 Cantigas. Inércia.
4 Soberano da Pérsia. Sorte.
5 Fazer retroceder. Rádio (s.q.).
6 Último. Curai. (inv).
7 Seguia. Consentimento.
8 Rezaras. Preposição latina que designa movimento
9 Sossegado. Concede.
10 Nome de homem. Nota musical. Divir ao meio.
11 Frutos silvestres Queima

VERTICAIS:

1 Dois heróis gregos da guerra de Tróia. Sobejara.
2 Habitaria. Artigo indefinido.
3 Romeiro de Meca. Emissora Nacional (Ant). Vagar.
4 Filtra. O mesmo que alfaiate. (Insecto).
5 Primeiro rei dos hebreus. Espírito.
6 Pronome reflexo. Centiare. Lavrais.
7 Xaile das mulheres índias e parses. Quinto filho de Jacob (inv.).
8 Boatos. Chega.
9 Líquido que se separa do sangue e do leite depois de coagulados. Zomba. Pertences.
10 Prefixo de privação. Latadas.
11 Rogavas. Concederá.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9838



HORIZONTAIS:

1 Cidade da Suécia. Traço.
2 Serra de Portugal. Moço lésbio amado por Safo
3 Rate. Camareira. Arara.
4 Caminhar Querido. Pronome pessoal.
5 Efemina. Avalias.
6 Governanta. Educar.
7 Pedra de altar. Em as.
8 Amónio (s.q.). Enfeita. Sapo do Amazonas.
9 Pronome pessoal. Uma das Espórades. Conceder.
10 Lavras. Domestica.
11 Fragmento. Factos.

VERTICAIS:

1 Apelido. Estreito.
2 Desperta. Habita.
3 Apologia. Gosta muito de. Sadias.
4 Pátria de Abraão. Amargo. Sentidas Condolências.
5 Governanta. Donzela de Orleães.
6 Grande árvore da Índia. Hora canónica correspondente às quinze horas.
7 Alindas.
8 Pequena ilha francesa, fortificada do Mediterrâneo. Língua vernácula indiana. Oferece.
9 Pequeno símio do Brasil. Unidos pelo casamento.
10 Talhar. Ramalhete.
11 História. Saras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 987

HORIZONTAIS:
1 HÓSPEDA. COM.
2 Beata. Lico.
3 Samoa. Sanas.
4 Revira.
5 Larga. Soca.
6 Reata. Rosa
7 Aar Ota.
8 Oral Ama. Uá.
9 Airosas.
10 Assumiremos.
11 Saa. Sa.

VERTICAIS:
1 SOL. AO. As.
2 Oba. Araras.
3 Sem. Rera.
4 Pão. Ga. Laus.
5 Eta. Ato. Ima.
6 Dá. Ataria.
7 Sés. Amor
8 LAVOR. Ases.
9 Cínicos. Ama.
10 Ocaras. Uso.
11 Mosa. Ama Só.

Provérbio: Hóspeda com sol ao lavor.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9837

HORIZONTAIS:
1 Bela. Amaram.
2 Ura. Emala.
3 La. Ora. Omar.
4 Idas. Varo.
5 Samo. Eras.
6 Os. Pt.
7 Sana. Am. Saa.
8 Amaridavas.
9 Rã. Era. Eis.
10 Ará. Marras
11 Rosados. Are.

VERTICAIS:
1 Bulis. Sarar.
2 Erada. Amaro.
3 La. Amena. As.
4 Oso. Are.
5 ER. Ir.
6 Ave. Adamo.
7 Me. Aroma. As.
8 Amoras Ver.
9 Ramos. Saira.
10 Ala. Passar.
11 Marmota. Sé.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A BENÇÃO DO ANJO NEGRO

ÁVILA 539930

Av Duque d'Ávila, 92A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
– M. 18 a.
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie

AVIS 547153

Av Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
A HISTÓRIA DE JOANA

BERNA 776098

Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
WARGAMES, JOGOS DE GUERRA

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para todos
OS 101 DÁLMATAS
20.ª semana

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
CAÇADORES NO ESPAÇO

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
— N. ac. men. 18 anos
OFICIAL E CAVALHEIRO
64.ª semana
Às 24
A BOMBA H DESAPARECIDA

CINE CAMÕES 324194

R do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O PREÇO DO PECADO

CINE 222 579460

Av P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
VIOLÊNCIA E PAIXÃO
Um filme de Visconti
Às 24
CÃES DE GUERRA

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 13 a.
N.º 1 NO SERVIÇO SECRETO

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 ...adora

Às 15.30 e 21.30 – Para Todos
GRANDE HOTEL EXCELSIOR

CONDES 322573

Av da Liberdade 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
O ÚLTIMO FÔLEGO
2.ª Semana

2000 2100055

Av B. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
STAYING ALIVE

EDEN 320768

P Restauradores, 21

às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A BENÇÃO DO ANJO NEGRO

ESTÚDIO 555134

Al Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
80.ª semana

ESTÚDIO 444 779095

Av Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O BOM CASAMENTO

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24
– M. 12 a.
OS ABISMOS DA MEIA-NOITE

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21 30 e 23.45
– M. 12 a.
SER OU NÃO SER

IMPÉRIO 555134/5

Al Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21 30
– M. 12 a.
CAÇADORES NO ESPAÇO

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 – M. 6 a.
O HOMEM DO RIO NEVADO

MONTECARLO 681117

Av Pedro Álvares Cabral 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
EUGÉNIO, EUGÉNIO
Às 00.30
OS TRÊS AMIGOS

NIMAS 574362

Av 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. m. 13 anos
ATALHOS
c/ Sally Field e Tommy Lee Jones

ODEON 328283/4

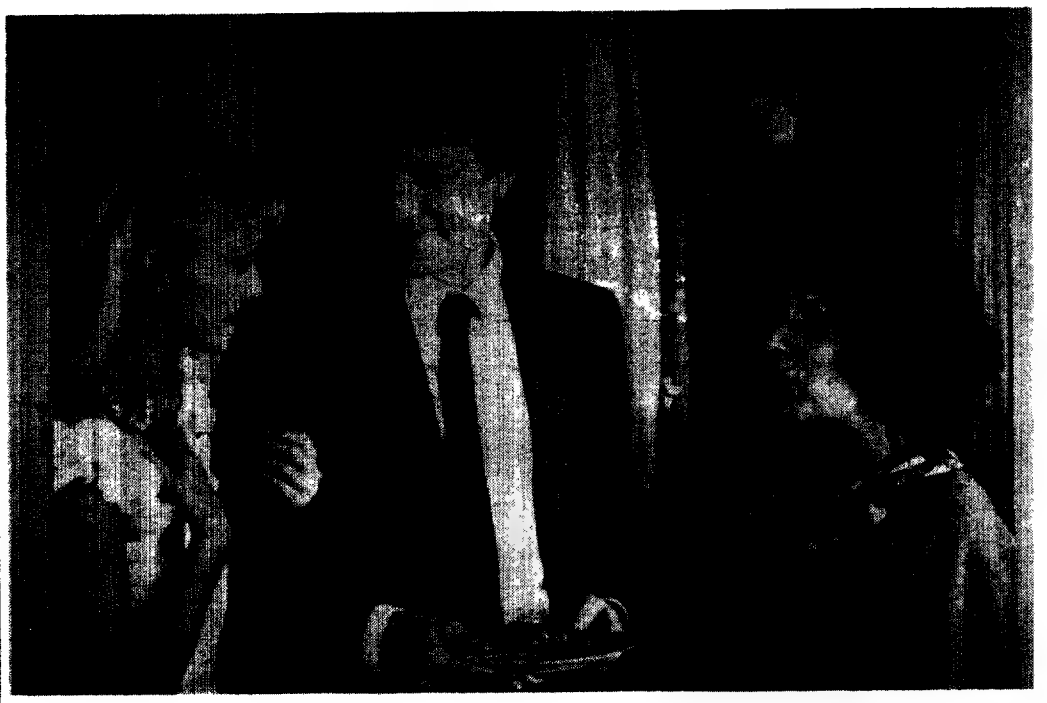
R dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 18 a.
OS VINGADORES NEGROS

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– M. 12 a.
JOÃO BRONCAS E OS MALUCOS DA BOLA
c/ Álvaro Vitali e Pippo Franco
Colorido



Uma cena do filme «O BOM CASAMENTO» realizado por Eric Rohmer em exibição no Estúdio 444

POLITEAMA 326716

R Portas S Antão, 109

As 14.15, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
POLÍCIAS E LADRÕES

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
– M. 12 a.
NO LIMIAR DA REALIDADE
Às 23.30
A VIDA DE BRIAN

SALA 2
Às 14.15, 16, 17.30, 19, 21 e 22.30
– M. 12 a.
ZELIG
Às 24
JONAS QUE TERÁ 25 ANOS NO ANO 2000

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 18 a.
A MULHER EM CHAMAS
Às 23.30
O ABISMO

SALA 4
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 16 a.
FELIZ NATAL, MR. LAWRENCE
Às 23.30
SATYRICON

QUINTETO 573407

R Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE
Às 24
JUNTOS SÃO DINAMITE

ROMA TEL. 727778

Av de Roma, 14 M-N
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M 12 a.
O acontecimento!
O filme de maior impacte em todo o Mundo
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE

ROXY 548560

Av Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE
c/ Jason Robards e Jobeth Williams
Colorido

SÃO JORGE 579144/579344

Av da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.15
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie
– M. 18 a.

SALA 3

As 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
– M. 12 a.
ZELIG
c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.ª ARTE 730715

Av República, à E Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.30, 17, 19.10, 21 30 e 23 30
– N. ac men 13 a.
007 E O HOMEM DA PISTOLA DOURADA
c/ Roger Moore

STAR 804210

Av Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.30 e 21 30
– M. 12 a.
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666

E de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– M 6 a.
FLASHDANCE

VOX 880808

Av. Fr Miguel Contreiras, lote 879

As 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
SER OU NÃO SER

XENON 368480

Av da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 18 a.
O ESCORPIÃO DE DUAS CAUDAS

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Jovens Médicos Apaixonados», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 – «Nunca mais Digas Nunca», às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 – «Jogos de Guerra», às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO – «Self Service Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL – «Jogos de Guerra», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «A Ingénua e os Galifões», sessões permanentes (18 anos)
RESTELO – «A Febre Continua», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «O Último Fôlego», às 21.30 (16 anos)
ALFA-CLUB – «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (13 anos)
TIVOLI – «Jovens Médicos Apaixonados», às 21.30 (12 anos)
ESTÚDIO ACS – «Loucuras de um Casal», às 21 15 (12 anos)
TERMINAL – «No Limiar da Realidade», às 21 30 (12 anos)
APOLO 70 – «Os Lobos não Choram», às 21.30 (12 anos)
CITY CINE – «Zeig», às 21.30 (12 anos)
COLISEU – «Na Ponta do Sexo», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «O Comando dos Tigres Negros», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «Ciclo Pierre Kast», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «O Grande Golpe», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Academia – «Oficial e Cavalheiro», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Querelle», às 21 30 (18 anos)
COSTA DE CAPARICA – Slicine – «O Imperador dos Bárbaros», às 21.30 (16 anos)

Linha de Cascais

SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Mandingo», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Butterfly», às 21.15 (16 anos)
CASCAIS – Oxford – «Uma Mulher de Sonho», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Uma Aventura Extraordinária», às 21.30 (16 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «O Dragão do Lago do Fogo», às 21.15 (13 anos)

Porto

ÁGUIA – «Amor e Sacrifício», às 21.45 (12 anos)
ESTÚDIO – «Os Salteadores da Cobra de Ouro», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Areias Quentes, Classes Selvagens», às 21.30 (18 anos)
RAIONE – «Bad Boys», às 21.30 (18
LUMIÈRE-L – «Direitos de Mãe», às 21.45 (12 anos)
TERÇO – «Many, o Implacável», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «O Grande Desafio», às 21.30 (18 anos)
SALA-BEBÉ – «Que Faz Correr David?», às 21.45 (12 anos)
COLISEU – «Jovens Médicos Apaixonados», às 21.30 (12 anos)
LUMIERE-A – «Loucuras de um Casal», às 21 30 (12 anos)
RIVOLI – «Gangsters das 4 Rodas», às 21.30 (16 anos)
BATALHA – «Grande Hotel Excelsior», às 21 45 (12 anos)
TRINDADE – «O Dia Seguinte», às 21.30 (12 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21 30 (18 anos)
PEDRO CEM – «Os Largos Horizontes da Aventura», às 21.30 (12 anos)
FOCO – «Jogos de Guerra», às 21 45 (12 anos)
CHARLOT – «Classe», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Supergénios», às 21.30 (12 anos)
JÚLIO DINIS – «Zombi», às 21 30 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

BAIXA: Americana, C. de Santana, 1-3 (T. 863984); **CALVÁRIO: Monge**, R. Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Veral**, R. Morais Soares, 109-111 (T. 821732); **ESCOLA POLITÉCNICA - SÃO BENTO: São Marçal**, R. São Marçal, 100-102 (T. 325718); **ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta**, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **MADRE DE DEUS: Romana**, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **PRAZERES: União**, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643); **REGO: Prates & Mota**, R. da Beneficência, 91-93 (T 773728); **SALDANHA: Avenidas**, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Santo António**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente; **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 910051).

REFORÇO

ALFAMA - SÃO TOMÉ: Ziler, R. São Tomé, 54-56 (T 862835). **AREEIRO: Lusitana**, Av de Roma, 18-A (T. 885443); **AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA: Aeroporto**, Av Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA - 2.ª CIRCULAR: Benfiuz**, E. de Benfica, 444-A (T. 782606); **BOA-HORA - AJUDA: Boa-Hora**, R. Quartéis, 25-27 (T. 637777); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto, Ld.ª**, R. Alto Carvalhão, 5-B (T. 651721); **JANELAS VERDES: Reis Garrido**, R. das Janelas Verdes, 90 (T. 662327); **JARDIM CONSTANTINO: Portugal**, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **OLIVAIS SUL: Lemos**, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Pichelaria, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas**, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T 910305); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. Santo Eléi, 41-A (T. 992453); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T 2519939)

Outra banda

ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R D. Duarte, 7-B (T 2292324). Até às 22 horas, **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av General Humberto Delgado (T 2403218) Até às 19 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T 2233028); **LAVRADIO: Parreira**, R D Silva Cristino, 15-A (T 2042016) Até às 19 horas, **BARREIRO: Soares**, Av da Republica, 1 (T. 2073023) Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E Nacional, 178-B (T 2040302). Até às 19 horas **CORROIOS: Universo**, E Nacional, 10 (T. 2290084) Até às 19 horas. **AMORA: Nova Amorense**, E. N 10 bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824) Até às 22 horas, **SEIXAL: Lusitana**, P Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T 2210007). Até às 22 horas, **MONTIJO: Diogo** R Almirante Reis, 50 (T 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T 204250). Até às 19 horas, **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Alice**, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; **Oliveira**, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Dias Saraiva, Av. Afonso Palla, 17 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, Bairro Padre P. Correia, 4-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T 2430485) Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av Maria da Conceição, lote 8 (T 2470777) Permanente, **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av Sabóia, 29-B (T 260085) Até às 22 horas; **PAREDE: Alsir**, Av Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312) Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**, R. A (T 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T 2682313) Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E de Alvide, Fontainhas (T 281044). Permanente

Linha de Sintra

AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 938424). Permanente; **Confiança**, Av D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T 971121). Permanente; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, R. Combatentes da Grande Guerra (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av Vitorino Nemésio, 14-A (T 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T 9215275) Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 926194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088), **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T 980456) Permanente

MOSCAVIDE: Banha, Av Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente, **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

CORREIA ARAÚJO, R de Santa Catarina, 259; **FIGUEIREDO, LD.ª**, R. de Cadoferta, 125; **LOUSADA**, R do Campo Lindo, 52; **CORUJEIRA**, R São Roque da Lameira, 1473; **GUARANI**, R Pedro Hispano, 367

DE DIA E TODA A NOITE

FERREIRA, P. D. Afonso V 55-B, **AMEAL**, R. do Ameal, 1227, **DA CRUZ**, R Costa Cabral, 1082; **SÃO LÁZARO**, Av Rodrigues de Freitas 297; **PARENTE**, R. das Flores, 114

Coimbra

BATISTA, P da Republica 9-10 (T 23747); **PAIVA**, P do Comercio (T 23231).

teatros

Lisboa

MARIA MATOS «Annie», às 20 00 (6 anos)
SÃO CARLOS – Salão Nobre – Sarau de Música Brasileira, às 21 30 (3 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1428/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

4.21 4,6 m 10.08 0,5 m
16.45 4,3 m 22.22 0,6 m
Dia 20
5.03 4,4 m 10.48 0,7 m
17.25 4,2 m 23.03 0,8 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	3º
BRAGANÇA	-1º
VILA REAL	2º
PORTO	3º
COIMBRA	6º
CABO CARVOEIRO	9º
PORTALEGRE	6º
LISBOA	9º
ÉVORA	6º
BEJA	8º
FARO	11º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	8º
FUNCHAL	12º
PENHAS DOURADA	-1º

últimas

HABITAÇÃO COM MENOS 1200 CONTOS desde que esta noite foi devassada por alguém que ali se introduziu por meio de arrombamento. O objectivo, aliás conseguido, seria o furto de TV a cores, vídeos, aparelhagem de som, louça da Companhia das Índias, faqueiro de prata, jóias e outros artigos.

UM GRUPO DE SEIS RAPAZES vinham praticando assaltos a estabelecimentos desde o princípio do mês, vendo agora interrompida a actividade pela Secção de Justiça da PSP que os deteve. Actuavam prioritariamente na área do Campo Grande e Campo Pequeno e teriam já furtado 4 centenas de contos em artigos de mercearia. Dos seis, três ainda não atingiram os 16 anos.

QUATRO INDIVÍDUOS CHICOTEADOS em público na Beira, segunda cidade moçambicana, acusados de revenderem bilhetes de cinema a preços especulativos – foi hoje anunciado. Para além de 15 chicotadas cada um, foram condenados a 45 dias de prisão. A lei que introduz a pena das chicotadas está em vigor há um ano na República Popular de Moçambique.

TINHA UM AUTOMÓVEL VELHO e pretendia trocá-lo por outro mais recente. Assim procurou pelas ruas de Lisboa um veículo da mesma marca, «Volkswagen» e cor semelhante. Trocou as chapas e com uma ligação directa, levou-o consigo. Só que a proprietária da segunda viatura, Olinda Sousa Gonçalves, viria a localizá-lo e a reconhecê-lo nas proximidades da Praça de Espanha. Alertada a Secção de Justiça da PSP, foi fácil desmascarar o autor da proeza, Rui Silva, de 24 anos.

O MINISTÉRIO KOWEITIANO DO INTERIOR proibiu as mulheres de conduzirem com o tradicional véu à maneira muçulmana, soube-se hoje no Koweit de fonte [illegible]mada. Segundo esta fonte, trata-se de evitar que eventuais sabotadores se possam disfarçar utilizando o véu como disfarce.

Portugal ainda não deu asilo político ao ex-primeiro-ministro da Guiné-Bissau

A mulher de Vítor Saúde Maria já foi libertada

O Governo português desmentiu ter já concedido asilo político ao destituido primeiro-ministro da Guiné-Bissau, mantendo-se Vítor Saúde Maria na Embaixada de Portugal, onde se refugiou, na situação de acolhimento.

As agências chegaram a noticiar a concessão do asilo político, no sábado passado, mas a reacção guineense depois de o embaixador de Portugal Meneses Cordeiro, ter informado Nino Vieira da situação, foi de oposição total.

O ministro dos Negócios Estrangeiros guineense declarou em Lisboa que Vítor Saude Maria «jamais sairá da Embaixada de Portugal em Bissau para o estrangeiro».

O ministro Fidélis Cabral Almada, que esteve na capital portuguesa em trânsito para Paris, onde se deslocou em missão oficial, declarou ser a primeira vez que «um dirigente do Partido, tendo cometido um erro e sido destituído das suas funções, pede asilo político a uma Embaixada». O ministro manifestou, também, surpresa por Portugal ter concedido asilo – era a informação disponível no sábado e só posteriormente desmentida – por se desviar da «tendência portuguesa de não conceder asilo político a cidadãos das suas ex-colónias». O precedente existiu com o antigo primeiro-ministro de S. Tomé e Princípe quando Miguel Trovoada foi afastado e procurou acolhimento na Embaixada de Portugal em S. Tomé, o que lhe foi recusado. Adiantou que a atitude portuguesa «não terá quaisquer implicações nas relações entre os dois países» e manifestou a intenção do seu Governo de «aprofundar os laços de amizade, fraternidade e cooperação que nos unem».

Cabral Almada disse ter sido, também, uma surpresa a actuação de Saúde Maria, frisando que foi «um homem feito praticamente pelo presidente Bernardo Vieira».

Manifestou, por outro lado, a apreensão do seu governo pela preocupação do Primeiro-Ministro Mário Soares «a acreditar no que a Imprensa tem dito, em recomendar insistentemente à Embaixada que providencie todas as medidas para garantir a segurança de Saúde Maria».

«Já demos bastantes provas de humanismo, nomeadamente em relação aos nossos inimigos, quanto mais para com um ex-companheiro de luta» – disse.

Adiantou existirem provas de contactos entre Saúde Maria e militares e dirigentes de movimentos da oposição para um possível atentado contra o presidente Bernardo Vieira.

«Vamos agora tentar apurar as verdadeiras razões do seu pedido de asilo» – disse Fidélis Almada.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Guiné afirmou, também, que a mulher de Saúde Maria, detida «para averiguações» e que pendem sobre ela acusações de que «teria contactado com diversas Embaixadas no sentido de divulgar que o seu marido estava preso, deturpando assim todos os factos».

Para Cabral Almada, a actuação de Saúde Maria visava «criar uma imagem de instabilidade no país, precisamente no momento em que se preparam diversos programas e mesas-redondas em Bissau com outros países».

Entretanto, a mulher de Vítor Saúde Maria, Maria Augusta, que tinha sido presa na sequência da destituição do seu marido das funções de primeiro-ministro há uma semana, foi libertada no domingo, soube-se de fonte oficiosa em Bissau.

Segundo as autoridades de Bissau, a esposa de Saúde Maria tinha sido presa por ter feito contactos com missões diplomáticas (não nomeadas) acreditadas em Bissau, com a finalidade de preparar o golpe de Estado projectado pelo marido.

Maria Augusta explicou, no entanto, que na Embaixada soviética procurara estabelecer um contacto telefónico com o presidente moçambicano, Samora Machel, a fim de lhe expor a situação de seu marido, dois dias antes exonerado.

Quanto a outras representações diplomáticas, elucidou que ali fora, apenas, na qualidade de colaboradora da empresa luso-guineense Interloja, tratar de assuntos comerciais e não políticos. Saúde Maria, refugiado na Embaixada portuguesa em Bissau, teria solicitado a Portugal que intercedesse junto das autoridades guineenses no sentido de libertarem sua mulher.

Câmara de Loures prepara comemorações do 25 de Abril

Um vasto programa de actividades está a ser posto em prática, em todo o concelho de Loures destinado a comemorar o décimo aniversário do 25 de Abril. Actividades culturais, desportivas e meramente recreativas, a par de manifestações políticas, animam e dinamizam as 17 freguesias, empenhadas, como colectividades, grupos desportivas, corporações de bombeiros e outros organismos, em festejar condignamente o aniversário da data da Liberdade. A Câmara Municipal organizou também um programa de diversas iniciativas onde, em certos pontos, se integram as actividades previstas pelas freguesias.

É assim que, no dia 21 de Abril decorre a festa de homenagem às colectividades do Concelho, com a entrega de medalhas de prata e ouro às que completarem 25 e 50 anos de existência.

A anteceder esta cerimónia haverá o desfile de todas as colectividades locais e posteriormente um concerto conjunto dado pelas sete bandas do concelho a que se seguirá uma sessão de poesia dedicada a Ary dos Santos e um espectáculo de música popular portuguesa.

No dia seguinte será a vez de um espectáculo de folclore e de uma sesão de poesia. No sector desportivo, para além da muita actividade local organizada pelas comissões existentes em cada freguesia, também a Câmara dinamizou um calendário de provas que engloba, logo no dia 8 de Abril, a quarta edição de cicloturismo Porto-Loures.

A 14 e 15 será a vez do quarto torneio internacional de futebol infantil, a 22 o torneio aberto 25 de Abril de ténis de mesa e a 24, pelas 21 horas, Odivelas será cenário da corrida da Liberdade.

Soares já em Lisboa

'Esta visita abriu muitas portas'

Continuação da pág. 1

O Primeiro-Ministro anunciou que vai ser negociada com os Estados Unidos a instalção, em Portugal, de uma estação de rastreio, não tendo, porém, indicado a sua localização.

Soares adiantou que a proposta foi feita pelos norte-americanos durante a visita efectuada pelo vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, Mota Pinto, aos Estados Unidos, em Fevereiro.

Relativamente à situação política na África Austral, Mário Soares disse que o acordo assinado entre a África do Sul e Moçambique foi um acontecimento de grande importância mundial.

Soares adiantou que vai estudar o caso de Vítor Saúde Maria com o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, pensando ser fácil encontrar uma solução para o ex-primeiro-ministro da Guiné-Bissau.

Observou que se Portugal der asilo a Saúde Maria, isso não prejudicará as relações entre os dois países, uma vez que não significa ingerência nos assuntos internos de Portugal na Guiné-Bissau.

Soares lembrou os casos passados com os ex-dirigentes Luís Cabral, da Guiné-Bissau, e Miguel Trovoada, de São Tomé e Príncipe.

A propósito das conversações que teve com dirigentes norte-americanos e o secretário-geral das Nações Unidas sobre Timor Leste, o Primeiro-Ministro disse que vai apresentar ao Presidente da República um relatório sobre esses contactos.

Soares disse ainda que pediu aos Estados Unidos preços especiais de cereais, à semelhança dos já praticados pelos norte-americanos a Portugal.

Os últimos encontros de Mário Soares

O Primeiro-Ministro português preencheu o dia de sábado da sua visita aos Estados Unidos recebendo em Nova Iorque vários embaixadores junto da ONU, entre os quais o de Cabo Verde, Amaro da Luz.

Soares teve encontros com o antigo vice-presidente da Venezuela, Carlos Andres Perez, com o editorialista do New York Times, Warren Hole, com o presidente da maior cadeia de grandes armazéns dos EUA («Bloomingdale's») e ainda com outras personalidades.

O Primeiro-Ministro que regressou a Lisboa esta manhã após uma escala na ilha Terceira, avistou-se também com responsáveis do City Bank, que reafirmaram o seu pedido de abertura de uma sucursal em Portugal.

Marcelo Rebelo de Sousa

"Não negociaremos com nenhuma outra facção"

Os delegados ao Congresso do PSD pela moção de Marcelo Rebelo de Sousa decidiram sábado «não negociar com nenhuma outra facção» e manter «a identidade própria» da sua moção — afirmou à ANOP Pedro Santana Lopes.

Reunidos para definir a estratégia a seguir no Congresso de Braga, aqueles delegados deliberaram também, caso a moção de Mota Pinto vença, apresentar uma proposta no sentido de os congressistas se pronunciarem pelo não apoio do PSD à candidatura presidencial de Mota Amaral.

«Os mota-pintistas têm que se definir» — disse Pedro Santana Lopes, admitindo a hipótese de vir a ser revelado no Congresso o nome do candidato presidencial (militante e civil) escolhido pelos subscritores da moção de Marcelo Rebelo de Sousa.

Adiantou que «é necessário desmistificar a falsa bipolarização das moções Mota Pinto e Mota Amaral. Ambas defendem o bloco central, ou seja, que o PSD anda a reboque do PS até 1987».

Desta reunião saiu uma Comissão Executiva para, no Congresso, tomar todas as decisões necessárias.

Desde esta manhã na Gulbenkian

Uma discussão sobre a criança

Organizado pelo Instituto de Apoio à Criança, do qual é presidente da Comissão Coordenadora a dra. Manuela Eanes, está a decorrer desde esta manhã, na Fundação Calouste Gulbenkian, uma jornada de trabalho sobre actividades lúdicas e ludotecas.

Após a apresentação do programa do Instituto de Apoio à Criança (IAC) sobre ludotecas, foram produzidas várias intervenções. Domingos Moreira falou sobre o «direito de brincar». Depois foi apresentada uma comunicação alargada da autoria de Carlos Neto, Rita Mendes Leal e Cristina Louro sobre o «brincar» e o desenvolvimento físico-mental da criança. Ainda da parte da manhã foi projectado o filme «Tudo está no brincar». Seguiu-se um debate sobre o tema, tal como sempre acontece em relação às comunicações apresentadas.

Da parte da tarde será projectada a película «Dinossauros no Pátio», após a qual seguir-se-á uma discussão em torno de modelos e tipos de funcionamento das ludotecas.

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 1984

Sete Ponto Sete

ESPECIAL PRESIDENCIAIS 1985

Quem?

COM o distanciamento que lhe propicia a sua não-dependência do ritmo menos reflectido e mais fraccionado da informação diária, o Sete Ponto Sete propõe hoje aos seus leitores um painel de candidatos à eleição presidencial do próximo ano. Instrumento de reflexão e indicador do estado das coisas nesta matéria para onde, como talvez para nenhuma outra, converge a expressão dos desejos contraditórios (de mudança e de consolidação, de aventura e de segurança, de identidade e de risco) que atravessam a formação social portuguesa, este painel não é, contudo, exaustivo. Não sendo exaustivo, não pretende participar no esforço de limitação das hipóteses de candidaturas — esforço que sempre interessa a um qualquer dos diferentes grupos de pressão em confronto na cena política.

Apresentamos como «naturais» os pré-candidatos que, como Mário Soares, Lurdes Pintasilgo e Freitas do Amaral, aparecem hoje — independentemente da futura formalização de candidatura ou das suas possibilidades de vencerem, ou não, a eleição — na posição de «parecerem estar», reconhecidamente, na corrida para Belém: devido à sua imagem pessoal, devido ao que representam em termos de proposta política global e devido ao modo como parecem exprimir uma ou mais componentes significativas do eleitorado nacional.

E chamamos «fabricáveis» aos outros — de Nobre da Costa a Altino de Magalhães, a Almeida e Costa ou Mota Amaral — que, dado o seu afastamento da vida política pública, o modo insuficiente como exprimem hoje uma componente básica do eleitorado ou por outra razão, têm ainda, para se tornarem viáveis, de produzir todo o esforço de autopromoção ou de serem «designados» por um entendimento entre forças políticas ou por quem desempenha, em resultado do voto popular, importantes funções de Estado.

Encabeçando o grupo dos candidatos «naturais» surge o dr. Mário Soares: ele deseja a candidatura, sem dúvida porque a Presidência da República exprime, para si e para a considerável franja do eleitorado que lhe é fiel, o ponto culminante de uma carreira política repleta de êxitos e decepções, experiências e responsabilidades. O dr. Mário Soares é candidato não a um, mas a dois mandatos. No que respeita ao primeiro mandato, dois factores podem aliar-se para facilitar a sua eleição: a descoberta tardia, ou imprópria, de um candidato da área «eanista» que lhe faça frente, por um lado, e, por outro a eventual incapacidade da direita se unir em torno de um sucedâneo, civil ou militar, do que Soares Carneiro representou em 1980.

No que respeita ao segundo mandato, uma breve referência apenas: o «challenger» de Soares seria quase inevitavelmente o general Eanes — e então sim, teria espectacularmente lugar o conflito político adiado por que a formação social portuguesa parece, inconscientemente, esperar.

Mário Soares tem também por si, hoje, o facto de ser **a seu favor ou contra ele** que o eleitorado e as diversas forças políticas se definem, desde já, na corrida para Belém. A sua candidatura é esperada por todos os quadrantes, tida como inevitável, inelutável. Desde muito antes de a confirmar, o actual Primeiro-Ministro sabe que representa, positiva ou negativamente, o principal pólo de atracção na pré-disputa em curso.

No campo das forças políticas e das individualidades que apoiaram em 1980, contra a opinião de Mário Soares, a recandidatura do general Eanes, tomou forma a ideia de que é indispensável encontrar, cedo, uma candidatura alternativa à do actual Primeiro-Ministro. Neste campo surge igualmente a ideia, só aparentemente paradoxal, de que o apoio expresso do general Eanes a tal candidatura pode não constituir o factor determinante da sua emergência, ou pelo menos o mais **urgente.**

A eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo aparece hoje, entre os pré-candidatos «naturais», como potencialmente bem colocada para constituir essa alternativa, sobretudo devido à imagem que dela persiste em diferentes zonas da opinião pública e à expectativa que o seu discurso global, enquanto Primeira-Ministra, criou.

Torna-se, contudo, claro, que o espectro político que pode «desejar» da candidatura Pintasilgo não se esgota nos aderentes ao Movimento para o Aprofundamento da Democracia, de que ela é uma das principais figuras — e não se esgota aí exactamente porque a sua imagem e o seu discurso excedem largamente o quadro «parapartidário», ou semipartidário, desse seu envolvimento.

A eventual candidatura da eng.º Pintasilgo tem sido apresentada como carecendo do apoio prévio de boa parte da «esquerda» e do general Eanes. Nós cremos que a eventual candidatura da eng.ª Pintasilgo carece antes de mais de alguma expressão pública suficientemente clara, para que o seu lugar de alternativa a Mário Soares possa ser sugerido, e para levar as diversas componentes do leque que a podem, virtualmente, apoiar, a definirem-se face a ela, como já acontece hoje com a candidatura do Primeiro-Ministro.

O carácter necessariamente transpartidário da eventual candidatura Pintasilgo não parece poder beneficiar com o alongamento de um seu envolvimento pessoal semipartidário, ou com o silêncio político resultante do seu compromisso como conselheira do Presidente da República. Quer isto dizer que seria fora do contexto delimitado por essa dupla obrigação actual que a sua candidatura se viabilizaria.

Tanto mais que, no campo que apoiou em 1980 a recandidatura do general Eanes, e cujo tecido se poderia em boa parte reconstituir contra Mário Soares, dificilmente haverá unanimidade **à partida** na escolha de um candidato, vários sendo os sectores que olham os restantes com o desejo irónico de saberem quem acabará por ser «inevitavelmente arrastado, sem ter podido ou querido tomar a iniciativa»: O PCP? Os simpatizantes do «ex-secretariado»? Outros?

Por outro lado, não está excluída a possibilidade de o próprio general Ramalho Eanes liderar o processo de lançamento de uma candidatura, e em primeiro lugar de escolher, ele próprio, um candidato, civil ou militar, que tentasse bater Soares e assegurasse, em Belém, o «intermezzo» do próximo quadriénio. Caso a dinâmica de uma alternativa «eanista» a Soares venha a ser esta, a eng.ª Pintasilgo mantém aparentemente uma boa colocação no xadrez das pré-candidaturas possíveis, mas vale a pena estar atento à eventualidade do surgimento de um nome menos «marcado» politicamente e que mais dificilmente provoque fenómenos de rejeição por certas zonas do eleitorado «eanista»... como o do eng.º Nobre da Costa. Resta saber qual o poder de «arrastamento» de uma proposta com estas características, e se todas as zonas políticas do espectro eleitoral de Eanes em 1980 estariam, igualmente agora, dispostas a um alinhamento em nome do «mal menor». Nobre da Costa (ou outro «técnico» com o seu perfil) pertence ao grupo dos candidatos «fabricáveis».

JOÃO MENDES

Em terceiro lugar entre os pré-candidatos «naturais», surge o prof. Freitas do Amaral, embora a formalização da sua candiatura pareça pelo menos tão condicional quanto a da eng.ª Pintasilgo. A candidatura de Freitas do Amaral depende, antes de mais, do que for decidido no interior do PSD em matéria de eleição presidencial. Como se sabe, parte dos sociais-democratas em confronto no próximo Congresso de Braga consideram vital para o futuro do partido que este adopte uma estratégia de regresso à posição de «partido líder» nacional, o que implica, pelo menos a prazo, a ruptura da coligação governativa. E, de uma forma geral, a maioria dos sociais-democratas defende **publicamente** a necessidade de promover uma candidatura PSD a Belém, quanto mais não seja para contrariar «pour la forme» a ideia, entre eles prevalecente, de que a candidatura Mário Soares seria imbatível. É provável, assim, que do grupo Mota Pinto surja, a partir de Braga, a proposta de um candidato apoiado pelo PSD, e que satisfizesse outras franjas conservadoras do eleitorado: de preferência um militar. Altino de Magalhães, Firmino Miguel e o próprio Lemos Ferreira têm sido citados como correspondendo ao perfil desejado por Mota Pinto.

Esta possibilidade apresenta, para Mota Pinto, a vantagem de poder vir a ser apoiada pela direcção Lucas Pires do CDS, o que inviabilizaria a extensão desejada por Freitas do Amaral para a sua própria candidatura, e pelo menos atrasaria substancialmente uma recomposição das forças da direita portuguesa sob a liderança do antigo vice-primeiro ministro de Balsemão.

A manter-se a actual coligação governativa (e a correspondente liderança «moderada» de Mota Pinto no PSD). só uma dissidência clara entre os sociais-democratas, apoiada, no CDS, pelos insatisfeitos com Lucas Pires, poderia oferecer a Freitas do Amaral base política para o lançamento da sua candidatura... mas é admissível, embora não certo, que, nesse caso, o relativamente jovem professor preferisse esperar.

A candidatura a Belém só interessa a Freitas do Anaral se, perdendo eventualmente face a Mário Soares, ele saísse dela como condutor da frente política de direita que a teria tornado possível: não necessariamente uma «Nova AD», mas sem dúvida uma espécie de «movimento nacional anti-marxista», com a sua base política civil e também com claros apoios entre os militares. (Este cenário significaria, naturalmente, que Freitas do Amaral teria vencido, no campo da direita, as actuais lideranças PSD e CDS).

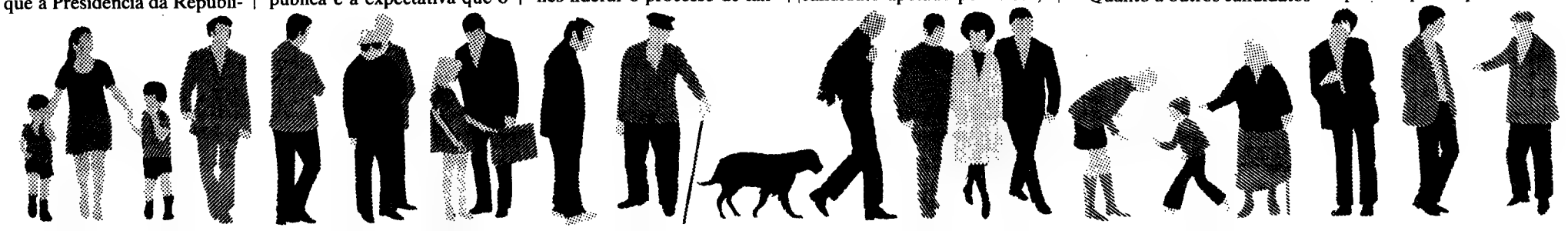
Contra o desejo de candidatura de Freitas do Amaral e impossibilitando igualmente os dividendos políticos que dela poderia retirar, aparece ainda a declaração de intenções de Mota Amaral — embora esta só pudesse robustecer-se, para poder ter consigo a maioria do PSD, na sequência de um acordo pós-Congresso, que actualmente parece muito pouco provável, nos termos do qual Mota Pinto prescindisse do seu próprio candidato a favor do dirigente açoriano.

Quanto a outros candidatos eventualmente fabricáveis com vista à disputa de fracções importantes do eleitorado, o fenómeno Almeida e Costa é actualmente o mais interessante: designado por Ramalho Eanes governador de Macau, o contra-almirante tem-se referido à próxima eleição presidencial de forma suficientemente confusa para que a maioria dos observadores tenha passado a dar como garantida a sua vontade de participar na «corrida», parecendo claro que a primeira base de apoio que desejou cativar foi um dos sectores apoiantes de uma eventual candidatura da área «eanista». Só o próprio Almeida e Costa saberá se, no caso de vir a não encontrar o apoio com que contava, continuará a «correr» para Belém. É um facto que, independentemente de quaisquer considerações políticas, o seu esforço pessoal é quase inédito na cena portuguesa, podendo vir a desencadear fenómenos de simpatia inesperados — embora limitados — entre o eleitorado mais abertamente «apolítico», como em seu tempo provocou o «outsider» Pinheiro de Azevedo.

A eleição presidencial do próximo ano — cuja primeira volta será ainda, e inevitavelmente, muito participada, pelo menos até à boca das urnas, por pequenos candidatos da esquerda extraparlamentar (Otelo, Tomé, outros...) e talvez por representantes de outros grupos minoritários na sociedade portuguesa — entrou na ordem do dia com quase dois anos de antecedência.

Este facto testemunha a importância que, apesar da limitação de poderes resultante da última revisão constitucional, forças políticas e movimentos de opinião atribuem à função presidencial. Para um regime que se pretende cada vez menos presidencialista (a acreditar nas forças que tiveram a preferência do eleitorado nas eleições Legislativas), este interesse central pelo personagem que irá ocupar o Palácio de Belém tem o seu quê de contraditório, o seu quê de **denegação.**

Mais que a letra da Lei, parece interessar o «rosto» do futuro ou futura Presidente: o que e quem representa, o que diz de Portugal e do Mundo, o que fará para o provar. ■



Soares

MÁRIO Alberto Nobre Lopes Soares, que completará 60 anos em 7 de Dezembro deste 1984 é, dos três candidatos que aqui apresentamos como «naturais» (quer dizer: que apresentam, pelas suas características pessoais e pelo seu posicionamento ou movimentação política, condições antecipadas para serem candidatos), o único que é possível dar como certo na «corrida» para Belém de 1985. Tendo retirado o seu apoio à candidatura de Ramalho Eanes, à revelia do que o PS decidira a este respeito, nas últimas presidenciais, gerindo com perspicácia a projecção internacional do cargo de primeiro-ministro (que exerce pela terceira vez) e tendo reforçado, à frente da coligação PS-PSD, a sua imagem de inimigo confesso dos comunistas, Mário Soares não parece temer o eventual «desgaste» do seu personagem até a um calendário próximo da eleição decisiva. Hipóteses que alguns comentadores chegaram a avançar, como a de que a Soares interessaria mais uma candidatura presidencial de «low profile», mesmo militar (falou-se, por exemplo, de Firmino Miguel) — porque uma Presidência da República próxima de si lhe permitiria manter-se à cabeça de sucessivos governos — estão actualmente afastadas. Mário Soares parece, hoje, o único candidato à presidência que visa não um, mas dois mandatos, e em favor do qual joga um concurso de circunstâncias bastante favorável: aparente ausência de um candidato forte que polarize a direita, aparente ausência de um candidato forte que interesse à esquerda, aparente ausência de um «eanista» feito para ganhar. Enquanto durar a coligação PS-PSD, os sociais-democratas estarão impedidos de o hostilizar frontalmente, e o Congresso de Braga mostrará se eles se encontram como dizem, em condições de escolher, no partido, um futuro candidato a Belém. Este, se viesse a ser designado, seria, porém, e porventura, um homem para abdicar a favor de Soares perante uma segunda volta que este tivesse, eventualmente, de disputar com um candidato «eanista». Dois personagens poderão aparecer ainda como concorrentes de Soares: um tem já hoje um rosto, embora a sua emergência dependa, em boa parte, da possível indefinição social-democrata nesta matéria, depois de Braga: é Diogo Freitas do Amaral. Outro não tem ainda rosto (Pintasilgo? Nobre da Costa? Um militar?) e quanto mais tarde tiver, mais se robustece a pré-campanha de Soares.

O actual primeiro-ministro participou já em seis executivos, como chefe do Governo, ministro sem pasta e dos Negócios Estrangeiros. Há dez anos, secretário-geral do Partido Socialista recém constituído no estrangeiro, foi chamado a sobraçar a pasta dos Negócios Estrangeiros, que manteve nos segundo e terceiro governos provisórios. No quarto foi ministro sem pasta.

Depois de cerca de um ano de interregno, que coincidiu com a liderança civil da oposição ao quinto Governo provisório (Vasco Gonçalves), viria a assumir a chefia do primeiro e do segundo governos constitucionais de Julho de 1976 a Julho de 1978. Afastado por Eanes, iniciou uma «travessia do deserto» de que veio a retirar vultosos benefícios políticos, acabando por aparecer ao eleitorado como alternativa possível aos sucessivos governos da AD.

Mário Soares, casado com a deputada socialista Maria Barroso, nasceu em Lisboa, filho do prof. João Soares, antigo ministro da Primeira República. Membro do MUNAF e co-fundador do MUD, é licenciado em Histórico-Filosóficas e e 1951 foi impedido pelo Governo de Salazar de exercer a carreira docente. Seis anos depois obteve a licenciatura em Direito. Secretário da Comissão Central da Candidatura de Norton de Matos, membro do Directório-Social-Democrata dirigido por Sérgio, Cortesão e Azevedo Gomes, viria a fazer igualmente parte da Comissão de Candidatura Humberto Delgado, em 1958. Assinou e ajudou a redigir o «Programa para a Democratização da República», de 1961. Candidato em 1965 pela Oposição Democrática, candidato pela CEUD em 1969, foi 12 vezes preso pela polícia política e deportado oito meses em S. Tomé.

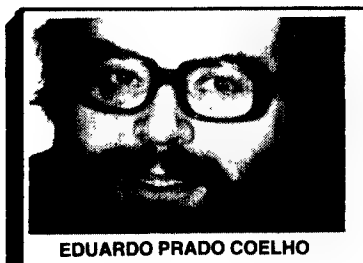
O Governo de coligação que actualmente dirige resulta, em boa parte, do êxito da sua moção de estratégia do IV Congresso do PS. Saído vencedor, por franca maioria, do IV Congresso, conduziu os socialistas à posição política que lhes deu a maioria relativa nas últimas Legislativas, permitindo a Soares preconizar abertamente, como resultante do «score» obtido, a aliança governativa com os sociais-democratas, parte dos quais teriam preferido passar a jogar abertamente na Oposição. ■

O que pensam dele

J. C. VASCONCELOS

É o candidato natural, e legítimo, da maioria do PS — o que não quer dizer exactamente que seja o candidato da maioria dos que ao longo dos anos têm votado no PS, em alguns casos apenas como mal menor... Embora repetidamente o tenha negado, a impressão é de que a outra coisa não aspira, pelo menos desde que em 1980 fez quase tudo para Eanes não se recandidatar e depois lhe retirou o seu apoio.

Neste momento, Soares ainda seria, talvez, o candidato com mais possibilidades de ganhar, se conseguisse ir à 2.ª volta. Porém, as sondagens (sobretudo o barómetro que «O Jornal» publica mensalmente sobre esta e outras matérias) mostram que tal não aconteceria. E se a actual evolução da situação portuguesa se mantiver — desemprego, salários por pagar, degradação do nível de vida, etc. —, ser-lhe-á talvez muito difícil ser eleito, a menos que logo à 1.ª volta tenha o apoio do PSD, ou que não haja um candidato independente «forte» da área impropriamente designada de «eanista». E não tenho como provável, se não possível, qualquer uma destas hipóteses.



EDUARDO PRADO COELHO

Por diversos motivos, possui todas as condições para ser o candidato civil ideal para a Presidência da República. Está (incontestavelmente) à frente de um partido maioritário, e cultiva no seu estilo de actuação o gesto consensual e a bonomia paternalista que se podem atribuir à versão não austera da função. Contudo, esta evidência vem-se toldando nos últimos tempos: porque a crise não diminui, mas aumenta sem termo definido, e cria na sociedade portuguesa factores de angústia que se não compadecem com certas imagens amáveis como a de Mário Soares, e insinuam a necessidade de outras terapêuticas; porque Mário Soares não pode deixar de ver a sua imagem desgastar-se com os efeitos desta crise aparentemente sem saída. Contudo, Mário Soares pode ainda operar certas viragens, abrir algumas brechas neste persistente nevoeiro, e conseguir, uma vez mais, recuperar do próprio abatimento em que parece ter caído.

M. REBELO DE SOUSA

Mário Soares — É candidato há meses e tem comutado a pré-campanha com o cargo de Primeiro-Ministro, não pode perder votos socialistas e necessita de continuar a subalternizar o PSD; com a vantagem de ser Governo e de contar com algum beneplácito norte-americano (até onde?); com a desvantagem de o Governo estar a governar como se tem visto; não sendo militante do PSD não é um nome que se ajuste à escolha desejável para Braga.

H. CIDADE MOURA

Pessoalmente, gostaria que o nome de Mário Soares surgisse naturalmente como líder dum grande partido socialista numa sociedade que se confirma, na revisão da sua lei fundamental, como *em transição para o socialismo.* Infelizmente assim não acontece. Mário Soares esquece que houve em Portugal uma revolução que é necessário historicamente respeitar; visa uma velha Europa Capitalista, de nível elevado de desenvolvimento e mergulhada em grave crise económica, social e cultural; procura ignorar, em nome daquilo a que por antinomia chama *atitude patriótica,* as potencialidades dum povo que 50 anos de fascismo espezinhou e ao qual uma revolução redentora concedeu um lugar de privilégio na busca urgente dos caminhos do futuro. A ligação sistemática de Mário Soares com partidos, respeitáveis numa estrutura democrática sólida, mas incapazes de por si gerarem ou consolidarem essa estrutura, cobriu Mário Soares, de momento, dum nevoeiro de descrença nos ideais democráticos.

MARIA BELO

Candidatura que já lá está sem estar e sem ter precisado de abrir o jogo. Pode assim escolher as suas regras. Em 74 declarou que vinha, e que aceitava ser ministro, não como grande personalidade antifascista, mas como secretário-geral do PS: foi um empurrão decisivo para a institucionalização dos partidos e transformação do PS no maior deles. Se jogar agora o mesmo trunfo, jogará a positivos face aos outros. Mas tem de ter até lá um partido forte e consistente. Se se iludir com as legitimidades herdadas do Prec e que acumulou indiscriminadamente (da descolonização à actual política económica, passando pela Fonte Luminosa e pelo aborto), terá de jogar a negativos, situação nada invejável.

Pintasilgo

MARIA DE LOURDES PINTASILGO terá 55 anos em 18 de Janeiro de 1985 e o seu nome reapareceu há semanas nas primeiras páginas da Imprensa quando as primeiras sondagens sobre eventuais candidatos às eleições presidenciais de 1985 a apresentaram como personagem melhor colocado, imediatamente a seguir a Mário Soares, numa corrida à chefia do Estado que decorresse actualmente. A antiga primeira-ministra de um governo de iniciativa presidencial, requisitada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em Outubro de 1981 pela Presidência da República e que desde então se tem mantido como consultora de Ramalho Eanes, não divulgou nunca ser sua intenção candidatar-se a Belém e recentemente, em entrevista ao «Diário de Lisboa», declarava ser cedo para falar de eleições para a Presidência da República. A promoção da sua imagem como eventual candidata foi feita sobretudo pelos jornais «Expresso» e «Semanário», em coincidência com um período — que atravessamos ainda — em que diversos partidos, organizações ou personalidades de esquerda manifestam o desejo de ver rapidamente definido o perfil de um candidato alternativo a Mário Soares. Após uma difícil «travessia do deserto» iniciada com o termo do seu mandato como chefe de Governo — a que não foi estranha uma activa hostilidade da direita no seu conjunto, à qual se associou a hostilidade do sector soarista do PS — Maria de Lourdes Pintasilgo reapareceu como personalidade política interveniente em Março de 1983, sucessivamente apresentando em conferência de Imprensa o documento dos 199 «Para o Approfundamento da Democracia», que deu à luz o MAD, intervindo na cerimónia de abertura da Conferência Internacional de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente e sendo oradora principal, em Genebra, das comemorações do Dia Mundial da Mulher promovidas pela ONU.

Geralmente descrita, no calão político nacional, como próxima de Eanes — classificação que a escolha como primeiro-ministro e as suas actuais funções legitimam — não está garantido, no momento presente, que o actual Presidente viesse a escolhê-la como sua «herdeira» política, fazendo-a beneficiar de uma «indicação de voto» que a muitos parece indispensável para que Pintasilgo viesse a alargar para a direita o espectro do seu eleitorado. Eanes não dará provavelmente a conhecer, no futuro próximo, a sua preferência por qualquer candidato, o que pode prejudicar as condições de lançamento de uma candidatura Pintasilgo, e parece até poder ser sensível a fortes motivações militares — ou a outro civil.

Ao mesmo tempo, as potencialidades da antiga primeira-ministra junto de um vasto eleitorado de esquerda parecem poder ser prejudicadas desde que o PCP (entrevista de Octávio Pato ao «DN», de Domingues Abrantes a «O Jornal» e declarações públicas de Álvaro Cunhal na semana passada) tornou mais claro que ela não é, à partida, o seu candidato. A impossibilidade funcional de basear a candidatura a Belém exclusivamente no espectro político do MAD ou de parte da esquerda não-alinhada, e o eventual arrastamento das «hesitações» da esfera de Belém e das organizações de esquerda representadas no Parlamento não jogam, também à partida, favoravelmente a uma eventual «alternativa Pintasilgo».

A engenheira química Maria de Lourdes Pintasilgo foi procuradora à Câmara Corporativa entre 1969 e 1974, membro da delegação portuguesa à AG da ONU em 1971 e 1972 e, antes de ter sido escolhida como formadora de Governo por Ramalho Eanes foi, já depois do 25 de Abril, secretária de Estado da Segurança Social (1974), ministra dos Assuntos Sociais (1974/75) e embaixatriz de Portugal junto da UNESCO (a partir de 1975).

Católica, especialmente ligada ao GRAAL (Movimento Internacional das Mulheres Cristãs), de que foi vice-presidente entre 1965 e 1969, e no quadro do qual tinha coordenado, a nível internacional, projectos de «Educação para o Desenvolvimento», Maria de Lourdes Pintasilgo iniciou a sua carreira como investigadora na Junta de Energia Nuclear, em 1953, entrando depois para o Departamento de Estudos da CUF (1954) e tendo, até 1957, estagiado em Geneve, Frankfurt e Columbus, no Ohio. Depois do 25 de Abril, foi também membro do Conselho de Imprensa (1975) e do Conselho Executivo da UNESCO (desde 1976) e participou, como perita ou consultora, em numerosas iniciativas de agências da ONU e de outras organizações internacionais. Parte do seu vocabulário político específico testemunha, aliás, a sua ligação às temáticas dominantes nestas organizações: Nova ordem económica internacional necessidade de revisão das relações Norte-Sul, questões de projecto societário tratadas numa óptica de prospectiva política e social, preferência pelas questões macroeconómicas e macrossociológicas rebatidas num plano de modelo de sociedade, etc. ■

O que pensam dela

J. C. VASCONCELOS

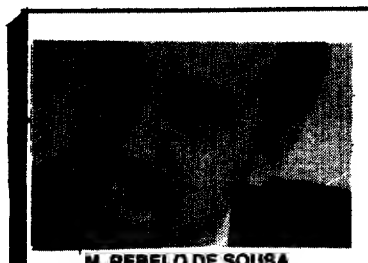
A manterem-se (e tudo indica que sim) as tendências indicadas pelas sondagens, será, por sua vez, a candidata natural dos que defendem a necessidade de uma candidatura independente e de um novo projecto político. Projecto que não se identifica com qualquer dos partidos existentes, ou pelo menos com a sua prática. Será a candidata, por outras palavras, do espaço (impropriamente chamado, repito) «eanista». E que o Presidente da República venha ou não a tomar posição quanto às presidenciais e a apoie, ou não, expressamente, não é fundamental...

Pintasilgo seria hoje, se houvesse eleições, a mais votada na 1.ª volta, embora na 2.ª dificilmente ganhasse (ainda?) a Soares ou Mota Amaral. Ela — e/ou aqueles que a podem apoiar — têm de vencer este desafio: demonstrar que o seu ***discurso,*** o mais (se não o único) moderno e inovador, tem virtualidades ***concretas*** para ser passado à ***prática***... Por outro lado, Pintasilgo tem de conquistar espaço ao centro, minimizando a imagem quase «esquerdizante» que os sectores mais retrógrados da sociedade portuguesa conseguiram «espalhar» em alguns estratos.

Enfim, Pintasilgo será o candidato desta área que mais ***desagradaria*** ao PCP — por razões evidentes que não vêm para o caso explanar. Mas o PC não terá outro remédio senão apoiá-la...

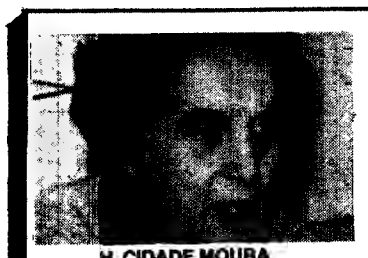
EDUARDO PRADO COELHO

Evidentes qualidades: a inteligência, o discurso contagiante, o entusiasmo galvanizador, a competência técnica. E, como é óbvio, a distância em que se mantém o sistema dos partidos existentes e a proximidade não comprometida com Belém. Contudo, tais vantagens têm um reverso: Pintasilgo surge demasiado ligada à imagem de um período de instabilidade recente, que todos, ou quase, dificilmente quereriam ver implantar-se de novo entre nós, até pela consciência que têm de que o País lhe não poderia sobreviver. Donde, a estratégia Pintasilgo só é viável se conseguir articular estas duas exigências algo contraditórias: manter uma tónica de entusiasmo, capaz de suscitar a esperança num país dominado pela descrença, sem que esse entusiasmo se confunda com o revolucionarismo, a desordem, ou a utopia estéril.



M. REBELO DE SOUSA

Era só uma hipótese, mas pode converter-se num candidato; precisa da abertura do PCP, do apoio da minoria do PS e da complacência do general Eanes; pode pagar com o populismo e a saturação dos «políticos» mas defrontará talvez a barreira de ser mulher numa sociedade onde a desigualdade ainda desfavorece as mulheres; não sendo militante do PSD não é um nome que se ajuste à escolha desejável para Braga.



H. CIDADE MOURA

Maria de Lurdes Pintasilgo representa para mim a expressão cultural e política duma democracia participada. Receio contudo que o seu avanço ideológico em relação ao nível de consciência da nossa sociedade pese negativamente num acto eleitoral.

O Povo português é sensível à sua imagem e à sua mensagem, será que essa sensibilidade até agora expressa no campo desiderativo — as sondagens — vai ter contrapartida no real?

MARIA BELO

Mota Amaral (1) marca também esta candidatável. Hoje com um apoio popular invejável «a priori», estava em 74 no campo daquele: a modificação por dentro. Construiu depois disso uma imagem política buliçosa mas forte. Como, representando o quê e quem, se apresentará? Em seu próprio nome, da sua força e empenhamento? Seria o mais saudável. Colada à «esquerda festiva»? dar-lhe-ía boas hipóteses na primeira volta mas menos estatura face a candidaturas mais coerentes. 3 obstáculos a ultrapassar: 1. estruturar o seu discurso em volta de que prática? 2. Como conciliar um empenhamento coerente na dinamização basista, com a aspiração a 1.ª responsável do País? 3. A sua grande qualidade — ser mulher declaradamente.

(1) ver nota de Maria Belo sobre Mota Amaral.

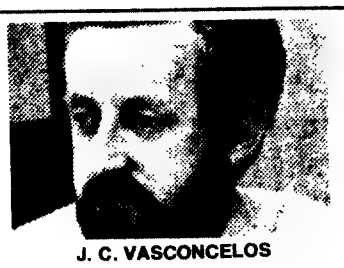
Freitas

Diogo Pinto Freitas do Amaral terá 44 anos em 1985 e afastou-se da vida política pública ao demitir-se, na segunda metade de Fevereiro de 1983, de vice-Primeiro-Ministro e ministro da Defesa do oitavo Governo constitucional, presidido por Pinto Balsemão. Desde essa decisão — que para muitos apressou a queda do Governo e o fim da «AD» criada por Sá Carneiro — é-lhe atribuída a intenção de se candidatar, em 1985, à Presidência da República, embora, à semelhança de Mário Soares e de Lourdes Pintasilgo, ainda não a tenha oficialmente anunciado. Presidente do CDS, de que foi fundador em Julho de 1974, desde Março de 1981, Freitas do Amaral abandonou igualmente todos os cargos de responsabilidade no partido centrista, provocando, também no seu seio, uma crise de sucessão que viria a resolver-se com a urgência do jovem «ultraliberal», Lucas Pires, paradoxalmente tido, até então, como «eanista». Formalmente, o prof. Freitas do Amaral, doutorado em Direito desde 1967 com a classificação de 18 valores, declarou-se «pessoalmente impedido» de continuar a exercer as suas diversas funções políticas porque preparava a sua agregação — que veio, de facto, a obter a 7 de Julho de 1983, em Ciências Políticas, na Faculdade de Direito de Lisboa. Mas para além disso, e apesar do silêncio público a que se remeteu a partir da sua contundente renúncia, ele esperava decerto poder vir a polarizar o descontentamento então reinante na área da «AD» moribunda, retirando o seu apoio a um poder, por um lado, e a lutas internas de partido, por outro, de onde não poderia sair ganhador.

Hoje, numerosos quadros do PSD — nomeadamente na área aqueles de quem foi colega de Governo até se demitir — permanecem convictos de que a sua intenção de se candidatar se mantém inalterada. No partido cuja presidência abandonou, as opiniões partilham-se entre a corrente próxima da actual liderança — que não desejaria vê-lo ressurgir com «personalidade nacional» e os outros, descrentes da possibilidade de Lucas Pires conseguir liderar os diferentes caminhos da direita portuguesa e da sua aparente preferência por um candidato militar a Belém. A «renúncia» de Freitas do Amaral tem inevitavelmente o sabor contraditório de um «abandono de funções em momento crítico», por um lado, com todo o seu peso negativo de sinal de incapacidade para assumir, «au finish», as suas responsabilidades.e de uma atitude «digna e inteligente», por outro, tomada por um homem que não quis associar-se às consequências, imparáveis, de bancarrota de um projecto em que apostara: o projecto Um presidente — Uma maioria-Um Governo, representado por Soares Carneiro. A provável candidatura Freitas do Amaral significaria não a promessa do «regresso da AD», fórmula que a própria prática governativa e o «bloco central» liquidaram, mas o regresso daquele projecto de sintonia, envergando, possivelmente, as roupagens de uma candidatura «de salvação nacional» antimarxista. Freitas do Amaral espera decerto saber, a curto prazo, se tem hipóteses de disputar uma segunda volta de presidenciais contra Soares. E, para o saber, precisa também de intervir na dinâmica que se criar, a partir do Congresso de Braga, no seio do PSD. Os seus rivais mais imediatos são, pois, Mota Amaral e Mota Pinto ou um candidato PSD por este indicado. Conseguirá ele impor-se à direita como único candidato crível, garantindo apoios que não estão, de momento, assegurados, ou deverá adiar o seu projecto presidencial, por não ter podido contrariar os efeitos negativos da «renúncia»?

Diogo Freitas do Amaral, Prémio Gulbenkian de Ciências Jurídicas, de Ciências Políticas e Infante D. Henrique, enquanto estudante, que chegou a presidente da Associação da sua Faculdade, foi depois membro da Câmara Corporativa durante três anos, docente na Faculdade de Direito de Lisboa de 1968 a 1974 (e mais tarde, em 1977/78, na Universidade Católica) e é autor de bibliografia variada de temas jurídicos, políticos e económicos. Membro do Conselho de Estado até Março de 1975, deputado à Constituinte e à Assembleia da República, foi nomeado vice-Primeiro-Ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros do VI Governo constitucional em Janeiro de 1980. Em Março de 1981 viria a ser eleito presidente da União Europeia das Democracias Cristãs, esboçando, pela acumulação de cargos no Estado e numa «Internacional», um itinerário rival do de Mário Soares. A crença em que ele viria a ser candidato em 1985 é solidária da descrença em que ele tenha decidido terminar, passados os 40 anos, a sua carreira de «homem público». ■

O que pensam dele



J. C. VASCONCELOS

É, por sua vez, um candidato natural dos sectores mais conservadores ou de direita, a que se atrelarão os de extrema-direita que não sejam completamente estúpidos. Curiosamente, em boa parte desta área, só poderá competir com ele... Mota Pinto, se este, à frente do PSD, vier a romper com o PS e a tentar liderar ele a «nova AD» de que Freitas do Amaral em tempos falou.

Mas Freitas tem (embora alguns talvez preferissem não lho dar...) o apoio do CDS, e desde que se demitiu de vice-primeiro-ministro e, sobretudo, de presidente dos «centristas», tudo indica seja Belém o seu «horizonte político». Não se pode esquecer, porém, que é muito novo e, se vir votada na 1.ª volta, embora na 2.ª dificilmente ganhasse (ainda?) a Soares ou Mota Amaral. Ela — e/ou aqueles que a podem apoiar — têm de vencer este desafio: demonstrar que o seu *discurso*, o mais (se não o único) moderno e inovador, tem virtualidades *concretas* para ser passado à *prática*... Por outro lado, Pintasilgo tem de conquistar espaço ao centro, minimizando a imagem quase «esquerdizante» que os sectores mais retrógrados da sociedade portuguesa conseguiram «espalhar» em alguns estratos.

Enfim, Pintasilgo será o candidato desta área que mais *desagradaria* ao PCP — por razões evidentes que não vêm para o caso explanar. Mas o PC não terá outro remédio senão apoiá-la...

EDUARDO PRADO COELHO

Tendo sabido retirar-se no tempo certo, Freitas do Amaral recolhe hoje as vantagens de não se vincular ao período mais agudo da crise que o País atravessa, e poder regressar com o peso universitário e o peso (inevitável) das meditações que acompanham as travessias do deserto. Tem a extrema desvantagem de congregar em torno de si as forças mais retrógradas e conservadoras do País — parte delas muito pouco sensíveis aos ideais do regime democrático. Na prática, é um Soares Carneiro civil — sem a presença estimulante que, apesar de tudo, constituía Sá Carneiro. Em termos estratégicos, Freitas do Amaral (como se pode ver nas páginas do *Semanário*, que o apoia) tem todo o interesse em avolumar a candidatura Pintasilgo para poder surgir como o factor de ponderação e equilíbrio que de modo algum é.

M. REBELO DE SOUSA

Para já mais uma hipótese do que um candidato; o adiamento ou a inconclusividade do PSD em Braga farão o seu jogo; uma candidatura sua supõe um PSD bloqueado ou dividido; não sendo militante do PSD não é um nome que se ajuste à escolha desejável que o partido deveria fazer em Braga — civil e militante social-democrata.

H. CIDADE MOURA

Quanto ao prof. Freitas do Amaral, a quem os seus pares nunca quiseram desligar do seu estatuto social, negando-lhe uma personalidade colectiva, não tem a meu ver nenhuma hipótese de servir com a sua imagem e muito menos com a sua política, a democracia, o progresso, a melhoria da qualidade de vida que desejamos para o nosso país.

MARIA BELO

Por agora, não sei quem é.

Vai haver um candidato do Partido Social-Democrata? Pretenderá ele disputar igualmente a segunda volta?

Mota Amaral

JOÃO Bosco Mota Amaral, terá 42 anos a 15 de Abril de 1985, e só muito recentemente deixou transparecer com clareza que «aceitaria» ser candidato às presidenciais do ano que vem. Tido como «moderado» no PSD, mesmo quando o seu partido, sob a liderança de Sá Carneiro, escolheu a violência da bipolarização, manteve até hoje boas relações de diálogo com Belém e, sendo pouco dado às áreas que obrigam a uma intensa conflitualidade, conservou a sua (jovem) imagem de intermediário, de moderador. Agora, em Braga, é suposto liderar a oposição mais expressiva a Mota Pinto, mas é pouco provável que saia «vencedor» e «candidato a Belém pelo PSD» já deste próximo Congresso dos sociais-democratas. Se esta hipótese se verificasse, Mota Amaral teria necessidade de mudar consideravelmente de discurso e de atitude política (actualmente ainda muito contemplativa) para poder enfrentar, em nome de um eleitorado fundamentalmente de direita, um candidato como Mário Soares. Embora os seus detractores no seio do PSD insitam em que «o único voto que ele tem garantido é o da castidade». Mota Amaral seria, se sobreviver às lutas internas com os seus pares, um candidato plausível do PSD para uma primeira volta das próximas presidenciais.

Eleito deputado à Assembleia Nacional em 1969, João Bosco foi autor, com Sá Carneiro, do Projecto de Revisão Constitucional apresentado em 1970, pelo grupos «liberais» do regime, no qual se continham algumas reformas democráticas mais tarde alcançadas com o 25 de Abril.

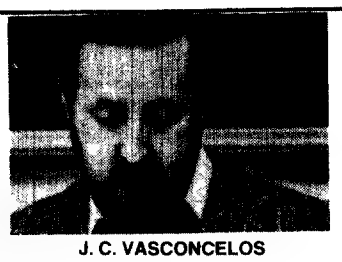
Em 1973 participou nos trabalhos da reunião de Helsínquia da União Interparlamentar e em Maio de 1974, foi um dos fundadores, nos Açores, do então PPD.

O antigo chefe de Redacção da «Termo» (de 1965 a 1969) que exercia advocacia em Lisboa desde 1967, tendo-se especializado em Direitos Administrativo e Fiscal, transferiu o escritório para Ponta Delgada em 1975, ano em que é eleito deputado à Constituinte e passa a liderar a actuação do PPD em prol da autonomia açoriana...e madeirense.

Em 1976 foi eleito deputado à Assembleia da República, mas suspendeu o mandato a seu pedido em Setembro, desse ano, por ter tomado posse como presidente do Governo Regional dos Açores.

É presidente da Comissão Política Regional do PSD no arquipélago e, nessa qualidade, membro da Comissão Política Nacional do Partido, além de membro eleito do Conselho Nacional do PSD. ■

O que pensam dele

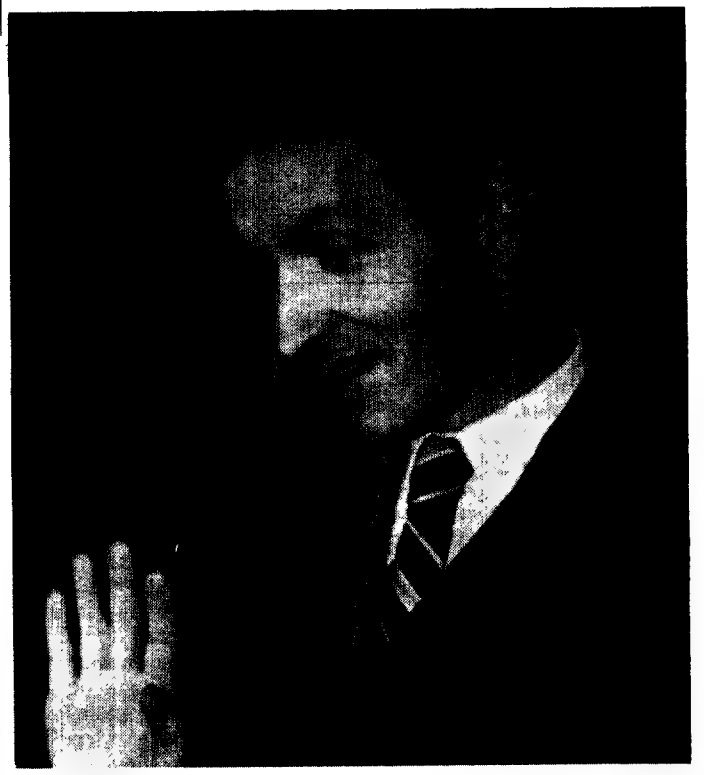


J. C. VASCONCELOS

Seria, por sua vez, o candidato natural do PSD — ou, pelo menos, o melhor candidato que, no seu próprio interesse, o PSD poderia apresentar: o único com algumas possibilidades de vencer. As razões também são claras — e as sondagens também o confirmam. Porém, a luta sem quartel, e as mais das vezes sem qualquer conteúdo ideológico, que se desenvolve entre os vários «barões» desse partido instável e desestabilizador por natureza que é o PSD, pode pôr em causa, ou pelo menos fazer perder muita força, a candidatura do líder açoriano — com o que ganharia Soares e/ou Pintasilgo.

MARIA BELO

«Liberal» do caetanismo na Assembleia Nacional, é agora apoiado por um «liberal» do governo caetanista e pelo dono e então director do «Expresso». Discretos durante o Prec, ressurgem agora como uma das vocações naturais de poder no País. Tendo lutado por dentro, nos anos setenta, contra o regime da ditadura, apresentam-se ao combate democrático. Ao fazê-lo assim, clarificam de facto e situam — com vantagem sobre outros por serem os primeiros — o conjunto da corrida para Belém. Por tudo isto, o tipo de candidatura de MA tem grande consistência. Mesmo que não ganhe em Braga, será a mais consistente no PSD... se conseguir serenar os ultramontanos.



Mota Pinto

CARLOS Alberto da Mota Pinto, terá 49 anos, a 25 de Julho de 1985, e como Maria de Lourdes Pintasilgo, foi primeiro-ministro de um Governo de iniciativa presidencial (o IV Governo Constitucional, em 1978 e 1979). É o menos plausível dos dois virtuais candidatos do PSD às presidenciais de 1985, admitindo-se até que apenas tenha deixado entender a possibilidade de vir a «correr, ele também, para Belém», por irritação devido aos progressos da hipóese Mota Amaral, ou como jogada (entre outras) com vista ao robustecimento da sua posição no Congresso de Braga. Defensor (até à data) da manutenção da coligação com o PS, é nessa qualidade — e na de vice-Primeiro-Ministro excessivamente «apagado» por Mário Soares, como dizem os seus opositores no PSD — que poderá sair moderadamente vencedor do Congresso. O candidato de Mota Pinto às presidenciais de 1985 poderia, sim, vir a ser um militar, mas é muito duvidoso que um homem como Firmino Miguel, nome mais citado para este cenário, viesse a aceitar ser um «opositor-de-Soares-para-primeira-volta». Em todo o caso, Mota Pinto conta-se entre os políticos a quem não desagradaria o lançamento de uma candidatura militar, e nesta medida é mais um «propositor de candidaturas de primeira volta» do que um potencial candidato.

Apenas uma estrondosa vitória pessoal em Braga, e uma mudança radical de estratégia do PSD, visando a ruptura da coligação e um poder alternativo ao de Soares — personificado por Mota Pinto — poderiam guindá-lo à posição de candidato verosímil (o que significaria, igualmente, o esmagamento do projecto de Freitas do Amaral). Este cenário, porém, é muito pouco crível hoje.

Participante do grupo inicial constitutivo do PSD, de onde viria a sair com o Congresso de Aveiro, na sequência de conflitos de poder com Sá Carneiro, deputado à Constituinte, membro da Comissão Constitucional, ministro do Comércio em 1977 e 1978, Mota Pinto é igualmente — há quem diga que sobretudo — um universitário, tendo chegado a desempenhar funções de vice-reitor em Coimbra, entre Maio de 1974 e Janeiro de 1975. É autor de bibliografia especializada em Direito, e a sua monografia «Cessão da Posição Contratual», tema da sua dissertação em 1970 (distinção com 18 valores) é indicada, na conhecida obra do prof. Carbonnier «Droit Civil, Les Obligations», como principal consulta a fazer sobre o tema da «Cession de Contrat».

Muitos atribuem-lhe um persistente desejo inexpresso de regressar à sua cátedra coimbrã. ■

O que pensam dele

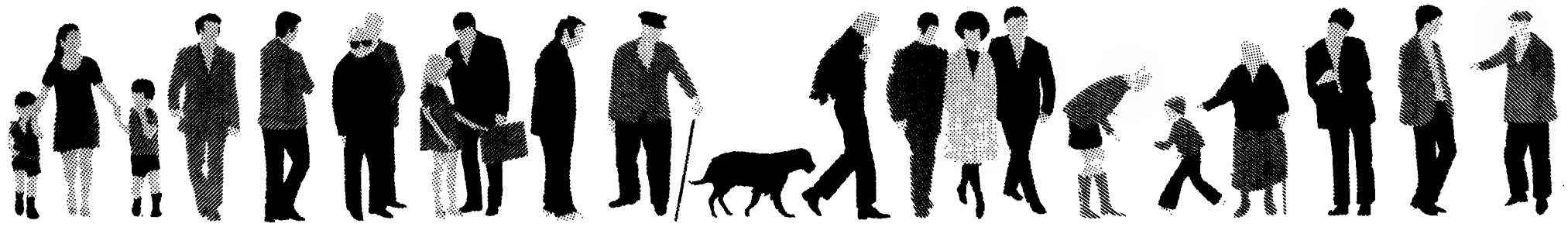
J. C. VASCONCELOS

Não se me afigura que tenha quaisquer hipóteses, a não ser que se verifique a factualidade a que me referi antes — e que de certo modo configuraria a liderança por Mota Pinto de toda a direita portuguesa. Mesmo assim, como as sondagens igualmente mostram, a nota positiva de Mota Pinto junto da opinião pública é das mais baixas, e a negativa é a maior, logo depois de Álvaro Cunhal.

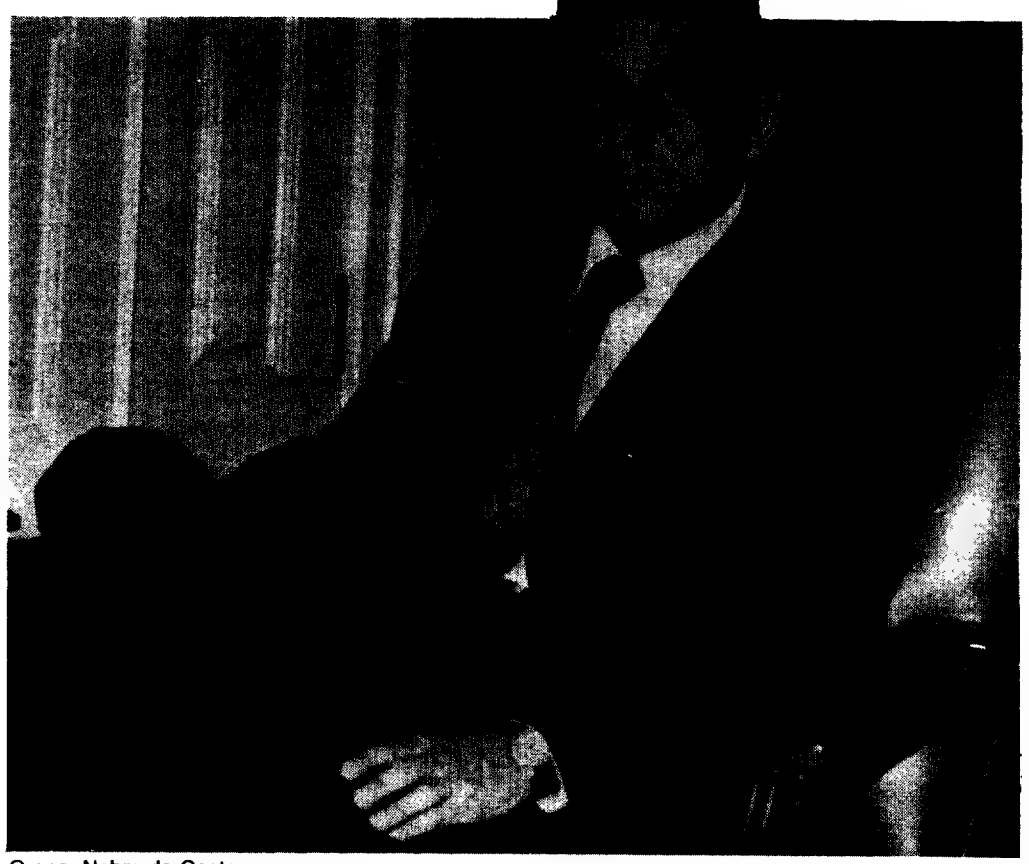
Seja como for, com este PSD é quase tudo possível... Mas uma coisa se me afigura quase certa: se Mota Pinto quiser ser, ou for, candidato, esse será muito provavelmente o fim da actual coligação... Por tudo isto, mas não só, tenho acentuado que o candidato preferido de Mota Pinto poderia ser... Soares; e, se não ele, uma figura «fraca» do PSD ou um militar: Lemos Ferreira (se aceitasse) ou Firmino Miguel (idem).

MARIA BELO

O tipo de candidaturas de MA prejudica, como é evidente, a candidatura de Mota Pinto. Quem era ele em 74? Onde se situou durante o Prec? Em nome de que interesses e de quem se apresentaria? Onde está e qual é o seu perfil político? A clareza da candidatura do seu camarada de partido, faz sobressair a falta de credibilidade e de fundamentos para que se apresente candidato.



Sete Ponto Sete
ESPECIAL PRESIDENCIAIS 1985



O eng. Nobre da Costa

As incógnitas de Belém

À medida que se vai desenhando o tabuleiro em que será jogada a próxima eleição presidencial, aumenta gradualmente a expectativa em torno da questão de saber se o actual Presidente da República, general Ramalho Eanes, diligenciará no sentido de promover um candidato, por um lado, e acabará, por outro, já em plena campanha e à boca de uma eventual segunda volta, por fornecer uma clara indicação de voto — então enquanto *cidadão,* mas um cidadão com o peso de dois mandatos presidenciais atrás de si e um eventual regresso a Belém à sua frente.

Parece legítimo pensar, à distância a que nos encontramos das presidenciais de finais do próximo ano, que, a ser positiva a resposta à primeira pergunta (pelo menos), o general Ramalho Eanes tenha tendência a promover, como candidato, alguém a quem, na sua qualidade de Presidente, tenha já designado para importantes tarefas de Estado — como primeiro-ministro, por exemplo, embora esta função não esgote a figura «importante tarefa de Estado».

Como se sabe, o Presidente Ramalho Eanes designou, por sua iniciativa, ao longo dos últimos anos, três primeiros-ministros: o professor Mota Pinto, o eng. Nobre da Costa e a eng.ª Pintasilgo. E designou também, como governador de Macau, o então comandante e hoje contra-almirante Almeida e Costa.

Mas é provável que, a apoiar um candidato, o general Ramalho Eanes prefira alguém que se tenha mantido «longe dos partidos», embora não demasiado longe, para poder conquistar eleitores partidários diversos. Esta condição exclui o professor Mota Pinto e só parece portanto valer a pena reflectir sobre os três restantes.

A eng.ª Pintasilgo tem sem dúvida a seu favor um carisma amplamente reconhecido na boa imagem que manteve junto da opinião pública, o facto de diversas sondagens de opinião a terem trazido para a ordem do dia e um discurso aberto ao futuro — um discurso de esperança numa redenção nacional sem nacionalismos, a que não são alheios um pendor populista e um pendor profético de grande eficácia comunicativa. Por esta razão ela é — contra o princípio de realidade que nos obriga a reler atentamente as limitações do poder presidencial fruto da última revisão da Constituição — o mais «sebastianista» de todos os pré-candidatos, só comparável, neste campo (mas num registo político contrário) a Freitas do Amaral.

A eng.ª Pintasilgo apresenta, porém, a dificuldade aparente de se ter ligado a uma forma organizada de intervenção política que, do ponto de vista do general Ramalho Eanes, pode tornar muito difícil a realização da extensão transpartidária que ele sem dúvida desejaria para um «seu» candidato.

Quanto ao contra-almirante Almeida e Costa, para além de apresentar as vantagens e desvantagens específicas de um pré-candidato *militar* e de ser (comprovadamente, tanto quanto é possível conhecer as primeiras reacções à sua pré-candidatura voluntarista) pouco provável que venha a adquirir o apoio transpartidário suficiente a um candidato «eanista», mostra talvez uma apetência pelo poder que o tornaria, porventura, sôfrego de um segundo mandato caso se viesse a realizar o sonho de ganhar a eleição de 1985 contra Soares.

Ora, afastado de Belém pelo calendário legal e não por razões de ordem política, o Presidente Eanes pode vir a ser o mais sério candidato à Presidência a seguir ao próximo quadriénio. Nada indica que deseje retirar-se para uma qualquer «Colombey-Deux-Églises» portuguesa, e é sem dúvida demasiado jovem para que a sua tarefa fundamental, após oito anos em Bélem, seja a redacção de memórias políticas.

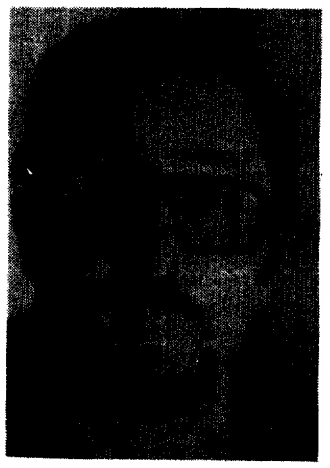
É portanto natural que se olhe com atenção para o eng.º Nobre da Costa, convidado especial de Ramalho Eanes na viagem que o Presidente acaba de realizar a São Tomé, Zaire e Congo, e cuja imagem pública cresceu sem dúvida, aos olhos de uma opinião cansada dos políticos profissionais, no dia em que, designado formador de Governo, foi à Televisão dizer que é sobretudo «um técnico». Um «técnico» que não parece ávido de poder mas que poderia aceitar, durante quatro anos, uma «missão presidencial» como aceitou uma chefia de Governo. Não filiado em qualquer dos partidos do bloco central mas tendo produzido, na Assembleia, uma célebre «demolição» do CDS, civil e civilista mas respeitador dos pergaminhos (e das tensões) militares, capaz de se fazer aceitar pelas zonas do eleitorado PS e PSD que prefeririam um presidente claramente independente de qualquer obediência ou simpatia partidária (no sentido de «não dever prestar contas senão ao povo português»), Nobre da Costa parece reunir igualmente condições para ser bem aceite pelos «empresários», zona politicamente difusa a que Ramalho Eanes não quererá deixar de prestar uma atenção particular. ■

Outros mais

Lemos Ferreira e Firmino Miguel

Entre várias hipóteses de candidaturas militares claramente definidas fora da área dos chamados «eanistas» e eventualmente lançadas a partir do PSD (e que, a não se verificar uma candidatura Freitas do Amaral, poderiam recolher o apoio de boa parte do CDS) avultam os nomes de Firmino Miguel e de Lemos Ferreira. O primeiro é um militar com experiência governativa e que, desde o 25 de Abril, desempenhou diversas funções na área do Estado. Quanto ao recém-empossado CEMGFA, a possibilidade — mais remota, pelo menos á luz das condições actuais — da sua candidatura prende-se com um projecto mais «agressivo», que visaria a derrota de Soares. A viabilização de qualquer das duas prende-se com a sequência dos acontecimentos no PSD pós-Congresso e com a admissível falência do projecto Freitas do Amaral. Além, evidentemente, do interesse pessoal de ambos os militares.

Almeida e Costa



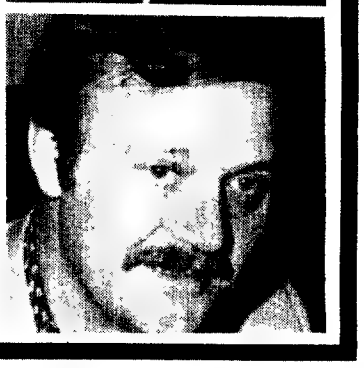
Prematuramente sugerido por alguns comentadores como estando muito bem colocado para contar com o apoio do general Ramalho Eanes, o esboço de candidatura do governador de Macau, contra-almirante Almeida e Costa, segue o seu percurso por sua conta e risco, beneficiando, embora de forma «pobre», com o silêncio (natural) de Belém a seu respeito. Dada a velocidade de cruzeiro que já adquiriu, é previsível que continue a manifestar-se por algum tempo mais apenas como «esboço de uma candidatura», na expectativa de que uma futura clarificação de apoios e de rejeições lhe permita assumir um perfil mais posicionado. Praticamente inédito entre nós devido ao seu voluntarismo, aos meios que emprega e à sua cautelosa ausência de definição perante as diferentes forças e mentalidades políticas nacionais, o «esboço de candidatura» de Almeida e Costa virá, ainda, por certo, a dar que falar.

Outros menos

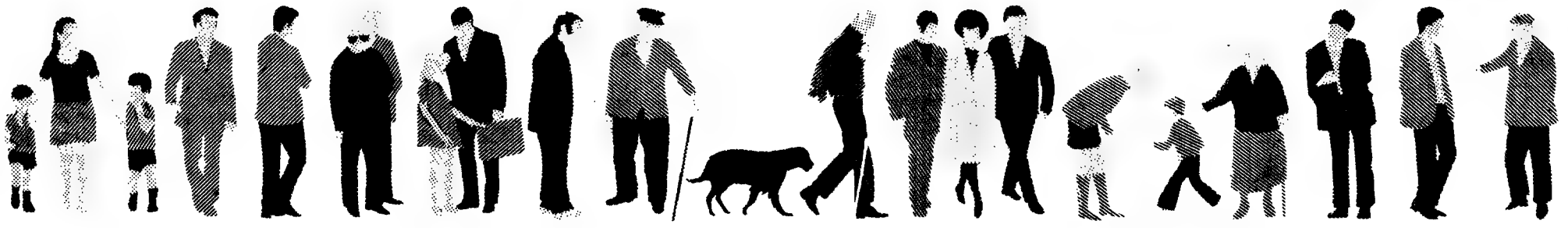
Otelo

A candidatura Otelo começa a esboçar-se e é já dada como praticamente certa em círculos próximos do antigo comandante do Copcon, que em 1976 conseguiu chamar a si os votos de um eleitorado sensível a um apelo simultaneamente «populista» e «abrilista» (incluindo grande parte do eleitorado do PCP de então), vindo em 1980 a quase desaparecer do mapa. A mecânica do «voto útil» suprimiu não só Otelo em 1980, mas também as pequenas organizações em geral, (vejam-se os resultados das últimas legislativas). A OUT voltaria, assim, à cena, com Otelo, para aproveitar o tempo de antena da primeira volta da eleição.

Tomé



Também é crível que a UDP, agora afastada da Assembleia da República, vise os tempos de antena e a protecção especial garantida pela legislação em vigor aos pequenos partidos, no quadro da cobertura jornalística de campanhas eleitorais, e avance com uma candidatura Tomé para a primeira volta. Para a UDP, tratar-se-ia de aproveitar as facilidades de acesso aos **media** com vista à divulgação da sua actividade e projecto político, mas também de se distanciar claramente da proposta Otelo e da OUT. Resta saber se Tomé aconselharia o voto em Pintasilgo, se esta concorresse e passasse à segunda volta.



Soares chega a parecer o líder do PSD

MARCELO REBELO DE SOUSA

Pedem-me curtos comentários a eventuais candidaturas a serem apresentadas às eleições presidenciais de 1985. Como tive ocasião de comunicar no momento em que me foi colocada a questão, não me pronuncio publicamente sobre o conteúdo de candidaturas de militantes do Partido Social Democrata antes do próximo Congresso do partido, a realizar dentro de dias em Braga.

Direi, pois, apenas breves palavras sobre três outras eventuais candidaturas que foram sujeitas pelo «Sete Ponto Sete» à minha apreciação: por ordem alfabética, a do prof. Diogo Freitas do Amaral, a da eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo e a do dr. Mário Soares.

dade, a sua consistência objectiva, o meu juízo político pessoal sobre elas. Os dois primeiros planos respeitam a uma perspectiva de analista político, o terceiro à visão de uma política empenhado na cena nacional.

Probabilidade: 1) A candidatura do prof. Freitas do Amaral de momento só é moderadamente provável e apenas se converterá em muito provável se o XI Congresso do PSD for inconclusivo ou adiar uma resolução neste domínio; 2) A candidatura da eng.ª Pintasilgo, de momento moderadamente provável, depende de três factores, além da vontade da própria — a disponibilidade do PCP para a secundar, a reacção do chamado «ex-Secretariado» do PS para a acolher, a aceitação do general Ramalho Eanes em conferir-lhe algum patrocínio; 3) A candidatura do dr. Soares é, das três, aquela que já é hoje muito provável, como tem sido público e notório nos últimos meses, em que o Primeiro-Ministro tem cumulado o seu cargo oficial com o arranque da sua pré-campanha eleitoral.

Consistência objectiva: 1) A candidatura do prof. Freitas do Amaral só poderá ter alguma consistência objectiva se não se limitar a ser uma iniciativa partidária do CDS e polarizar sectores independentes e sobretudo do PSD, ou seja, se a questão das eleições presidenciais (ou outra) bloquear ou dividir o PSD, nomeadamente por adiamento ou inconclusividade; 2) A candidatura da eng.ª Pintasilgo precisa dos três factores acima enunciados para assegurar a sua consistência, mas possui à partida condições políticas fortes de apelo populista e de denúncia dos vícios da chamada classe dirigente; uma incógnita curiosa (será o seu grande senão?) é a respeitante à possibilidade de acesso à chefia do Estado por parte de uma mulher, numa sociedade ainda tão marcadamente discriminatória para com as mulheres; 3) A candidatura do dr. Soares contará possivelmente com a vantagem do uso do Governo e do apoio tutelar norte-americano, mas precisará de não perder votos no eleitorado socialista e de subalternizar o papel do PSD nas presidenciais.

Distinguirei três planos de abordagem — a sua probabilidade — e o terceiro, que chega a dar a sensação de actuar por vezes como líder efectivo do PSD). Nenhum deles corresponde pois ao que considero ser desejável para o PSD já em Braga — a escolha de um candidato próprio civil e militante do partido.

Posição pessoal: Nenhum dos três eventuais candidatos é militante do PSD, apesar da sofreguidão com que poderão encarar o respectivo eleitorado (sobretudo o primeiro — na linha da AD — e o terceiro, que chega a dar a sensação de actuar por vezes como líder efectivo do PSD). Nenhum deles corresponde pois ao que considero ser desejável para o PSD já em Braga — a escolha de um candidato próprio civil e militante do partido.

Nota final: Não fui questionado acerca de eventuais candidaturas militares. Crença de que se trata de questão ultrapassada? Seria óptimo para a democracia portuguesa. Temor de agitar nomes só por respeitarem ao universo militar? Seria mau sinal. Não há democracias vigiadas e uma forma de vigilância é o temor reverencial com que se encaram eventuais realidades políticas importantes da vida nacional. ■

É preciso encontrar um candidato que ganhe a eleição contra Soares

ANTÓNIO ABREU

Membro do Comité Central do PCP

Os comunistas têm defendido que as eleições presidenciais de 85 serão um acontecimento muito importante, talvez mesmo decisivo, para a defesa do regime democrático.

Existe entre a situação actual e a de 1980 um certo paralelo. Então o candidato fascista vir a ser Presidente da República era um elemento decisivo da estratégia da direita para a conquista do conjunto do poder político, com vista a um aprofundamento mais seguro da recuperação capitalista e a liquidação das liberdades.

Os democratas uniram-se então e derrotaram esse projecto. Desta vez quem aparece a liderar a direita e se quer assumir como seu candidato é Mário Soares. E o objectivo da direita mantém-se o mesmo. Logo a questão que se volta a colocar para as forças democráticas é entenderem-se quanto a um candidato que ganhe as eleições, repetindo de certa maneira o quadro de 80 em torno de uma candidatura que assuma claramente o compromisso de defender o regime democrático saído da Revolução de Abril.

E o que fica dito em relação a Mário Soares aplica-se também a Mota Amaral e outros personagens da direita que algum órgãos de Comunicação Social têm vindo a promover.

Os votos que elegeram Eanes em 80 foram os do eleitorado do PCP, do PS (contra a opinião de Soares) e de parte do eleitorado dos partidos da direita contrário ao projecto que claramente então se configurava de instauração de uma nova ditadura.

Este eleitorado mantém-se e estará mais largo, e a questão que se coloca aos democratas é entenderem-se quanto ao candidato que reúna esse apoio eleitoral não apenas para ter um bom resultado, não para chegar à 2.ª volta, mas **para ganhar a eleição.**

Que Mário Soares e toda a direita procurem que no campo da democracia um tal candidato não surja é compreensível e fará parte dos seus objectivos. Mas já não é compreensível, e muito menos aceitável, que no campo democrático se alimentem ilusões que facilitem esse objectivo.

Candidatos que sejam lançados sem consulta aos sectores democráticos e que não recolham apoio eleitoral de sectores significativos da sociedade portuguesa que permita uma vitória eleitoral merecem naturalmente reservas.

Como se compreenderá, não se tratam de considerações pessoais e políticas sobre essas personalidades, que, obviamente, se respeitam, mas tão-só de saber avaliar se podem ou não ganhar a eleição.

A questão das presidenciais não está desligada do esforço que o conjunto dos democratas devem fazer para encontrar uma alternativa para a situação que a direcção do PS e os partidos da direita criaram e que nos põe à beira de um abismo.

A viragem política é tanto mais necessária quanto o Governo e o CDS (aparentemente na oposição) passaram a uma fase superior e desesperada da sua ofensiva em jeito de quem procura queimar os últimos cartuchos por prever a proximidade da derrota.

É a espoliação forçada das empresas públicas em benefício do grande capital. São as grandes operações financeiras fraudulentas em benefício dos candidatos a banqueiros. São as condições de vida, inaceitáveis, a fome e a perspectiva de novos aumentos em bens essenciais que os portugueses não vão aceitar. São as camadas intermédias que vêem posta em causa a sua própria sobrevivência. É a violência contra os trabalhadores em termos idênticos aos do fascismo. É a mordaça que se prepara para acabar com a liberdade da informação. São as mentiras e as promessas não cumpridas.

Mas é também o tempo de todos se empenharem numa alternativa. «Basta!» ouvimos em toda a parte. Pois que se passe à definição de posições e a uma intervenção activa de todos os democratas na acção.

A **mudança do quadro partidário** é urgente e uma outra necessidade para uma solução institucional. O espaço social e politicamente disponível alarga-se. Mas também aqui há que não ter ilusões. O MAD não têm quaisquer condições para ser o partido correspondente a esse espaço. O apoio político e social que diversos sectores que hoje se «colam» a algumas personalidades — não obtiveram no passado, não se inflacionará, por isso, ao ponto de o preencher. Tal iniciativa poderá, isso sim, dificultar o preenchimento desse espaço.

Está naturalmente na mão dos interessados na formação de novos partidos resolver este problema.

O agravamento da política do Governo é acompanhado por um grande esforço no sentido de alargar ainda mais o apoio aos seus objectivos na Comunicação Social. A chantagem e outras pressões sobre o futuro das empresas procurará captar a orientação informativa para os desígnios políticos, incluindo os eleitorais, de Soares e do resto da direita. Isso pode ser feito de diversas formas. Desde o apoio aberto a esses objectivos até ao condicionamento da opinião pública em torno de um leque reduzido de opções, com silenciamento das restantes.

Com o lançamento de campanhas de promoção e da criação de «factos políticos» que limitem o número das hipóteses possíveis. O tabuleiro tem quadrados suficientes para que pedras diferentes se movimentem para o mesmo objectivo.

Mas o País real não é encaixável nos esquemas fabricados pelos que têm dificuldade em sentir o pulsar deste povo que se encaminha para pôr ponto final à política de direita.

Os comunistas afirmaram nestes últimos dias — e não só eles o compreendem — que a hora é de decisão, de iniciativa e de luta para que se forge essa rápida mudança.

É esse também o apelo que estes dez anos de Abril nos fazem. ■

Na peugada das presidenciais

MARIA BELO

As comemorações do 25 de Abril de 1984 puseram-nos diante de uma evidência: algo mudou. Não por serem os dez anos, mas porque, pela primeira vez, estas comemorações têm dificuldade em ser mais do que um aniversário. Até agora foram sempre um acto político inserido na dinâmica que se seguiu ao 25 de Abril e, para citar um exemplo, os discursos do PR nessas datas eram esperados como actos políticos.

O que aconteceu foi que chegámos ao princípio do fim do PREC (entenda-se por PREC *processo revolucionário em curso* e não *processo democrático* que, este, continua e espero que se fortifique).

As comemorações oficiais mostram bem a falta de empenhamento das actuais forças políticas neste aniversário. A Associação 25 de Abril celebra, por enquanto, o lado invisível do acto revolucionário com comemorações também elas invisíveis e de certa maneira catárticas: «representando», «dramatizando» movimentações, preparações e o próprio 25 de Abril, exorcisam de certo modo as actuais diferenças ideológicas, políticas, de posto e de empenhamento ao longo do PREC, do punhado de capitães que fraternalmente realizou a revolução. Significativa será a descida da Avenida da Liberdade na madrugada de 25 de Abril de 1984 com os tanques de Santarém numa passagem clara do *acto* (revolucionário) à *parada* (comemorativa). Momento em que todos deveríamos estar presentes para que a parada não signifique só a «paragem» do PREC, mas também o nosso empenhamento na via democrática.

Seria útil que tanto os colóquios da Associação 25 de Abril integrados no 10.º aniversário, como as actividades que promoverão os 110 signatários do apelo não sejam saudosos, evocativos ou despeitados, mas sejam trabalho e empenhamento criativo nessa via democrática.

O 25 de Abril tinha dois objectivos fundamentais. *Descolonizar* e *democratizar*. O terceiro objectivo, *desenvolver*, ultrapassa evidentemente aquele acto revolucionário e não lhe é específico.

A descolonização foi rápida e cabalmente conseguida. Se há quem pense que o processo foi negativo, eu penso que a história dará razão aos que conduziram o processo tanto do lado africano como português. No que nos toca não tínhamos força política para fazer diferente, nomeadamente com um processo simultâneo de democratização que era inadiável. E é evidente que a personalidade política das jovens nações africanas de língua portuguesa ultrapassou em dez anos a da grande maioria das outras nações africanas.

Democratizar foi mais lento e condicionado por um longo PREC. Criar as instituições políticas fundamentais e as regras democráticas – órgãos de soberania, partidos, instrumentos jurídicos de participação, divisão de poderes, regras gerais de relacionamento – não era tarefa fácil quando se emergia de meio século de ditadura. Mas foi também cabalmente conseguido, sendo possível que as diferentes forças políticas, interesses, valores, personalidades se afrontassem, sem prejudicar aquela tarefa fundamental. Dez anos passados, temos até alguns activos que fariam empalidecer de inveja algumas das mais modernas nações da Europa. Apesar de tudo.

Se fosse uma história de fadas, teríamos muitos filhos e seríamos muito felizes. É um país moderno, temos por isso quase toda a construção da vida comunitária a fazer. Mas, a partir de agora, sem PREC.

É neste contexto que se vão realizar as próximas eleições presidenciais: num fundo político em que as legitimidades adquiridas no PREC são para comemorar ou se limitam a dar força na aquisição de novas legitimidades. Assim como os capitães de Abril, ao tomarem o poder, perceberam que a sua legitimidade era temporária, também os civis têm de perceber que a participação no PREC não dá diplomas ou credenciais especiais de legitimidade política. Essa participação é, sem dúvida, uma boa base para a luta democrática. Mas à parte isso, todos têm os mesmos direitos e deveres, e quem quiser o poder terá de lutar e ser capaz de ganhar.

Se falo disto é porque ainda há por aí muito hábito antigo segundo o qual é-se escolhido, nomeado, não eleito pessoalmente e por voto secreto, como se lutar para conquistar o poder democraticamente parecesse mal. Habituámo-nos a não nos candidatarmos e até nos partidos esperamos que nos escolham, nomeiem, convidem, ou até nos supliquem a candidatura. Candidatar-se, propor-se a si mesmo face a um candidato óbvio, parece tão insólito e tão quase-chocante como o foi, em tempos, a afirmação «demito-o, obviamente». Quando afinal se trata, em democracia, de uma condição de base para se estar pronto para a partida. Depois que ganhe o melhor. Na opinião do povo português.

É neste contexto que situo os candidatáveis, segundo o Sete Ponto Sete. ■

De que é feito um candidato: o caso Gary Hart

O adido de Imprensa, suposto tratar os jornalistas pelo seu diminutivo familiar e saber as idades dos filhos de cada um, sente-se ultrapassado pelos acontecimentos: o número dos recém-chegados não pára de aumentar, muitos deles com o cartão «campanha Mondale» ainda na lapela! Estes recém-chegados são, em muitos casos, glórias do jornalismo americano a quem tinha cabido, por direito próprio, a cobertura do candidato democrático ainda ontem tido como melhor colocado. Os que já lá estavam são aqueles aquem tinha cabido a parte de leão, e agora recebem as vedetas com um tom sobranceiro: «Ah, só pensas em Mondale desde há seis meses para cá? Pobrezinho, espera que vou explicar-te...»

Independentemente do que o futuro lhe reserva, ele demonstrou que é ainda possível, nos EUA, fazer vingar junto da opinião pública um «out sider» que evoque a saga dos Kennedy

BERNARD GUETTA

Explicar: é isso mesmo que agora tentam, desesperadamente, cadeias de televisão e jornais, perguntando todos os dias: «Quem é Gary Hart?» ... e respondendo, acto contínuo, que ele «anula a fronteira entre liberais e conservadores». A explicação parece apressada, mas nenhuma outra poderia satisfazer mais o senador do Colorado. Quanto mais as redacções se interrogam sobre ele, menos ele tem de pagar em publicidade nos media. Quanto menos as redacções conseguem classificá-lo, mais ele aparece como um «centrista» – imagem de que precisa absolutamente para tentar bater Mondale nos estados do Sul.

Vaga de adesões

Apanhando o avião em andamento para não o perder, incomodada por se ter tão redondamente enganado nas previsões, a Imprensa tornou-se assim, desejando-o ou não, no primeiro, para não dizer no único, instrumento de campanha de Gary Hart. Outro dia, aterrando ao serão em Atlanta, capital da Jórgia, ele só tinha um punhado de jovens à sua espera. Febris, eles explicaram-lhe que inúmeros novos aderentes à sua campanha tem vindo propor os seus serviços, que a permanência não tem mãos a medir e que uma verdadeira organização está a nascer. De facto, o «quadrado» inicial foi inacreditavelmente ultrapassado, e não conseguiu arranjar nada numa semana: nem «meeting» na praça pública, nem reunião com as personalidades locais, quase todas arregimentadas para Mondale.

Que importa! Em cada duas ou três horas, o avião poisa num aeroporto diferente. Cameramen saltam então de todos os cantos para o filmar, e Gary Hart lá está no alto da «passerelle», rodeado de uma multidão de... guarda-costas, colaboradores, jornalistas e de «fans» que agitam cartazes em todas as direcções. Toda essa equipagem desce em seguida para o Hall das Chegadas e, diante de uma parede forrada com propaganda eleitoral, o candidato faz uma conferência de Imprensa, sempre a horas para que ela seja transmitida pelas televisões locais nos seus noticiários do jantar.

Á primeira vista, tudo isto parece um pouco ridículo, mas, 24 horas depois da chegada de Hart ao Sul, sabe-se que ele bateu Mondale no Vermont com 51 pontos de vantagem... e estava-se a caminho da super-terça-feira! Foi assim que a floresta de câmaras foi crescendo em torno das «passerelles» de Gary Hart e que, de aeroporto em aeroporto, o número de simpatizantes passou a ser cada vez menos simbólico. Esta mecânica é de tal modo evidente para todos que,há dez dias, os simpatizantes do aeroporto de Tampa (Florida, onde também venceu Mondale) perguntavam, rindo, aos jornalistas: «Desde quando é que vocês são tantos a vir atrás dele?» e engoliam a resposta pronta:«E vocês, desde quando é que o apoiam?»

Todas as conversas vêm dar às entrevistas televisivas. Resumindo, prefere-se Gary Hart porque ele tem «ideias novas» (raros são capazes de citar uma), porque «não está ligado a nenhum grupo de pressão, sobretudo aos sindicatos» e porque ele é «jovem e mais capaz de bater Ronald Reagan».

Hi (lê-se Ai) Gary!

Nos aeroportos é tudo muito rápido. E uma hora depois de uma das descidas, tendo sido devidamente transmitido pela TV da região, Hart pôde atirar-se para o meio de uma multidão reunida em Lakeland na «Festa do Morango». Na noite iluminada pelos carrosséis, pelos «stands» de jogos electrónicos e pelas barracas de cachorros quentes, imediatamente reconhecido, transformado em atracção entre as atracções e saudado por «Hi, Gary» por americanos locais, terá começado ali a sua verdadeira consagração:

Gary subiu a uma tribuna e disse que era «um estrangeiro», um «homem do Oeste», mas que a «Grande Florida é um estado admirável», que os Estados Unidos são a maior nação do mundo e que por isso precisam de «uma nova liderança» para enfrentarem o desafio do «futuro».

Apertou mãos, fez festas a crianças, recomeçou noutra tribuna. Um salto de autocarro e o avião volta a subir no ar. Gary, em mangas de camisa, vem oferecer aos jornalistas um cesto de morangos. Toda a gente se serve. Os fotógrafos metralham. Gary desaparece no WC para dali sair vestido com uma camisola da «Festa do Morango». No dia seguinte, na primeira página dos jornais, Gary promove o morango da Florida.

Ele é muito forte – dizem todos – mas nada de exageros: Hart não é um mestre de relações públicas. Se esse talento pode hoje servir o senador, é apenas porque ele tem, de facto, uma visão própria da situação política americana, porque fundou a sua candidatura sobre a fé na justeza da sua visão e porque o seu sucesso lhe parece dar razão.

Primeiro credo de Gary Hart: desde os assassínios de John Kennedy e de seu irmão Robert, de Luther King, da guerra do Vietname, do Watergate e da recessão dos anos 70, há «um número impressionante de americanos à espera de um homem capaz de exprimir o seu idealismo latente e o desejo de unidade nacional em torno de objectivos comuns». A seus olhos, a eleição de Carter, democrático saído das fileiras, homem novo e tão fundamente moral que os seus escrúpulos acabaram por o perder, reflectiu já essa espera... e isso também aconteceu (mas aqui Hart di-lo com mais prudência) com a eleição de Reagan em 1980, porque Reagan apelou para os valores tradicionais e para o orgulho da América.

Segundo credo: Os EUA estão a viver uma época de mudanças tão profundas como as da crise de 1929; em primeiro lugar, devido à nova e «irreversível» imbricação da sua economia com as economias do resto do mundo; em segundo, devido ao peso cada vez maior da informática e das novas tecnologias, em detrimento dos sectores primário e secundário.

Conclusão: é preciso, e os americanos querem-no, «voltar-se para o futuro», rejeitando os homens e as ideias «do passado», quer dizer: tanto as de Reagan como as de Mondale. O primeiro, apoiando-se unicamente na liberdade de mercado e na política do «laisser-faire», estaria a consumar o declínio das indústriais tradicionais, arriscando-se a falhar a entrada no século XXI. Para além disso, a sua política social consiste em tirar aos pobres para dar aos ricos, e a sua política nuclear deve-se a uma vontade de superioridade que ameaça o mundo com um apocalipse.

Pelo contrário, ao querer fundar a sua candidatura numa coligação a partir dos sindicatos e das vítimas de Reagan (pobres, negros, mulheres, operários e professores), Mondale quereria regressar à ultrapassada fórmula do «new deal». Assim, terá acabado por se ligar cada vez mais perigosamente a grupos de interesses (sindicatos da indústria pesada sobretudo), condenando-se a escorregar pela rampa proteccionista abaixo, reinventando um Estado Providência que os americanos já não podem pagar hoje, porque já não há tanto assim a partilhar.

Ideologias para o museu!

Do que hoje se precisa, diz Gary Hart, é de mandar para o museu as «ideologias» tradicionais de conservadores e democráticos, sentando aos comandos a nova geração que está tão interessada na equidade social como no pragmatismo da gestão governativa, e quer acima de tudo «resolver problemas».

Nascido num meio muito modesto, educado na mais estrita moral religiosa, entrando na política atrás de John e de Robert Kennedy, talentoso director da campanha de McGovern, quando em 1972 este tentou entusiasmar a juventude americana a impedir a reeleição de Nixon, eleito senador três anos mais tarde,Hart encarna à perfeição a América que ele descreve e que julga madura para o poder.

Homem de idealismos frustrados, e que perdeu, em absoluto, a ingenuidade, Hart tem a ambição da vitória e o gosto pelas soluções novas. Desde a sua entrada para o Senado, o antigo inimigo da guerra do Vietname incorporou-se na Comissão das Forças Armadas, onde se tornou num especialista, reconhecido como tal, em questões militares. Neste domínio, é partidário do «congelamento» dos armamentos nucleares, talvez porque hoje não se pode ser candidato democrático sem isso. De facto, ele liga maior importância à não proliferação, ao «build down» (redução ligada à modernização dos armamentos) e ao reforço das armas tradicionais que afirmam serem dramaticamente insuficientes para a defesa dos interesses americanos pelo mundo fora. Numa palavra, como ele gosta de dizer, Hart «não quer *mais* nem *menos*, mas sim *melhor*», com os olhos postos nas necessidades estratégicas do final deste século. Ao longo das suas tomadas de posição e do livro que publicou no ano passado («Uma nova democracia»), aparecem outras «ideias novas»: necessidade de uma política industrial concertada entre o Estado, o Capital e o Trabalho, criação de um fundo para as reconversões profissionais, reforma do sistema fiscal... Todas elas carecem de verdadeira articulação, salvo a ideia de base: as velhas receitas de uns não desembaraçarão os americanos das velhas receitas dos outros.

A América desconfia dos democráticos mais do que antipatiza com Reagan, e esta mistura de juventude, radicalismo, rigor e de formidável profissionalismo político agrada-lhe. Prova disto é que, tendo apenas como «armas» suplementares uma silhueta esguia, uma timidez sorridente, o corte de cabelo de John Kennedy e uma heróica vontade de usar sobretudo ou gabardina o mínimo possível, Gary Hart acumulou vitórias e ameaça a candidatura «natural» de Mondale.

Quem é Gary Hart? Um homem muito típico de uma geração de ocidentais que, ao nascerem nos finais dos anos 60, enterraram definitivamente o «pós-guerra». Quais são os seus pontos fracos? São pelo menos dois: parecer demasiado seguro do seu futuro, e ter querido, na sua biografia oficial, rejuvenescer um ano, por razões obscuras que muitos querem ver esclarecidas. Obterá ele a candidatura contra Mondale? É bem possível, apesar da incerteza da «superterça-feira». ■

O poder e a Informação

ADRIANO DUARTE RODRIGUES
Responsável do Dep. de Comunicação Social da U.N.L.

DUAS figuras modernas do poder: a figura disciplinar e a figura dos simulacros. Duas estratégias distintas mas que se servem ambas de dispositivos maquínicos, de mediações tecnológicas. Ao dispositivo maquínico industrial corresponde a modalidade disciplinar, sedentarizante, policial do poder de massa. Ao dispositivo maquínico industrial do poder de massa. Ao dispositivo electrónico e cibernético corresponde a modalidade dos simulacros, implosiva e irradiante do Poder.

Grandes vantagens tira o poder da sua modalidade disciplinar e policial: faz interiorizar a sua ordem de maneira suave, acabando por economizar até o espectáculo da repressão externa e da violência, física, converte os indivíduos em objectos de informação impedindo até a veleidade de se tornarem sujeitos autónomos de comunicação. Bastaria a vigilância contínua do olhar do poder e a transparência total dos corpos dos súbditos para dissuadir a própria vontade de subversão.

É este o sonho que o poder acalenta em relação à Comunicação Social: disciplinà-la, convertê-la e mantê-la como polícia disciplinadora da opinião, como caixa de ressonância amplificadora da sua voz, como dispositivo de inscrição capilar da sua ordem até ao mais ínfimo recôndito do tecido social, domesticá-la através do ensino de uma escrita registadora conforme ao senso comum, às ideias feitas, às expectativas populistas, ao que, ao fim e ao cabo, lisonjeia e mobiliza a vertente pulsional de que o próprio poder se alimenta. É este o interesse que o poder democrático encontra nomeadamente na instauração da disciplina jornalística nos diversos graus de ensino, na máquina domesticadora pedagógica: disciplinar, fazer interiorizar desde a mais tenra idade a «escrita» jornalística, estereotipada e objectiva do quotidiano, dos acontecimentos, do imprevisível.

Sob esta modalidade disciplinar, a opinião apresenta-se como variação entre margens marcadas pela ordem classificatória do registo objectivo da informação, dos enunciados da escrita registadora da disciplina sociológica estatística, destes enunciados sem sujeito manifesto, em que se objectiva o biotério humano, a «coisa» do poder democrático. Na opinião pública, esta transparência total das mentes em que se dá a ver objectivamente tudo o que há para ver, anulando toda e qualquer escrita que não seja comentário analítico, classificatório e interpretativo, está o segredo da circularidade total do Poder.

É que, graças às sondagens de opinião, este registo jornalístico, equivalente ao esforço maravilhoso, encantatório, do poder para tornar contínuo e quotidiano o gesto periódico do voto, torna visível ao olhar do Poder o olhar da sua presa. Por ricochete, nas sondagens de opinião se refracta, de maneira perfeitamente exemplar e discriminada, o próprio olhar do Poder. Trata-se de um dispositivo técnico circular, em que a informação joga e é jogada, enquanto máquina abstracta discursiva de mediação entre o discurso dos súbditos sem rosto e o rosto do político, de uma roda dentada que faz girar o pulsional sobre a ordem política, rebatendo o querer sobre o Poder.

É a modalidade disciplinar policial do Poder que hoje predomina no nosso país. Em todo o caos é no seu imaginário que se inscrevem as relações do campo político com o campo informativo dos media. Modalidade em crise desde que o dispositivo maquínico deixou de estar confinado à sua função de vigilância e de classificação monolítica e se pôs a proliferar como uma gangrena do tecido social, ora subterrânea ora à superfície da epiderme identitária. Informática, satélites de comunicações, centrais de dados, vídeos, cabos coaxiais, rádios piratas e rádios livres — eis alguns dos apetrechos da panóplia mediática e mediúnica que proliferam desde os finais dos anos 60 nos países dominantes e que entre nós começam a inquietar a ordem vigente, tanto a de direita como a de esquerda. Como disciplinar, controlar, canalizar todo este fluxo de pulsões atípicas, indisciplinadas, caóticas? Pergunta que atormenta o político, a braços com os seus esquemas classificatórios e a sua função domesticadora. Talvez não passe de uma pergunta vã. A informação não será sempre dispositivo domesticador, conformação mortífera das multiplicidades às identidades em que as pretende fazer entrar à força? Não se tratará sempre de uma catalogação ligeira, «soft» do Poder, finalmente liberto do peso do gigantismo monopolista que tem entravado a sua capilaridade, a sua penetração por osmose no tecido social, a classificação e a vigilância universal e imperceptível de tudo e de todos?

A informação é a forma democrática do Poder, no exercício da sua função disciplinadora do corpo social, correspondente ao processo de constituição do seu rosto policial, da forma interior da violência indolor do Estado.

Mas o que, em todo o caso, é já patente é o imaginário obsceno dos simulacros, dos modelos discursivos sem referência, puramente operativos. Já não se trata sequer de uma ordem a preservar mas de fazer salivar uma ilusória ficção identitária em torno de modelos significantes totalmente fechados sobre si próprios, que não se abrem sobre nenhum sentido referencial. Na figura do simulacro não há diferença entre a verdade e a falsidade, o ser e o parecer. Todos os modelos se valem. Como na resposta do computador do **War Games,** que diferença existe entre o jogo e a realidade, entre a simulação da guerra nuclear e o seu efectivo desencadeamento, visto que real e simulação se confundem na ordem discursiva do programa?

O terror sideral da figura dos simulacros reside precisamente na impossibilidade de distinção entre o figurante e o figurado, na perfeita anulação da diferença, na morte dissuadora do real e na dissuação mortífera da própria representação.

Um dos simulacros mais performativos e siderantes da sociedade portuguesa actual é o da crise. A função obscena da crise consiste na sua perfeita táctica dissuadora. É um puro modelo discursivo siderante. Que importa a sua realidade contanto que desencandeie uma cascata de respostas condicionadas operatórias, performatividades dissuasoras como as estratégias bélicas totais? É a sua dimensão de escala que a torna indiscutível e anula como insensatos todos os resíduos de gratuitidade, todos os desvios que ela não mobilize.

Se a figura disciplinar corresponde à violência suave do interior, o simulacro anula definitivamente a diferença entre o interior e o exterior, exteriorizando pornograficamente toda a interioridade.

O funcionamento disciplinar do Poder conta com uma verdade interior e secreta que resiste à sua vontade de saber, alimentando o seu dispositivo maquínico de vigilância e de transparência. Nessa diferença se inserem as resistências e a autonomia do sujeito, a margem improdutiva.

É da anulação desta diferença, desta margem, do desnudamento obsceno da gratuitidade amorosa, da total sideração dos corpos e das vozes que se alimentam os media e se jogam hoje os jogos do Poder. ■

O número 16 do Estado português

LÍGIA CHAVES
Jornalista

PODERÁ parecer bizarro num país tão sobrecarregado de importantes e instantes problemas vir agora um articulista procurar determinar quem ocupa, no aparelho de Estado, o 16.º lugar na hierarquia. Não se imagine, porém, que é esta uma questão de somenos importância. O 16.º lugar é algo de especial. Julgarão os ignorantes semicultos que o 16.º lugar é algo de levemente superior ao 15.º e ligeiramente inferior ao 17.º Nada disso. Há **nuances** que cumpre esclarecer, e, esclarecendo-as, estamos do mesmo passo a indicar a importância de fixar o nome que ocupa o cobiçado 16.º posto na hierarquia do Estado Português.

Nunca o 15.º lugar nem o 17.º estiveram em disputa. Mas sempre a política portuguesa girou, numa das suas pequenas esferas, em torno do 16.º lugar. Tem sido frequente, talvez por atracção dos números pares, que o 16.º ascenda de uma assentada a 12.º, quando não a 10.º, mais raramente a 6.º, e, num caso controverso (que acabou mal) a 1.º.

Examinar os lugares que cada qual ocupa na hierarquia dum Estado é tarefa difícil, tratando-se de países democráticos ocidentais. Porque aqui a mobilidade é de regra e os factores desorganizadores de uma carreira política são múltiplos. A tarefa fica extremamente facilitada quando se trata de apurar dos lugares hierárquicos em sociedades imobilistas, de cariz totalitário. Há sempre uma impressionante soma de dados acerca do indivíduo X que permitem ao comentarista fazer de Nostradamus. Muitas vezes caindo em erro, mas com a apreciável vantagem de apresentar os seus argumentos de forma perspicaz e brilhante, por menor que seja a informação de base.

Quando se analisa a situação em Portugal, mais complicada se torna a tarefa, porque, como determinar o 16.º lugar se ninguém sabe ao certo quem ocupa o 1.º? Nem o 1.º nem os outros até ao 15.º, diga-se em abono da verdade...

Mas há pelo menos um alicerce sobre o qual podemos construir o nosso edifício: não sabemos quem ocupa o lugar 1 a 15, mas há 15 pessoas que ocupam esses lugares, sem sombra de dúvida. Só que não podemos determinar com exactidão que lugares respectivos elas ocupam, tudo variando, aliás, de semana para semana, consoante as sondagens dos diversos hebdomadários...

Ora bem: o 16.º lugar não é ocupado indiscutivelmente

por uma personalidade. Há duas eminentes personalidades da nossa cena política que se digladiam por essa posição, sinal inequívoco da importância de tal lugar. Trata-se — os leitores mais perspicazes já decerto se aperceberam disso — dos drs. Arnaldo Luta e Óscar Luta.

Entre os dois Luta, tudo se decidirá dentro de meses. Temos, no entanto, por assente que a vitória será de Arnaldo.

Porquê? Porque, a nosso ver, Arnaldo Luta já está no 16.º lugar e só a leviandade da informação portuguesa pode levar a que se considere o seu lugar contestado por Óscar Luta, homem autometido no jogo, com certos apoios obscuros, que apenas tentam baralhar as regras políticas para mais facilmente levar a sua avante, no meio do caos e da barafunda noticiosa.

Examine o leitor os discursos de Arnaldo Luta e os de Óscar Luta. Aparentemente iguais, aparentemente saídos de um mesmo lugar ao sol, aparentemente providos do mesmo quadrante ideológico, aparentemente prometedores das mesmas ambições. No entanto... toda a **nuance** do 16.º está em Arnaldo. Nunca Arnaldo recorre a metáforas excessivas, nunca Arnaldo adjectiva, nunca Arnaldo adverbia. Arnaldo diz, Arnaldo afirma, Arnaldo é claro. Enquanto Óscar, encobrindo a debilidade da sua posição recorre à metáfora (que pode ter vários sentidos e ser apreciada diferentemente pelos interesses, quantas vezes antagónicos que ele procura captar, ao adjectivo, por vezes incorrectamente formulado (é homem capaz de dizer **melhor** informado: Arnaldo algum dia caiu em tal dislate?) ao advérbio (a utilização tipo muleta de **evidentemente** só por si bastaria para o afastar de quaisquer pretensões).

Outro aspecto, este desconhecido do grande público, e que ousamos trazer à colação sem quaisquer intuitos polémicos, teve que ver com a discussão sobre a despenalização do aborto. Na ânsia de se fazer notar nos corredores obscuros de São Bento, Óscar Luta teve o deslize imperdoável para um candidato a 16.º de combinar com o Hospital das Bonecas uma montagem cinematográfica de bracinhos e perninhas. Um deputado esteve a milímetros de cair nesse abismo, e só a intervenção de Arnaldo Luta **in extremis** poupou o povo português a tal manifestação de mau gosto.

Se algumas dúvidas houvesse até então sobre quem ocupa de facto o 16.º lugar, elas ficariam dissipadas, depois deste incidente. Óscar Luta comportou-se paradoxalmente mais como um 15.º (que, para efeitos de futuro, é inferior a 16.º) do que como um 16.º.

Outros factos — estes de notoriedade — abonam em favor de Arnaldo Luta. O modo de vestir, por exemplo. O 15.º e o 17.º têm envergado tradicionalmente os trajes **dernier cri.** Trata-se em princípio de criaturas que não denotam aquela sensibilidade de que Dostoiewsky fala em «O Idiota» quando diz — com toda a razão — que um homem impecavelmente vestido muitas vezes está mal vestido. Acrescentaremos: quase sempre está mal vestido. Gravata a condizer com lenço e peúga é, quando a cor em questão não se presta a tanto equilíbrio, sinal de quem julga saber subir na vida e nunca logrará atingir o almejado posto. Pois bem, Arnaldo Luta é daqueles homens que passam na rua, passam simplesmente. Nele nada denota coisa nenhuma. Alguém que o cruze na rua não fica tolhido nem curioso. Nada lhe chama a atenção: foi um vulto que passou. Suficientemente normal no trajar para não dar nas vistas neste tempo de crise. Mas suficientemente composto para não impressionar pela inversa.

Para quem conhecer os corredores do poder, as diferenças de comportamento entre Arnaldo Luta e Óscar Luta tornam-se tão evidentes que só os que são levados por cavilosas intenções poderão fingir que alimentam dúvidas sobre o titular do 16.º. Tradicionalmente entre nós o 16.º é o homem que aspira ao poder e já lá está, enquanto os 15.º e os 17.º são aqueles que lá estão e/ou não aspiram a ficar ou aspiram e não sabem. Para quem está no poder, a figura dos ministros, ainda que seja a dos primeiros-ministros, é, de certo modo, insignificante.

Neste ponto seja-nos permitido evocar um contiguo da Faculdade de Medicina de Lisboa, que aqui há trinta anos nos confidenciava: «Na minha terra, ligam muito aos dr... Cá por mim, rio-me. Eu vejo-os aqui fazer. Sei como se fazem».

Continua na pág. 10

O n.º 16

Continuação da pág. 9

Ora, quem está no poder **vê fazer** ministros e primeiros-ministros, **sabe como se fazem** os ministros e os primeiros-ministros. Ao cumprimentá-los, aquele que por justo direito ocupa o poder para ficar no poder, tem de demonstrar a cortesia suficiente para ascender a ministro, mas o necessário distanciamento para demonstrar que sabe como se fazem os ministros. Nos países totalitários, a palavra «camarada» sofre as diversas modulações gradativas (salvo os casos infelizes de sotaque dentro do próprio país) que distinguem o poder de direito do poder de passagem. Nos países asiáticos, há todo um jogo de vénia e semicerrar de olhos, contorsão de lábios que é, em si próprio, revelador de sabedorias milenárias. Em Portugal, somos boçais. Não temos entoação (os franceses queixam-se muito disso quando os portugueses ousam estropiar-lhes a língua) nem a nossa espinha conhece o meio-termo da curva não flectida. Somos boçais, salvo seja. Óscar Luta é boçal. Arnaldo Luta não é boçal. Por isso, ao tocar a fímbria dos corredores do poder, se acontece um ministro ou o primeiro-ministro **himself** cruzarem-se com ele no caminho (e não a inversa), Arnaldo Luta abre o espaço necessário e nunca suficiente para que o intruso, passando, seja obrigado a pedir desculpa. Obriga sempre o intruso a pisar-lhe a biqueira do sapato. E é assim que, ao cruzar de primeiros-ministros e ministros, quem pede desculpa de existir são os governantes e nunca ele, o governado, o 16.º, o futuro senhor.

Pelo contrário, Óscar Luta abre o campo todo: cria mossa nas paredes, dobra a espinha, é torrencial nos cumprimentos. Certos colegas de partido dizem mesmo que, se Óscar morresse de repente, já ele seria cadáver e ainda os seus cumprimentos ressoariam na atmosfera.

Supomos ter desenvolvido argumentação bastante para demonstrar quem é efectivamente o 16.º na hierarquia portuguesa. Decorre daqui necessariamente que ele está prometido a um futuro auspicioso, que ele um dia sobraçará o ceptro ou, ao menos, uma pasta?

Há por aí futurólogos políticos que não hesitariam em garantir ao leitor que sim, que seria útil começar desde já a reter na memória o nome, aliás, bem sonante de Arnaldo Luta. Por nós, a única previsão que arriscamos é esta: se esta maioria aguentar, se esta maioria prosseguir para lá do próximo Rubicão eleitoral, temos ali homen. Mas ainda que Arnaldo Luta não chegue a passar do 16.º (lugar que já tem e ninguém lhe tira) não significa isso menos mérito dele. O presidente Burgiba da Tunísia tem confidenciado que seria o maior poeta do seu país se a política lhe tivesse deixado tempo para fazer versos. O nosso homem será, sem dúvida, o maior político do nosso país, se a política o não mandar para casa fazer versos... ■

Vídeo e Audio: apontamentos para uma teoria

O Firefox, última panaceia americana em jogos vídeo

Paulo Jorge Cruz

Reflictamos um pouco sobre a imagem em vídeo.

O vídeo enquanto estética é talvez, neste momento, uma das manifestações visuais (será talvez forçoso a designação de arte), mais frustrantes. E esta frustração consegue-se pela extrema dependência de outras artes, nomeadamente, o cinema. Com efeito, o vídeo está para o cinema como a cassete está para o disco. Em ambos os casos os primeiros tornam-se numa extensão do original — em ambos os casos o podem redimensionar, mas poucas vezes isso sucede.

Na verdade, o vídeo não é apenas um prolongamento grosseiro do cinema, é também, um **media** informativo e formativo extremamente eficiente, tanto mais que numa direcção o faz de forma mais objectiva e directa (as outras artes, com uma estrutura de significação bem mais complexa e indissociável). Noutra direcção, o vídeo traduz uma continuidade estética: o uso extremamente diversificado de filmes em gravações «utilitárias» — falta portanto o vídeo por ele mesmo, lá iremos.

É com efeito, sobre este plano «utilitário» que o vídeo existe dominantemente. O filme na casa de cada um, à hora que se quiser, nas circunstâncias que se quiser. Na oposição, encontra-se o cinema, ritual mágico que celebra na sala escura uma estranha iniciação de desejo.

Perante esta tremenda depuração estética, o vídeo responsabiliza-se pela informação e pelo entretenimento, não em redefinição, mas por osmose. Onde fica a magia?

Optemos por outro caminho; observemos a Informação escrita e os seus textos sobre vídeo (pode ser esta mesma secção). Que ideia podemos tirar: «novos modelos», «formato compatível», «TV stéreo», «câmara com macro e 12 lux», etc, etc.

Nem por uma só vez a hipótese de descobrir a essência do vídeo, essa é axiomática e desnecessária num quotidiano onde a principal preocupação não é mais do que a manipulação de material disponível.

Eis os factos: o vídeo é consumido na estreita relação do seu manuseamento, nas possibilidades de posse.

Ao contrário, ninguém «possui» um filme, todos «vêem» um filme. Quer dizer, a ideia dominante é o caminho da cópia, da abundância de material, na videoteca, nos pequenos filmes de família (o pouco de criativo que aí existe), os fragmentos de sete dias, etc., em suma, a fragmentação de uma estética.

Falar de vídeo, por extensão, é pois e acima de tudo nomear uma novidade, aconselhar uma propriedade, elaborar uma Informação. Não há, em última análise, uma teoria de vídeo e muito menos uma prática. E não há porque não é pensada, porque, muito simplesmente, não é procurada.

Os caminhos do vídeo

Mas os caminhos do vídeo são bem mais profundos, e no fundo talvez este seja o preço de uma «arte» ainda jovem, mais jovem que o cinema, também ele à procura, mas já algo encontrado — a ninguém interessa uma nova máquina de cinema, mas tão somente a fruição do espectáculo que ela irá produzir. Em vídeo, a ninguém interessa o espectáculo (que é evidente), mas tão somente a fruição de o poder ver no último modelo que possibilita mais passos de programação, etc., etc.

O vídeo é mais do que isso, repitamo-lo. Mas para que se emancipe para lá de elemento transitório (a técnica por si, por oposição à realização de um projecto, como objectivo), terá de se consolidar na sua verdade imagética (como afinal ensaiou Antonioni em «O Mistério de Oberwald» e experimentou Coppola em «On From The Heart» — um novo cinema, um novo vídeo, uma nova imagem?). Terá de abandonar a situação de consumo elementar para consolidar aspectos menos óbvios que passam pela aplicação efectiva das suas possibilidades (e aqui a Televisão pode prestar um contributo insubstituível).

Até lá teremos de ser pacientes, teremos de esperar que a presunção da técnica, na sua estabilidade necessária, ceda ao pragmatismo da imagem, na sua linearidade apaixonante e misteriosa. ■

Sucedâneos de David Bowie

SÃO às dezenas aqueles que se inspiram em David Bowie. Tem por nome «Danse Society», «Duran Duran», «Spandau Ballet» ou «Thompson Twins». Dez anos depois do aparecimento de «Ziggy Stardust», o herói que lançou a sua carreira, o «hit-parade» inglês vive actualmente na hora dos «filhos» de David Bowie.

David Jones de seu verdadeiro nome, marcou com o seu cunho pessoal a cena musical de além-Mancha. No Outono de 1983, um jovem grupo, «Bauhaus», chegou ao primeiro lugar na lista de vendas inglesa, com o tema «Ziggy Stardust», que dez anos antes tinha posto em órbita «o pequeno duque branco». Através do seu estilo, da sua música e da sua iniciativa artística, David Bowie marcou com o seu cunho pessoal o Rock dos anos 80, tal como os Beatles fizeram nos anos 60.

«Thompson Twins» — os gémeos Dupont (D) da versão inglesa de «Timtim» — são três elementos: Tom Bailey, de 27 anos (vocalista, teclas e guitarra), um negro, Joe Leeway, de 31 anos (percussão, vozes e sintetizadores) e a mais nova, Alannah Currie, uma neozelandesa de 25 anos (percussão, vozes), nasceram em 1979, em Sheffield.

Esta rude cidade industrial do Norte da Inglaterra é um «berço musical».

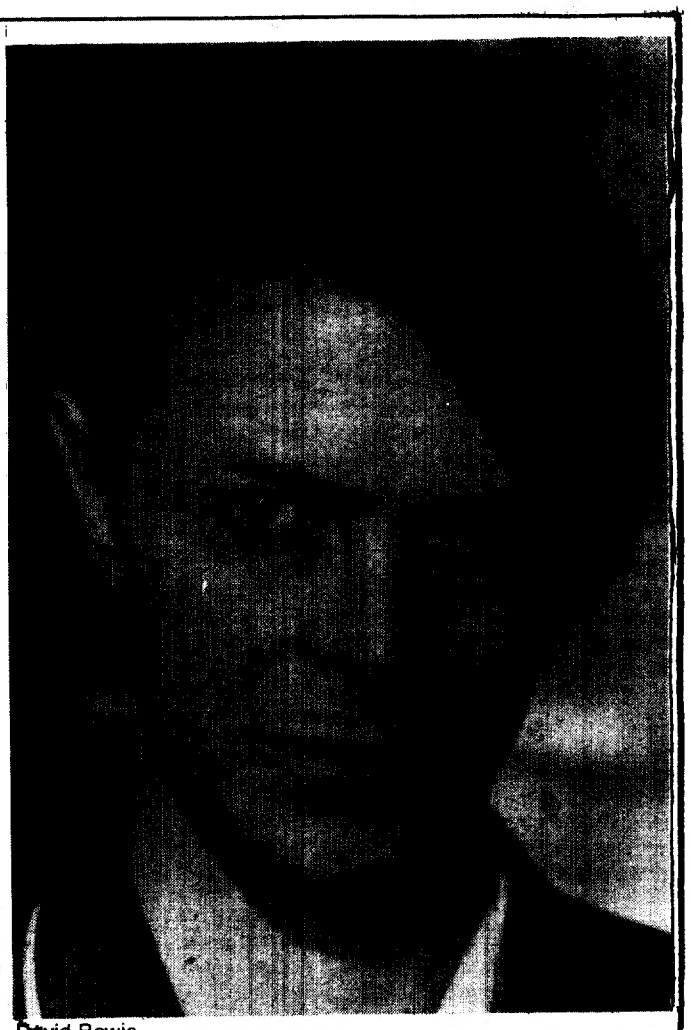
— Na mesma altura, apareceram nela, no período de alguns meses, meia dúzia de conjuntos. A partir dessa altura todos eles singraram: os modernos, «Human League», «ABC», aos Auteros («Cabaret Voltaire») ou ainda a formação multirracial de Reaggae «UB 40».

Estes grupos fazem aparecer os «antigos» como mais velhos ainda. São músicos que puseram na gaveta as atitudes — mistura de ultraje e de rebelião adolescente — que imprimiram o seu cunho ao Rock dos anos 70. Já não há provocação, também já não há escândalos. Todos eles projectam a imagem de artistas, em primeiro lugar votados à sua arte, tranquilamente ambiciosos.

Os «Twins» substituíram Bowie no coração das adolescentes inglesas. Na semana em que saiu o seu quarto LP, «Into The Gap», o álbum passou logo para o primeiro lugar do top. Na mesma semana, o seu 45 rotações «Doctor, Doctor» colocava-se na terceira posição.

Para culminar este êxito: uma digressão nacional de um mês, terminando com cinco concertos sucessivos no «Hammersmith Odeon» de Londres (6 mil lugares).

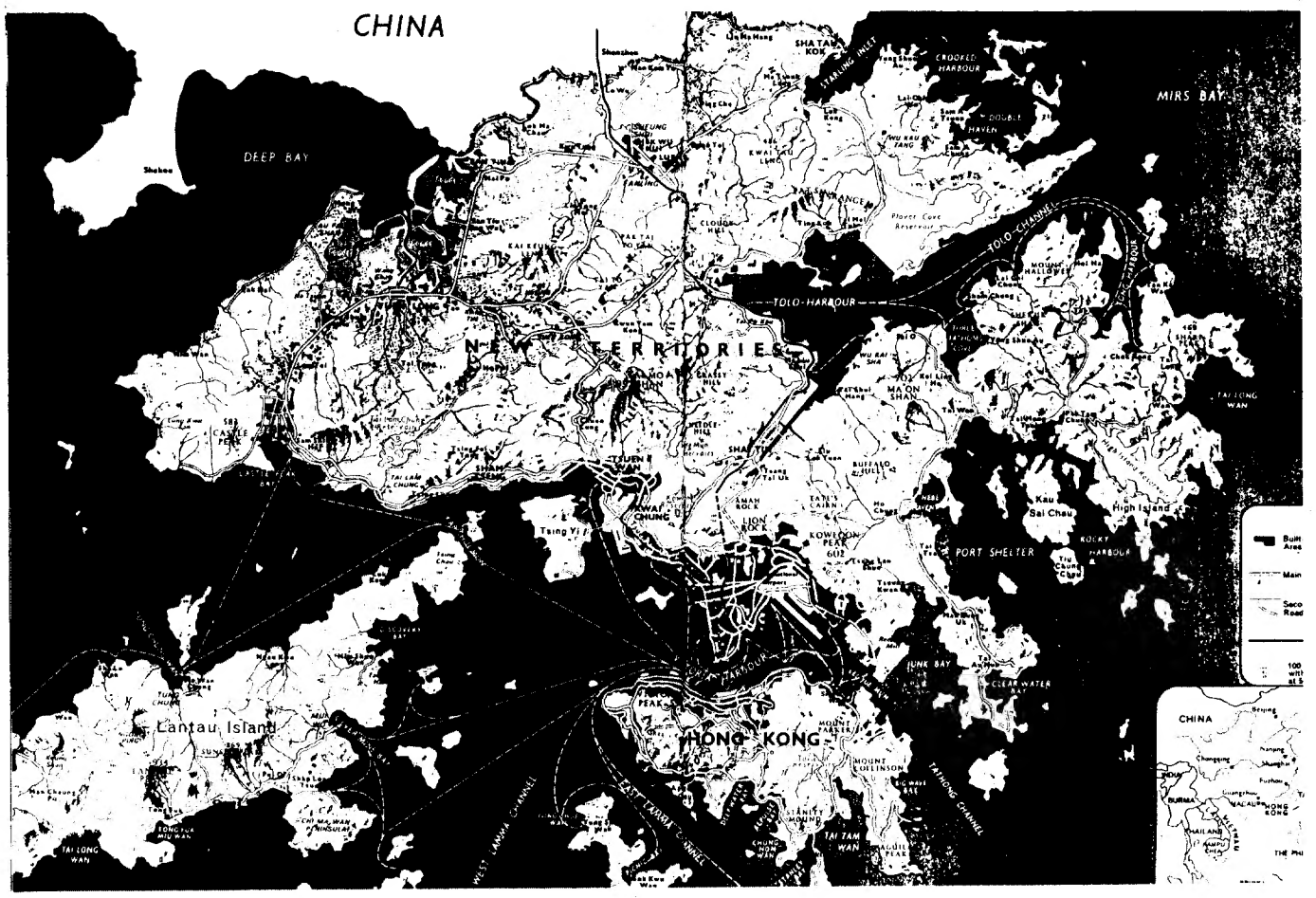
Tom, Joe e Alannah acolhem o sucesso sem surpresa: «trata-se do fruto de cinco anos de trabalho», comenta sobriamente Tom, que, com o seu «capacete» de cabelo vermelho com um longo e fino rabo de cavalo a cair para as costas se parece com um esquilo brincalhão. ■



David Bowie

Hong-Kong: quando o senhorio bate à porta

Cartaz chinês numa Zee: as boas-vindas para turistas substituem Mao e a Internacional



Mapa da actual Hong-Kong: Hong-Kong, New Territories e Kow Loon

Este ano em Hong Kong não se fala de Orwell. 1984 é, somente, mais um ano na contagem decrescente para a data da qual se fala e todos temem: o dia 1 de Julho de 1997.

1997 o dia em que a colónia inglesa passará a fazer parte da República Popular da China.

Enquanto a Imprensa de Taipé fala dos porcos, observa-

LUÍS ANDRADE DE SÁ

dores da realidade chinesa dizem ser descabido dramatizar demasiado o acontecimento e fazem saber que a chegada dos chineses não se fará ao som da Internacional e sob bandeiras vermelhas, mas que, tudo indica, o PCCh preferirá aproveitar-se de Hong Kong para a realização de certas experiências económicas diversas do socialismo e não transformar a Pérola do Oriente numa coutada de um qualquer Big Brother.

No entanto, para os mais de 5 milhões de habitantes do, ainda, território inglês começam a fazer-se sentir os efeitos de Hong Kong se vir a chamar Xianggang e da «union jack» ceder o seu lugar à bandeira rubro estrelada do Estado chinês. A colónia inglesa, inicialmente situada na ilha de Hong Kong e decorrente de tratados que os ingleses firmaram pela força, alargou-se, em 1898, com o arrendamento, por 99 anos, dos Novos Territórios, que incluem a parte Norte da península de Kowloon e cerca de 235 ilhas, e que representam a maior área da colónia.

Durante algum tempoo alimentou-se a ilusão que a China apenas quereria recuperar a parte arrendada, cujo contrato expira em 1997, abrindo mão de Hong Kong e do Sul da península de Kowloon, mas, com o decorrer das negociações, o sonho foi sendo desfeito: «em nome dos inquestionáveis desejos de um bilião de habitantes», a China quer recuperar tudo.

Mesmo que o não fizesse, seria impensável a sobrevivência de um território a quem lhe seria retirada a maior parte da sua área, e, logo, a mais importante, do ponto de vista industrial.

O pensamento de Deng Xiao Ping

Durante o desenrolar das negociações sino-britânicas, com a percepção da inevitabilidade de Hong Kong se tornar chinês, apoderou-se da maioria da população aquilo a que muita gente chama o sindroma de Hong Kong, ou seja, estados de angústia e de sublimação do evento, os quais foram cedendo lugar, dadas certas afirmações de responsáveis da República Popular da China, a uma situação de expectativa. Depois da tensão, quando se soube que toda a colónia era pretendida pela China e que teve como reflexos a descida do HK dólar, a corrida aos supermercados, as greves dos taxistas e maquinistas, há, agora, um sentimento de resignação pelo inevitável.

A atestá-lo está o facto de as «Obras escolhidas» de Deng Xiao Ping terem atingido o primeiro lugar nas vendas livreiras de Hong Kong, constituindo, segundo a editora China Joint Publishing Co., um inegável «best-sellers» que foi vendido 21 mil vezes em três meses. Para além das centenas de milhar de trabalhadores que, sendo miseravelmente pagos (e independentemente do resultado das negociações sino-britânicas) não poderão abandonar Hong Kong, quem quiser permanecer no futuro território chinês terá que conhecer o pensamento de Deng Xiao Ping, o actual homem forte da China, para perceber a moderna política de Pequim, uma política que representa o corte com o maoísmo e a sua componente radical, o grupo de Xangai, e que já está a ser concretizada, no que respeita à abertura ao exterior, em quatro Zonas Económicas Especiais: em Cantão e nas fronteiras com Macau, Hong Kong e Taiwan.

Experiências satisfatórias

Criadas em 1979, na época do Programa das Quatro Modernizações, estas zonas económicas pretendem ser os centros dinamizadores das relações externas, do contacto com a tecnologia e «know how» ocidentais, da atracção de capitais estrangeiros e da criação de novos empregos. Aí coexistem várias organizações económicas que vão desde as empresas estatais e empresas mistas de investimentos chineses e estrangeiros e, até, empresas administradas por estrangeiros.

Para se ver a importância que as ZEE assumem para a economia chinesa, registe-se o facto de, nos últimos três anos, a ZEE mais importante ter cativado um total de dez biliões de HK$(1) para 1650 projectos, e de ter passado de vinte empresas industriais para um total de cento e cinquenta, estas financiadas por capital estrangeiro. Ao mesmo tempo, e segundo dados da revista «China em construção» o rendimento anual médio dos operários das ZEE subiu em 138% em relação a 1978 e registou-se, mesmo, um regresso de emigrantes a residir em Hong Kong.

São dados oficiais que muito legitimamente poderão ser postos em causa mas do que não há dúvida é de que os dois lados das fronteiras começam a assemelhar-se no que respeita às suas urbanizações e, entrar na China pelas suas zonas económicas especiais, torna-se, de certa forma, frustrante para o ocidental que, a princípio, apenas distingue uma diferença: a circulação do trânsito faz-se pela direita, ao contrário de HK e Macau.

O vento de Oeste

Para muitos dos jovens e recém formados guias chineses que levam os turistas às ZEE, 1979 foi o ano zero da nova China e, enquanto apontam os hotéis, piscinas, «villas», permitem-se brincar com turistas americanos e australianos que enchem as camionetas (estas, ainda não modernizadas) nas constantes viagens entre os dois lados das fronteiras.

Expressando-se num inglês fluente, parecem sempre mais interessados em propagandear os últimos êxitos do regime que os aspectos turísticos da região e o seu ódio ao que aconteceu antes de Deng é tão grande que só poderá ser justificado pela impossibilidade profissional que os amarrava antes da morte de Mao: após a revolução cultural e durante muito tempo foi interdito o ensino de línguas estrangeiras na China...

Já lá vai o tempo em que se «desenhava uma tempestade no céu e o vento de Leste soprava sobre o Ocidente». Hoje, se a Imprensa chinesa não cessa de anunciar que, em 1983, a China foi um dos raros países não atingidos pela recessão mundial, fá-lo, não já em nome do «sempre jovem e actuante socialismo científico» mas como decorrente do «Programa das Quatro Modernizações». Um programa que está a custar a engolir a muita gente, sobretudo aqueles que vêm agitando a bandeira da «poluição ideológica», uma maravilhosa metáfora de duplo sentido.

Deng Xiao Ping, com os seus 79 anos, terá que encontrar um sucessor que continue a sua obra e com prestígio suficiente para acalmar as vozes que se levantam, sobretudo, em Cantão e Xangai, regiões tradicionalmente influentes na vida política chinesa. A campanha de rectificação do PCCh atingiu neste momento o seu ponto crítico ao ser anunciado que todos os militantes do partido deverão proceder à crítica e autocrítica, sendo o processo iniciado pelas estruturas dirigentes o que equivalerá a dizer que é o momento da segunda depuração desde a morte de Mao, uma depuração que deverá atingir cerca de 60 mil membros, grande parte deles quadros intermédios e que, sinal dos tempos que correm, não incluirá eliminações físicas ou severas sanções penais.

A tragédia de ser pobre

Se não houver grandes modificações, é esta a China que vai entrar na posse de Hong Kong, um dos territórios mais desenvolvidos do Sudeste Asiático e que consegue ser, simultaneamente, um paraíso de luxo, néon, dolce vita e inferno de ausência de direitos fundamentais (até os filmes de Walt Disney são censurados), de semiescravatura laboral, de violência gratuita, de indignidade humana nas catacumbas onde vivem os milhares de refugiados, bairros indescritíveis onde os incêndios demoram dias a serem apagados.

Para os que, obrigados ou não, vão ficar em Hong Kong após 1997, a questão residirá em saber até que ponto as autoridades chinesas cumprirão o prometido: manutenção do actual estado de vida do território, livre circulação de pessoas, bens e ideias, HK dólar como moeda, autoridades escolhidas de entre a população local, etc. Para os que partem, inicia-se um novo ciclo, uma nova vida que não estava nas previsões de ninguém há ainda pouco tempo. Daí que em todo o lado, em todos os dias, a toda a hora, os quatro algarismos se vão transformando em senha e, quiçá, perdendo a emotividade: 1997.

Este sindroma do país que vai fechar também atinge os países da região, os quais, a contas com os problemas do costume, não têm lugar para receber mais refugiados. Ou seja, de Hong Kong, o Sudeste Asiático não vai receber mais do que aqueles que trazem dólares para o investimento. Os outros, os que, sem dinheiro, querem abandonar o barco, que vão para Inglaterra, que é a pátria deles, como já alguém disse.

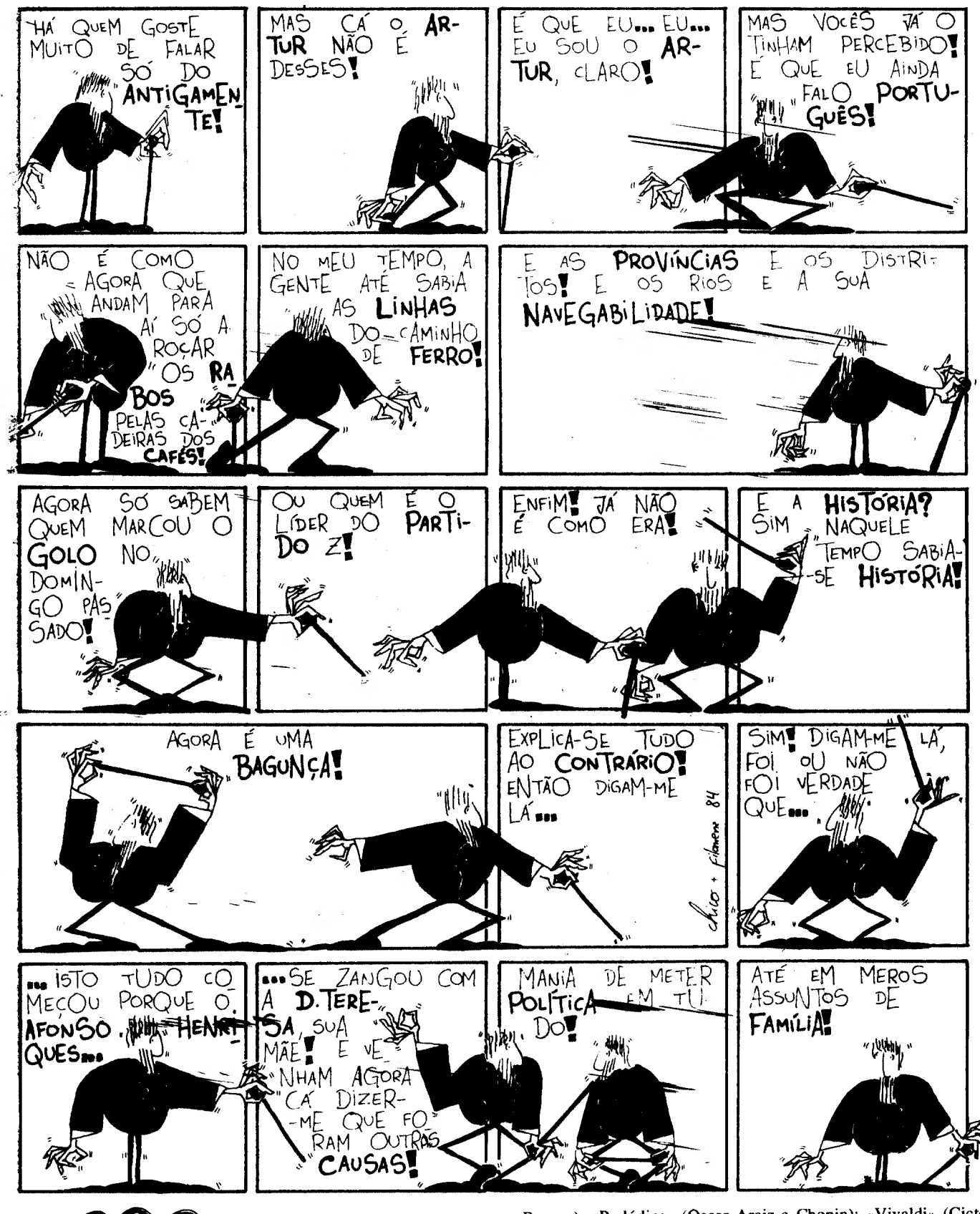
Mas talvez não. Taiwan, inefável na sua propaganda anticomunista, já organizou um comité «ad hoc» para, até à data fatal, receber a população chinesa que queira fugir da ilha, tentando desta forma, converter-se no país que atrairá, também, os capitais em fuga.

E Macau?

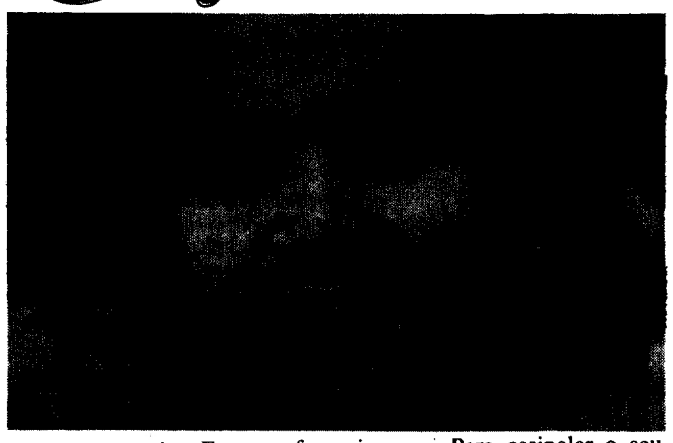
Até agora as autoridades chinesas ainda não revelaram as suas intenções para este território de administração portuguesa e têm tido sempre o cuidado de não envolverem Macau no caso de Hong Kong, afirmando ser um assunto a resolver oportunamente. Apesar disso, uma das versões que certos sectores encaram como verosímil é a do jornalista David Bonavia, um conceitoado sinólogo, que crê poderem as autoridades chinesas entrarem de posse de Macau antes de 1997, para assim mostrarem aos habitantes de Hong Kong a qualidade do seu trabalho e afastarem, de certa maneira, os receios dos empresários da ilha.

(1) Hong Kong Dollar (HK$) = 16$50 escudos ■

doces crónicas



Clip



● A Cooperativa Eranova faz seis anos. Para assinalar o seu aniversário resolveu promover alguns concertos «em grande». Em Lisboa, o primeiro é na próxima sexta-feira, às 21 e 30 e o seu protagonista é Fausto que apresenta, pela última vez, «Por Este Rio Acima». Amanhã, a música é outra, mas a qualidade mantém-se. Maria João Pires toca no Grande Auditório da Gulbenkian, obras de Schubert e Chopin. Às 18 e 30 e com a lotação já esgotada.

● O ballet tem, também, lugar de destaque, esta semana. Na quinta-feira, às 21 e 30, a Companhia Nacional de Bailado dança, no Teatro da Trindade, «Transparências» (Armando Jorge e Freitas Branco); «Prelúdios» (Oscar Araiz e Chopin); «Vivaldi» (Cictor Navarro e Vivaldi); e «Cisne Negro» (Petipa e Tchaikowsky).

● Literatura e Lisboa são os «genéricos» de duas conferências que têm lugar hoje, respectivamente, na Associação Portuguesa de Escritores e no Anfiteatro do ISCTE (à Cidade Universitária), às 21. e 30 e 18 e 30. A primeira destina-se a fazer o balanço da produção literária em Portugal durante o ano passado. Os participantes são Fernando J. B. Martinho, Matilde Rosa Araújo, Luís Forjaz Trigueiro, Osório Mateus, João d'Almeida Flor, Alberto Carvalho e Carlos Reis. A segunda integra-se num ciclo de colóquios sobre Lisboa promovidos por estudantes de ISCTE. O tema de hoje é «Lisboa, cidade branca — cidade negra», sendo orador o sociólogo Victor Matias Ferreira.

● Um ciclo dedicado ao realizador alemão Werner Herzog tem hoje o seu início, com a exibição do filme «O Enigma de Kaspar Hauser». Às 18 e 30, no Teatro Garcia de Resende, em Évora. A entrada é livre. Em Lisboa, um outro ciclo, desta vez centrado sobre Lauro António. Na Cinemateca, às 18 horas de 5.ª-feira, o primeiro filme da série «Histórias de Mulheres». Dá pelo nome de «Paisagem sem Barcos» e é baseado na obra homónina de Maria Judite de Carvalho. Até lá, «Rumos do Cinema», no Quarteto, esperam por si, com «Jonas que Terá 25 Anos no Ano 2000», de Alain Tanner e «Satyricon», de Fellini. Às 23 e 30. Em qualquer altura, não deixe de passar pelo Alfa, Mundial ou Berna onde se encontra em exibição «Jogos de Guerra», de John Badham: a guerra termonuclear global jogada por um computador, por sugestão de um adolescente, e que, por um triz, não se torna realidade. Um filme empolgante.

● Chandler está de volta. Não, ainda não é a reedição do «Último Adeus», mas a reposição de «Marlowe», pela Casa da Comédia. Hoje, terça e quarta, às 22 horas. Também hoje e até quinta-feira, Manuel Cintra interpreta «O Diário de um Louco», de Nicolau Gogol. Na Sociedade Portuguesa de Autores, às 18 e 30. ■

Mensagens pessoais

Aparelhagem

Grundig Compact-Center 430-2 incluindo: gira-discos (Auto Return), Tuner (MW, LW, FM. K/SW), amplificador e gravador de cassetes (normal, ferro, crómio); tendo ainda móvel e colunas de som (40W RMS, 60W musicais). Vendo tudo por 42 500$00. Contactar: Augusto, 706547 (depois das 20h30).

Dyane Super

Vendo urgente. 1978 — 64 500 km, bom estado, 1 dono, melhor oferta, Anabela Silva, 921 70 01 (Depois das 20 h).

«Sol Nascente»

Quem dispõe dos primeiros números do «Sol Nascente» a partir da sua publicação de 1937?
J. Pires. Av. Barbosa du Bocage, 65-1.º, 1000 Lisboa.

«Seara Nova»

«Seara Nova» dos anos 1965 a 1974, vendo uma colecção completa. J. Pires. Av. Barbosa du Bocage, 65-1.º, 1000 Lisboa.

Caloríferos a gás

Usados: 1 Evalux Super, 1 Butarradiant, 2 Fire Ball, telef. 886221 (das 14 às 20 horas).

Apartamento — Parede

Mobilado, 2 assoalhadas, cozinha, casa de banho, pequeno hall, pequena marquise, etc. Muito perto da estação e da praia. Aluga-se em duas modalidades: de Abril a Junho ou de Abril a Setembro. Telef. 2472032.

«Abat-Jours»

Vendo. Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu próprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal.
Av. do Brasil, 182, traseiras. Fácil estacionamento. Telefone 881937, 1700 Lisboa.

Aparelho medir tensão arterial

Vendo aparelhos de medir a tensão arterial ao preço de 2800$00. Pedidos à cobrança para Apartado 5386, 1708 Lisboa Codex ou pelo telefone 767494.

Emprego — Preciso

Mulher, 45 anos, 5.º ano do liceu (antigo), 3 filhos estudantes, procura emprego como: empregada consultório, balcão ou trabalho de limpeza em banco ou hotel. Bom aspecto.
Favor contactar para: Maria Natércia Esteves. R. José P. Chaves, 4, r/c-Esq. 1500 Lisboa ou pelo telef. 743237.

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

Responsável de edição, João Mendes.
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa